ECONSTOR
Make Your Publications Visible.

A Service of
ZBW
Leibniz-Informationszentrum Wirtschaft
Leibniz Information Centre for Economics

Pereira, Caroline Nascimento; de Castro, César Nunes; Porcionato, Gabriela Lanza

Working Paper

Dinâmica econômica, infraestrutura e logística no Matopiba

Texto para Discussão, No. 2382

Provided in Cooperation with:
Institute of Applied Economic Research (ipea), Brasília

Suggested Citation: Pereira, Caroline Nascimento; de Castro, César Nunes; Porcionato, Gabriela Lanza (2018) : Dinâmica econômica, infraestrutura e logística no Matopiba, Texto para Discussão, No. 2382, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília

This Version is available at:
https://hdl.handle.net/10419/211333

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.

WWW.ECONSTOR.EU

Mitglied der Leibniz-Gemeinschaft

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2382

DINÂMICA ECONÔMICA, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA NO MATOPIBA

Caroline Nascimento Pereira
César Nunes de Castro
Gabriela Lanza Porcionato

ipea

2382

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Brasília, abril de 2018

DINÂMICA ECONÔMICA, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA NO MATOPIBA

Caroline Nascimento Pereira[1]
César Nunes de Castro[2]
Gabriela Lanza Porcionato[3]

1. Assistente de pesquisa III na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea.
2. Especialista em políticas públicas e gestão governamental da Dirur/Ipea.
3. Assistente de pesquisa III na Dirur/Ipea.

Governo Federal

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Ministro Esteves Pedro Colnago Junior

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Ernesto Lozardo

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Rogério Boueri Miranda

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
Alexandre de Ávila Gomide

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
Alexandre Xavier Ywata de Carvalho

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura
Fabiano Mezadre Pompermayer

Diretora de Estudos e Políticas Sociais
Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
Ivan Tiago Machado Oliveira

Assessora-chefe de Imprensa e Comunicação
Regina Alvarez

Ouvidoria: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: http://www.ipea.gov.br

Texto para Discussão

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2018

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-

ISSN 1415-4765

1.Brasil. 2.Aspectos Econômicos. 3.Aspectos Sociais. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 330.908

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

JEL: Q1; R1; R11.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 7

2 CARACTERIZAÇÃO DO MATOPIBA 9

3 CARACTERIZAÇÃO DOS SETORES INDUSTRIAL E DE SERVIÇOS 44

4 INFRAESTRUTURA 69

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 83

REFERÊNCIAS 84

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR 86

ANEXO A 87

SINOPSE

A região de fronteira agrícola que agrega parte dos estados da Bahia, do Maranhão, do Piauí e do Tocantins, conhecida como Matopiba, tem apresentado considerável crescimento nos últimos anos. Esse dinamismo é resultado da produção agrícola de grãos, como soja, milho e algodão, em grandes propriedades e com alto uso de máquinas e equipamentos. Assim sendo, este trabalho mensura aspectos da dinâmica econômica da região, com a caracterização das atividades agrícola, industrial e de serviços e o mapeamento da infraestrutura e logística da região. Observou-se que, mesmo com forte crescimento, a região ainda possui gargalos a serem superados para facilitar o armazenamento e o escoamento da produção, como portos, rodovias e ferrovias. Ademais, padece de desigualdade social, o que demanda políticas públicas para equilibrar o melhor uso dos recursos e a justa distribuição da renda. Assim, é possível afirmar que se trata de uma região de enclave de difícil coalisão, devido às diferentes forças existentes na região, como agricultura empresarial, áreas de preservação, agricultura familiar, quilombolas e indígenas.

Palavras-chave: Matopiba; desenvolvimento socioeconômico; infraestrutura; logística.

ABSTRACT

The agricultural frontier known as Matopiba, has shown considerable growth in recent years. This dynamism results from the agricultural production of grains such as soybean, corn and cotton in large properties and with use of machinery and equipment. Thus, the work measures aspects of the economic dynamics of the region, with the characterization of agricultural, industrial and service activities and mapping the infrastructure and logistics. It was observed that even with strong growth, the region still has bottlenecks to be overcome to facilitate the storage and flow of production, such as ports, highways and railroads. In addition, it suffers from social inequality, which demands public policies to balance the best use of resources and the fair distribution of income. Thus, it is possible to affirm that it is an enclave region of difficult coalition due to the different forces existing in the region, such as business agriculture, preservation areas, family agriculture, quilombolas and indigenous.

Keywords: Matopiba; economics development; infrastructure; logistics.

1 INTRODUÇÃO

A expressão Matopiba é um acrônimo criado a partir das iniciais dos estados do Maranhão, do Tocantins, do Piauí e da Bahia, utilizado para designar a parte do território desses estados pertencente ao bioma Cerrado e onde se desenvolve uma agricultura de alta produtividade com uso intensivo de insumos modernos (Miranda, 2015).

A importância da região é tamanha que estava em implantação uma superintendência de desenvolvimento, tal qual a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), para gerir a região, sob o comando do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o que poderia significar uma sobreposição de instituições (Sá, Morais e Campos, 2015). Porém, essa ideia já foi descartada a partir de decreto do governo federal de setembro de 2016. De todo modo, trata-se de uma região de alto potencial agrícola (Esquerdo *et al.*, 2015; Mangabeira, Magalhães e Daltio, 2015), considerada por Evaristo Miranda (2015) como a última fronteira agrícola do mundo. O dinamismo é tamanho que, em 2015, a produção de grãos no Sudeste foi de 17,6 milhões de toneladas, e o Nordeste, puxado pela força do Matopiba, produziu 16,2 milhões de toneladas no mesmo ano, segundo dados da Pesquisa de Produção Agrícola Municipal do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (PAM/IBGE).[1]

A delimitação territorial do Matopiba foi feita pelo Grupo de Inteligência Territorial e Estratégica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Gite/Embrapa), baseada nas áreas de Cerrado existentes nos quatro estados, seguidas de critérios socioeconômicos, segundo o Gite/Embrapa[2] (mapa 1). O bioma Cerrado cobre 90,9% do território do Matopiba, que também conta com os biomas Amazônia (7,2%) e Caatinga (1,64%). A oficialização da fronteira ocorreu em 6 de maio de 2015, por meio do Decreto nº 8.447, que dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba (PDA) (Brasil, 2015).

O Matopiba é uma área de transição entre os biomas Cerrado e Semiárido, onde as condições de clima não são iguais às regiões agrícolas consolidadas em Goiás ou Mato Grosso, com área diversa em termos de ocupação e cobertura da terra, composta por agricultura empresarial, áreas de preservação, agricultura familiar, quilombolas e indígenas. A região do Matopiba apresenta condições propícias para a agricultura, pois são áreas planas e extensas, com solos de alto potencial produtivo, disponibilidade de água e clima

1. Disponível em: <https://goo.gl/3Pcrbp>. Acesso em: 9 ago. 2016.
2. A Embrapa foi responsável pelo estudo que subsidiou a institucionalização da área.

favorável, com elevada intensidade de sol. Com relação às propriedades químicas, os solos do Cerrado são de baixa fertilidade natural (solos pobres) e apenas mediante a adubação complementar (geralmente química) é que se tornam solos produtivos.

A partir das boas condições locais para a produção de grãos,[3] o Matopiba tornou-se um grande produtor nos últimos anos, com crescimento de 239%, entre os anos 2000 e 2014, da quantidade produzida de grãos. Os ganhos alcançados ao longo dos anos trouxeram crescimento para a região, pois a produção de *commodities* é considerada capital-intensiva, ou seja, há intenso uso de máquinas, colheitadeiras, insumos e toda variedade de tecnologias, com menor uso do fator trabalho, o que diminui a apropriação da renda pelos trabalhadores. Assim sendo, observou-se que o produto interno bruto (PIB) da região cresceu vigorosamente, porém a distribuição de renda não apresentou melhoria proporcional ao aumento da riqueza, ou seja, baseando-se no conceito de desenvolvimento de Celso Furtado, não se observou tal desenvolvimento na região, apenas seu crescimento.

Evaristo Miranda, do Gite/Embrapa, fez uma importante afirmação ao dizer que o Matopiba é um "arquipélago de ilhas de prosperidade num mar de pobreza e miséria rural" (Miranda, 2015). Essa frase se refere à questão da concentração de renda, um ponto crucial na região, pois os fatores terra, capital e tecnologia se concentram em poucas mãos. Além disso, por se tratar de agricultura baseada em grandes latifúndios, com monoculturas de algodão, milho e soja, tem-se uma situação de enclave, pois é uma região sob domínio de dois agentes econômicos: os grupos multinacionais do agronegócio e os grandes proprietários fundiários. Segundo Sá, Morais e Campos (2015), a participação do Estado ocorre para a construção de infraestrutura voltada para o agronegócio, com recursos financeiros e pesquisa destinados às *commodities*, podendo trazer crescimento econômico para a região, fato que será observado na variação do PIB total e *per capita*, porém, tal ganho não necessariamente resultará no desenvolvimento da região.

Apesar dos resultados contrastantes, o Mapa considera o Matopiba estratégico para a ascensão social dos pequenos produtores locais e para o incremento da produção e da exportação agropecuária do país (Matopiba..., 2015). A atuação do governo no Matopiba visa à melhoria das condições dos produtores, com ampliação e fortalecimento da classe média do campo, com assistência técnica e extensão rural. Estava em discussão o formato da Agência de Desenvolvimento do Matopiba, visando melhorar as condições dos produtores locais e superar os desafios regionais, como infraestrutura e logística.

3. Conjunto de grãos considerados neste trabalho: algodão, arroz, feijão, milho, soja e sorgo, a partir de lista de grãos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Entretanto, o projeto foi extinto por meio de decreto do governo federal, deixando para trás o projeto do Mapa em conjunto com representantes dos estados envolvidos, da iniciativa privada, de entidades de classe e de instituições de ensino.[4]

De todo modo, a região do Matopiba possui gargalos que precisam ser superados para que a produção cresça, através de investimento e melhorias na infraestrutura, como portos, rodovias, ferrovias, armazenamentos, entre outros. Além disso, há outras questões negativas para a região, como a elevação do preço da terra, a frouxidão da política fundiária e o aprofundamento da política agrícola voltada para mercados externos, não priorizando o mercado interno e as demandas dos consumidores locais.

Este trabalho busca mensurar aspectos da dinâmica econômica da região do Matopiba, por meio do levantamento do PIB regional e setorial, a fim de verificar o peso de cada atividade produtiva para a região como um todo e para seus municípios individualmente, faz-se, então: a caracterização das atividades (agricultura, indústria, serviços e comércio na região); o mapeamento das condições de armazenamento e infraestrutura rodoviária, ferroviária e aeroportuária existente; e a identificação preliminar dos principais gargalos.

Para melhor análise dos dados, a apresentação destes foi feita por microrregiões e, em alguns casos, por municípios. Este trabalho está dividido em quatro seções, além desta introdução. A seção 2 faz a caracterização do Matopiba; a seção 3 traz as informações sobre o PIB e sua composição e a caracterização dos setores da economia da região; a seção 4 expõe os dados sobre infraestrutura e logística do Matopiba. Por fim, na seção 5, têm-se as considerações finais do trabalho.

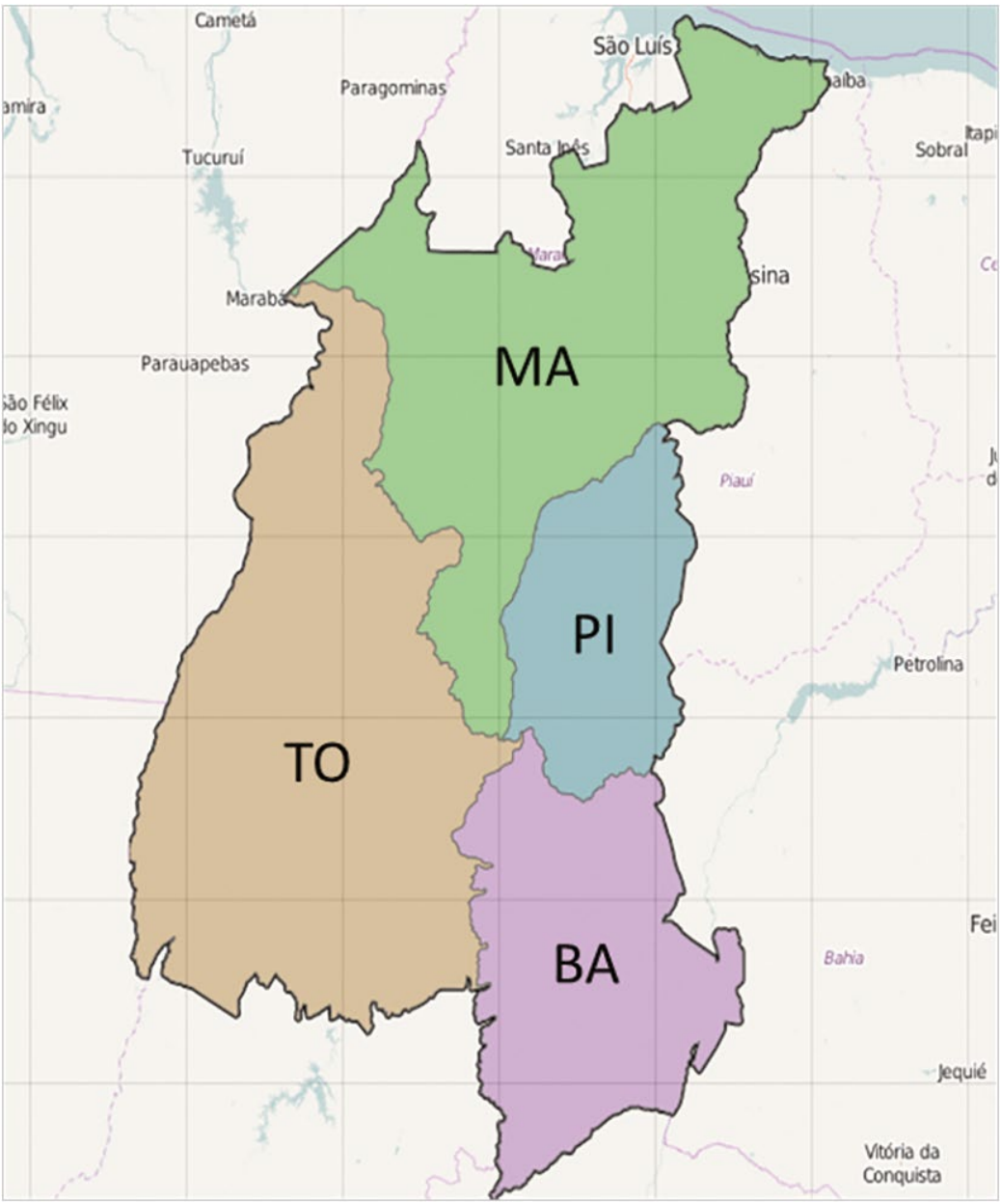
2 CARACTERIZAÇÃO DO MATOPIBA

O Matopiba possui área total de 73.125.724 ha, composta por porções dos estados da Bahia, do Maranhão e do Piauí e por todo o território do Tocantins. A composição da região é dada por 135 munícipios do Maranhão, participando com 33% da região; 139 municípios do Tocantins, com 38% do Matopiba; 33 municípios do Piauí, com 11% de participação; e 30 municípios da Bahia, com 18% na área total. Assim sendo, o

4. Em maio de 2015, a então presidente Dilma Rousseff assinou um decreto para a criação da Agência de Desenvolvimento do Matopiba, voltada para tecnologia, com investimentos em capacitação, inovação, pesquisa, agricultura de precisão e assistência técnica. A última atualização da criação da agência é de 3 de maio de 2017, data em que esta foi aprovada por unanimidade pela Comissão de Integração Nacional, Desenvolvimento Regional e da Amazônia (Cindra).

Matopiba totaliza 337 municípios, agrupados em 10 mesorregiões e 31 microrregiões, com sua configuração apresentada no mapa 1.

MAPA 1
Delimitação da Embrapa e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) – Matopiba



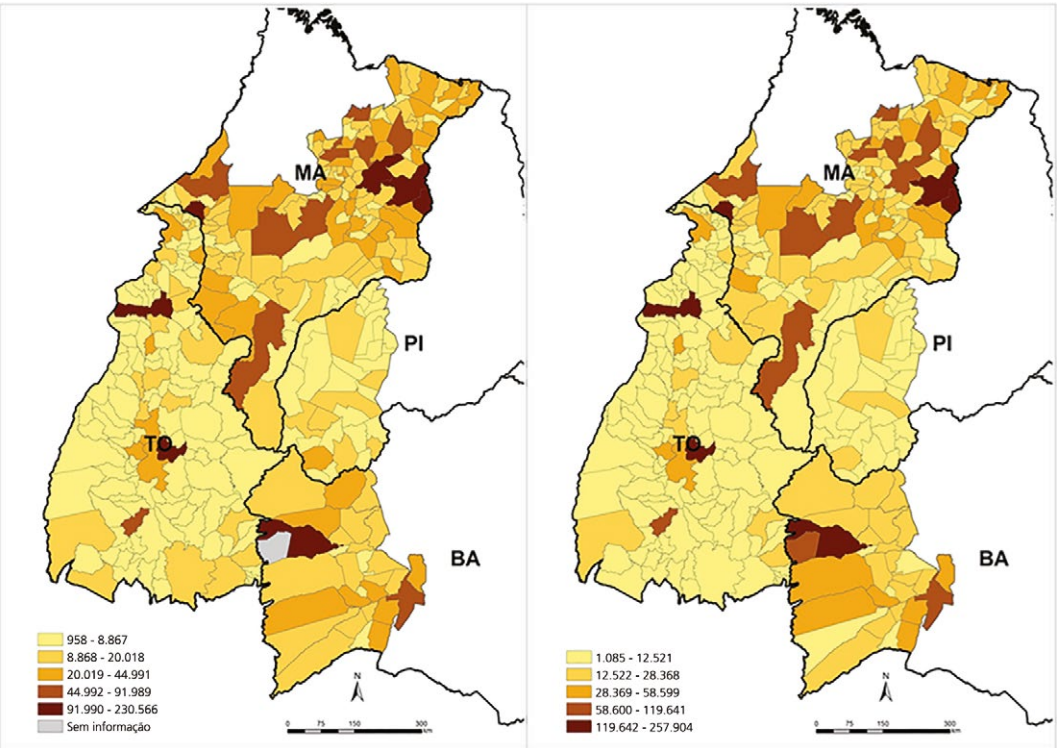
Fonte: Gite/Embrapa. Disponível em: <https://goo.gl/5M5qzL>. Acesso em: ago. 2016.

Entre as microrregiões que compõem o Matopiba, quinze são do Maranhão, oito do Tocantins, quatro do Piauí e quatro da Bahia. As microrregiões de Barreiras (BA), Imperatriz (MA) e Porto Nacional (TO) estão entre as primeiras no *ranking* do PIB, apresentando PIBs superiores a R$ 7 milhões, em 2013, provenientes do excelente desempenho da produção agropecuária nessas microrregiões. Em termos de área, as microrregiões do Jalapão (TO), do Rio Formoso (TO), de Dianópolis (TO), de Barreiras (BA) e de Santa Maria da Vitória (BA) perfazem 30% da área total do Matopiba, além de serem áreas de elevado PIB.

A tabela 1 apresenta os dados sobre as microrregiões, com área, número de municípios e população, a qual totalizou 6,2 milhões de pessoas, em 2013, ordenada pelas microrregiões mais populosas. A microrregião de Imperatriz (MA) é a mais populosa, com 9,4% dos habitantes; seguida de Caxias (MA), com 6,9%; e Médio Mearim (MA), com 6,7%. O Maranhão possui 58,6% da população total do Matopiba. O Tocantins possui 24% do total da população, com as microrregiões de Porto Nacional e Araguaína com 5,8% e 4,2% da população do Matopiba, respectivamente. A Bahia conta com 13,2% da população e o Piauí, com 4,3%.

A população do Matopiba cresceu 20,6% entre os anos 2000 e 2013, enquanto o crescimento populacional do conjunto de estados que abriga a região foi de 17,7%. O crescimento das porções dos estados pertencentes ao Matopiba foi de 27,7% no Tocantins, 24,2% na Bahia, 17,7% no Maranhão e 14,1% no Piauí. O crescimento no Maranhão e no Piauí ficou abaixo do verificado na totalidade destes estados, que foi de 20,2% e 20,7%. Por sua vez, a porção da Bahia pertencente ao Matopiba cresceu 24,2%, ao passo que a totalidade do estado da Bahia apresentou crescimento populacional de 15,1%. Entre as microrregiões, Porto Nacional (TO) cresceu 63,9%; Barreiras (BA), 54,7%; Lençóis Maranhenses (MA), 38,6%; e Itapecuru Mirim (MA), 38,5%. Estas quatro microrregiões foram as que mais contribuíram para o crescimento da região em estudo (mapa 2).

MAPA 2
População – Matopiba
2A – 2000 2B – 2013



Fonte: IBGE.

As microrregiões mais populosas não são necessariamente as mais povoadas. Na tabela 1, é possível observar a densidade demográfica e nota-se que a microrregião Médio Mearim (MA) possui densidade de 37,72 hab./km²; Itapecuru Mirim (MA), 31,62 hab./km², Presidente Dutra (MA), 29,63 hab./km²; Caxias (MA), 27,95 hab./km²; e Codó (MA) 27,22 hab./km². Como é possível observar, as microrregiões mais povoadas, como as supracitadas e as demais acima de 16 hab./km², estão localizadas no estado do Maranhão. A única exceção é a microrregião de Porto Nacional (TO), com 16,90 hab./km².

TABELA 1
Área, número de municípios, população total e densidade demográfica, por microrregião – Matopiba (2013)

Microrregião	Unidade da Federação (UF)	Área (km²)	Número de municípios	População total	Densidade demográfica (hab./km²)
Imperatriz	MA	29.245	16	580.283	19,842
Caxias	MA	15.330	6	428.592	27,958
Médio Mearim	MA	11.005	20	415.203	37,727
Porto Nacional	TO	21.198	11	358.276	16,901
Barreiras	BA	52.821	7	321.062	6,078
Alto Mearim e Grajaú	MA	36.628	11	320.723	8,756
Araguaína	TO	26.440	17	298.783	11,301
Codó	MA	9.910	6	269.763	27,221
Chapadinha	MA	10.797	9	234.229	21,695
Itapecuru Mirim	MA	7.059	8	223.241	31,627
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	25.017	13	214.158	8,561
Bico do Papagaio	TO	15.768	25	207.214	13,141
Presidente Dutra	MA	6.548	11	194.017	29,631
Santa Maria da Vitória	BA	41.986	9	189.564	4,515
Lençóis Maranhenses	MA	10.755	6	186.318	17,324
Bom Jesus da Lapa	BA	14.415	6	182.438	12,656
Miracema do Tocantins	TO	34.776	24	147.591	4,244
Gurupi	TO	27.445	14	144.769	5,275
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	6.033	6	139.621	23,143
Gerais das Balsas	MA	36.503	5	136.434	3,738
Dianópolis	TO	47.181	20	122.716	2,601
Rio Formoso	TO	51.406	13	122.527	2,384
Cotegipe	BA	22.631	8	121.912	5,387
Porto Franco	MA	14.227	6	114.767	8,067
Alto Médio Gurguéia	PI	27.615	11	90.379	3,273
Coelho Neto	MA	3.607	4	90.137	24,990
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	17.854	9	84.144	4,713
Jalapão	TO	53.507	15	76.288	1,426
Chapadas das Mangabeiras	MA	16.969	8	70.058	4,129
Alto Parnaíba Piauiense	PI	25.485	4	45.011	1,766
Bertolínia	PI	11.098	9	41.314	3,723
Total		**731.257**	**337**	**–**	**–**

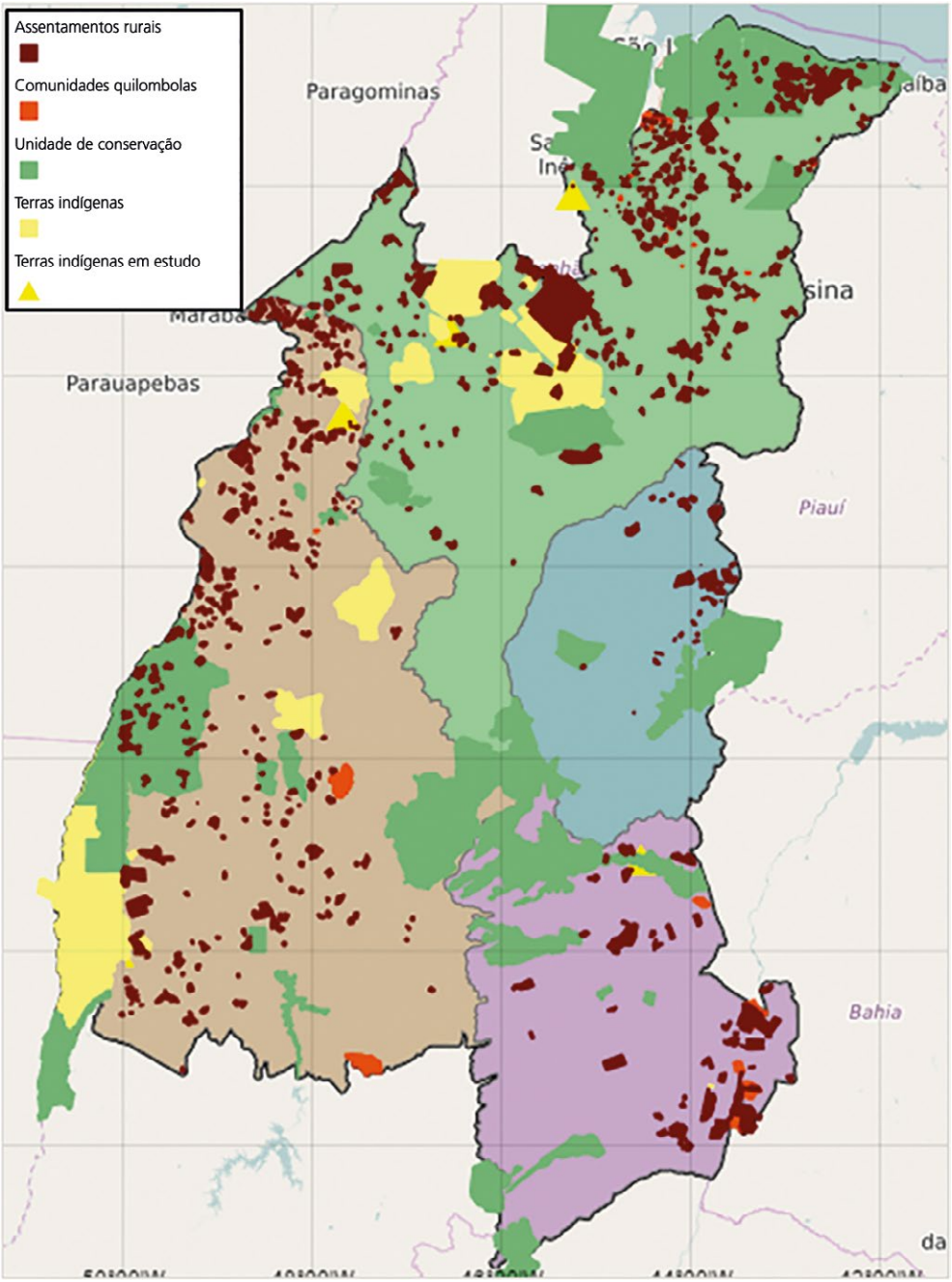
Fontes: IBGE e Atlas do Desenvolvimento Humano/Ipea (2016). Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Em relação à ocupação do território por povos indígenas, quilombolas e assentamentos rurais, tem-se que 3,8 milhões de hectares são terras indígenas, as quais devem ser preservadas, porque são áreas do território nacional e de propriedade da União, habitadas e utilizadas pelos povos indígenas para suas atividades produtivas, imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e cruciais à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (Funai, [s.d.]).

Com isso, teme-se o avanço da agricultura sobre as áreas ainda em estudo, não demarcadas ou regularizadas.[5] Os governos federal, estaduais e a Fundação Nacional do Índio (Funai) devem estar atentos para que o avanço da agricultura não seja marcado por atos de violência e para que se respeitem os territórios dos povos de origem. Cerca de 63% das terras indígenas existentes no Matopiba estão localizadas no Tocantins, 36% no Maranhão e 1% na Bahia (Funai, [s.d.]). Também há 244 mil hectares de comunidades quilombolas, localizadas 51% no Tocantins, 30% na Bahia e 19% no Maranhão, entre áreas com decreto, titulação parcial e área em edital. O Piauí não possui registro de terras indígenas e quilombolas[6] (mapa 3).

5. Não há dados para a superfície (hectares) de terras indígenas em fase de estudo.
6. A inexistência de registros de terras indígenas não equivale à inexistência de povos indígenas nem de reivindicações fundiárias (Funai, [s.d.]).

MAPA 3
Assentamentos rurais, comunidades quilombolas e terras indígenas – Matopiba (2016)



Fonte: Gite/Embrapa. Disponível em: <https://goo.gl/5M5qzL>. Acesso em: ago. 2016.

A região também possui 1.053 assentamentos rurais, ocupando 4,4 milhões de hectares com 100.205 famílias assentadas (tabela 2).[7] O Maranhão possui aproximadamente 50% da área e do número de assentamentos do Matopiba. O Tocantins possui 28,4% da área de assentamentos e 36% do número de assentamentos. A Bahia possui 13,8% da área e 7% dos assentamentos. Por fim, o Piauí possui 7,7% da área e 4% do número total de assentamentos.

TABELA 2
Assentamentos de reforma agrária – Matopiba (2016)

UF	Número de assentamentos	Número de famílias	Área de assentamentos
MA	549	61.644	2.244.667
TO	380	23.670	1.242.039
PI	47	3.373	276.036
BA	77	11.518	603.395
Total	**1.053**	**100.205**	**4.366.136**

Fonte: Painel Incra. Disponível em: <https://goo.gl/csf5Vc>. Acesso em: 6 set. 2016.

Diante da expressividade da agropecuária na região, o PIB do Matopiba vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. Entretanto, o PIB *per capita* da região ainda não apresenta a mesma expressividade, pois, de um lado, o PIB é alto e vem apresentando crescimento nos últimos anos, de outro, o PIB *per capita*, embora crescente, está abaixo da média brasileira e da região Nordeste como um todo.

7. Painel Incra. Disponível em: <https://goo.gl/csf5Vc>. Acesso em: 6 set. 2016.

TABELA 3
PIB, população e PIB *per capita* – Matopiba

Microrregiões	UF	PIB (R$ mil)			População			PIB *per capita* (R$)		
		2000	2006	2013	2000	2006	2013	2000	2006	2013
Barreiras	BA	1.409.194	3.012.744	9.893.781	207.485	259.501	321.062	6.791,79	11.609,76	30.815,79
Imperatriz	MA	1.348.456	3.533.509	8.047.885	508.866	529.961	580.283	2.649,92	6.667,49	13.868,90
Porto Nacional	TO	903.981	2.516.596	7.600.799	218.656	265.375	358.276	4.134,26	9.483,17	21.214,93
Araguaína	TO	734.739	2.015.931	4.676.398	229.322	237.169	298.783	3.203,96	8.499,98	15.651,49
Médio Mearim	MA	527.618	1.288.552	4.412.841	401.112	387.641	415.203	1.315,39	3.324,09	10.628,15
Gerais das Balsas	MA	520.378	911.377	3.779.726	105.256	124.465	136.434	4.943,93	7.322,35	27.703,70
Gurupi	TO	547.272	1.395.546	3.119.018	121.858	130.184	144.769	4.491,06	10.719,79	21.544,79
Caxias	MA	509.665	1.355.761	2.999.326	364.798	389.591	428.592	1.397,11	3.479,96	6.998,09
Santa Maria da Vitória	BA	382.401	815.553	2.450.632	177.096	179.870	189.564	2.159,28	4.534,12	12.927,73
Miracema do Tocantins	TO	416.156	1.032.278	2.035.948	136.115	137.168	147.591	3.057,38	7.525,64	13.794,53
Rio Formoso	TO	447.695	938.437	2.029.588	102.471	108.820	122.527	4.368,99	8.623,75	16.564,41
Alto Mearim e Grajaú	MA	335.403	835.601	1.833.447	268.754	287.633	320.723	1.247,99	2.905,09	5.716,61
Bico do Papagaio	TO	263.293	703.496	1.745.216	174.224	180.500	207.214	1.511,23	3.897,49	8.422,29
Porto Franco	MA	177.922	507.005	1.658.193	89.671	97.157	114.767	1.984,16	5.218,41	14.448,34
Dianópolis	TO	249.168	604.729	1.619.921	112.172	116.972	122.716	2.221,30	5.169,86	13.200,57
Codó	MA	291.702	720.683	1.518.773	241.099	248.699	269.763	1.209,89	2.897,81	5.630,03
Alto Parnaíba Piauiense	PI	91.619	468.268	1.248.089	36.543	41.825	45.011	2.507,15	11.195,89	27.728,53
Chapadinha	MA	224.024	590.927	1.247.210	182.191	202.636	234.229	1.229,61	2.916,20	5.324,75
Presidente Dutra	MA	226.876	482.199	1.200.252	175.616	180.238	194.017	1.291,88	2.675,35	6.186,32
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	215.631	479.281	1.198.268	190.827	201.799	214.158	1.129,98	2.375,04	5.595,25
Itapecuru Mirim	MA	168.175	480.749	1.183.066	161.136	179.790	223.241	1.043,68	2.673,95	5.299,50
Bom Jesus da Lapa	BA	269.972	537.608	1.149.698	160.198	169.774	182.438	1.685,24	3.166,61	6.301,86
Chapadas das Mangabeiras	MA	183.986	376.821	964.062	62.081	65.239	70.058	2.963,65	5.776,01	13.760,92
Jalapão	TO	109.424	397.677	951.398	62.310	67.439	76.288	1.756,12	5.896,83	12.471,13
Lençóis Maranhenses	MA	129.335	312.037	848.684	134.435	154.358	186.318	962,06	2.021,51	4.555,03
Alto Médio Gurguéia	PI	119.034	266.883	825.251	77.275	83.588	90.379	1.540,39	3.192,84	9.131,01
Cotegipe	BA	177.395	289.452	708.301	111.637	114.387	121.912	1.589,04	2.530,46	5.809,94
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	111.058	267.409	696.658	113.126	128.059	139.621	981,72	2.088,17	4.989,64
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	99.883	203.037	520.390	76.344	83.051	84.144	1.308,33	2.444,73	6.184,52
Coelho Neto	MA	115.363	223.192	442.091	75.134	81.711	90.137	1.535,44	2.731,48	4.904,66
Bertolínia	PI	52.680	133.327	368.644	38.525	40.553	41.314	1.367,43	3.287,73	8.922,98
Total – Matopiba		**11.359.497**	**27.696.663**	**72.973.554**	**5.116.333**	**5.475.153**	**6.171.532**	**2.220,24**	**5.058,61**	**11.824,22**

Fonte: IBGE.

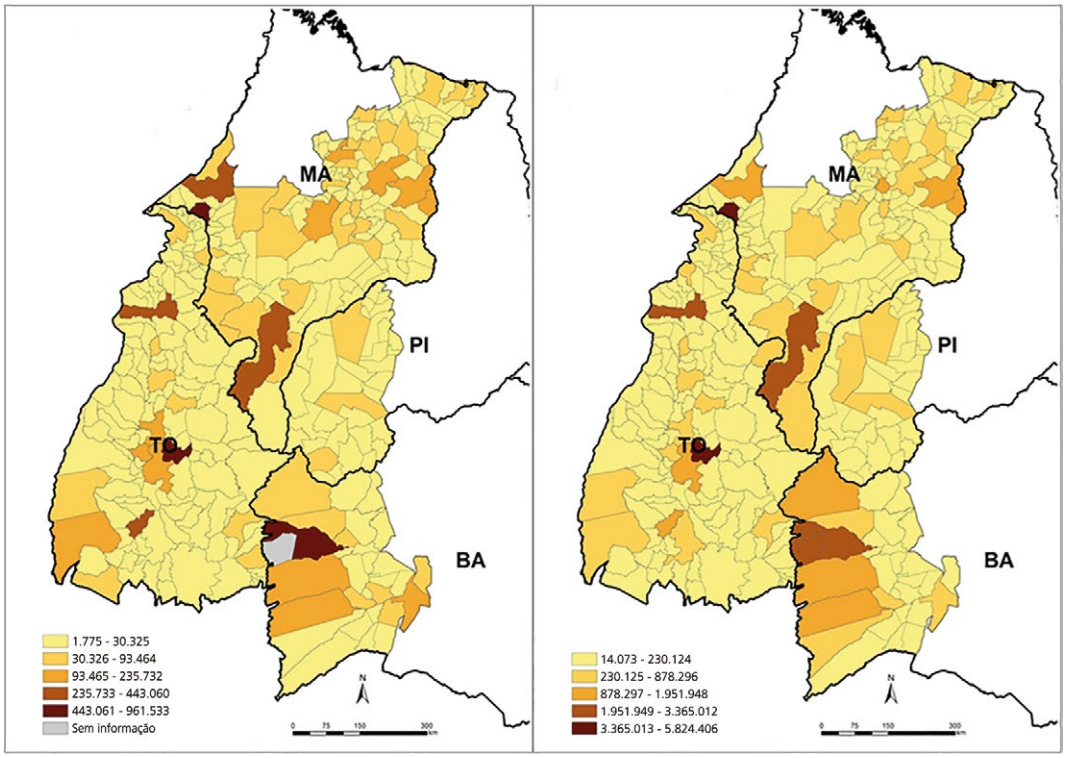
A tabela 3 apresenta informações sobre o PIB, população e PIB *per capita* do Matopiba. Enquanto o PIB *per capita* do Brasil, em 2013, foi R$ 26.446,00 e o do Nordeste foi R$ 12.955,00, o PIB *per capita* do Matopiba foi apenas R$ 11.824,00, em 2013, apesar da crescente riqueza gerada. Os maiores PIBs *per capita* do Matopiba estão na Bahia e no Tocantins, com R$ 17.427,00 e R$ 16.086,00, respectivamente. A porção piauiense apresentou PIB *per capita* de R$ 11.357,00 e a maranhense de R$ 8.854,00.

Observando as microrregiões, Barreiras (BA) vem assumindo o protagonismo como o maior PIB da região. Tal fato ocorreu em 2000 e 2013, com exceção do ano de 2006, quando a microrregião de Imperatriz (MA) ultrapassou o PIB da microrregião baiana. Somente Barreiras (BA) foi responsável por 13,6% do PIB do Matopiba em 2013, com R$ 9,9 bilhões, seguida de Imperatriz (MA), com R$ 8 bilhões. As cinco maiores microrregiões produtoras de riqueza na região – Barreiras (BA), Imperatriz (MA), Porto Nacional (TO), Araguaína (TO) e Médio Mearim (MA) – foram responsáveis por 47,46% do PIB do Matopiba, em 2013.

Ainda em relação ao PIB, entre os anos 2000 e 2013 houve crescimento de 542% no PIB do Matopiba, com destaque para algumas microrregiões, como o Alto Parnaíba Piauiense (PI), que possuía PIB de R$ 91 milhões, em 2000, e alcançou PIB de R$ 1,2 bilhão, em 2013, significando um crescimento de 1.262%. Outra microrregião com crescimento acima da média foi Porto Franco (MA), com 832%, saindo de R$ 177 milhões para R$ 1,66 bilhão. A microrregião de Porto Nacional (TO) cresceu 741%, saltando de R$ 903 milhões para R$ 7,6 bilhões. Já o Médio Mearim (MA) produziu R$ 527 milhões, em 2000, chegando a R$ 4,4 bilhões, em 2013, o que significou 741% de crescimento. Por fim, a microrregião de Barreiras (BA) cresceu 602%, saindo de R$ 1,4 bilhão para R$ 9,9 bilhões. Embora o crescimento de Barreiras (BA) esteja um pouco abaixo de outras microrregiões, é importante considerar a liderança dessa microrregião, assim como seu pioneirismo, pois no ano 2000 apenas Barreiras (BA) e Imperatriz (MA) possuíam PIB superior a R$ 1 bilhão, tendo crescido expressivamente ao longo dos anos. Assim sendo, é importante considerar a relevante informação de que, das 31 microrregiões do Matopiba, treze cresceram acima da média da região de 542%, conforme supracitado, o que revela o dinamismo e o grande potencial de expansão da região (mapa 4).

MAPA 4
PIB – Matopiba
(Em R$ 1 mil – a preços correntes)

4A – 2000 4B – 2013



Fonte: IBGE.

Por sua vez, o PIB *per capita*, conforme já foi dito, está crescendo, porém segue ainda abaixo das médias nacional, do Nordeste e dos estados componentes do Matopiba como um todo. Entretanto, a variação no PIB *per capita* entre os anos 2000 e 2013 foi maior na região do Matopiba do que entre os estados isolados e até mesmo no Brasil. Enquanto o Brasil teve um crescimento de 281% no PIB *per capita*, entre os anos 2000 e 2013, a região do Matopiba apresentou crescimento de 431%, maior que a região Nordeste como um todo, que cresceu 321%.

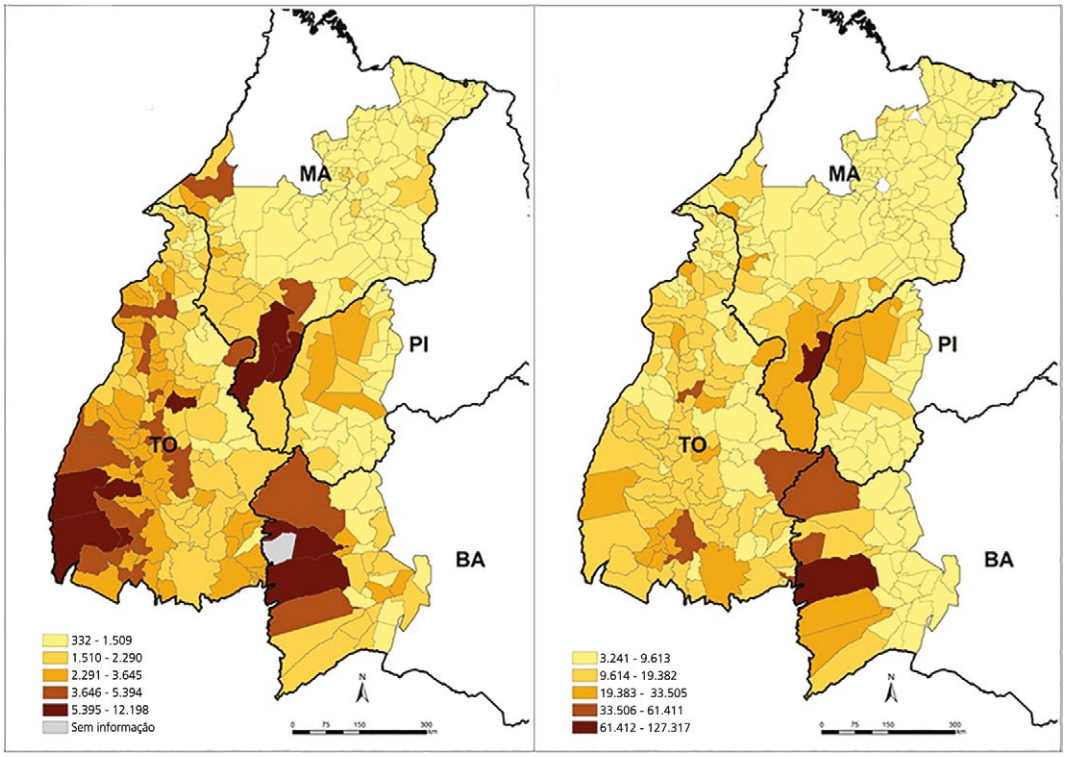
Novamente a microrregião de Barreiras (BA) é a líder de riqueza, no caso, com R$ 30.815,00 *per capita*, em 2013. Um fato curioso é a presença da microrregião Alto Parnaíba Piauiense (PI), como o segundo maior PIB *per capita*, R$ 27.728,00, a qual foi apontada anteriormente como a microrregião com maior crescimento do PIB entre 2000 e 2013. As demais microrregiões com PIB *per capita* superior à média do Nordeste

somam doze microrregiões, com destaque para Gerais das Balsas (MA), com R$ 27,7 mil; Gurupi (TO), com R$ 21,5 mil; Porto Nacional (TO), com R$ 21,2 mil; além de Barreiras (BA) e Alto Parnaíba Piauiense (PI), citadas anteriormente.

Como o PIB *per capita* refere-se ao PIB dividido pelo número de habitantes, é importante observar que o crescimento populacional vai interferir na riqueza *per capita*. Assim sendo, cabe ponderar que a microrregião de Barreiras (BA), que apresentou o segundo maior crescimento populacional (54,7%), teve mesmo assim o maior PIB *per capita*, resultado do expressivo crescimento do PIB. Assim como Imperatriz (MA), microrregião que possui o segundo maior PIB do Matopiba, que, devido à enorme população, apresentou PIB *per capita* apenas um pouco acima da média nordestina.

MAPA 5
PIB *per capita* – Matopiba
(Em R$)

5A – 2000 5B – 2013



Fonte: IBGE.

Entretanto, PIB *per capita* é um conceito que apenas revela o dinamismo econômico de uma região, ou seja, ele não significa que a população está tendo acesso à riqueza

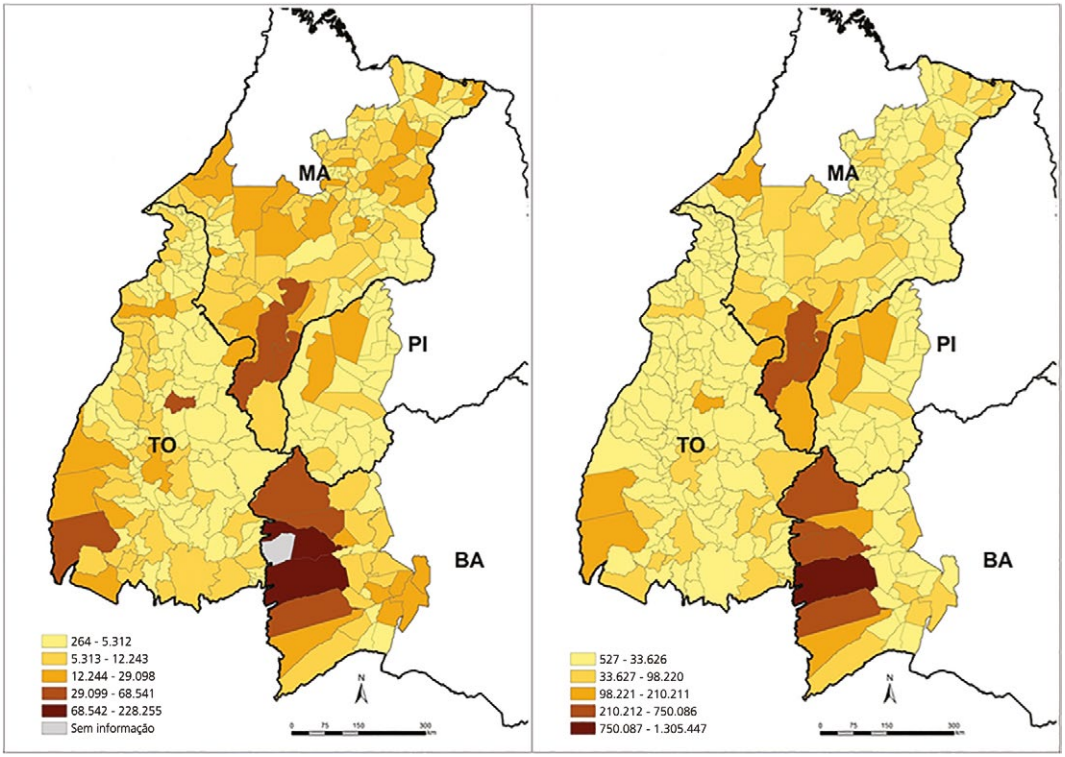
gerada, porém o valor alto aponta para o potencial de riqueza que poderia ser alcançada e melhor distribuída entre os habitantes. Todavia, não é o que se observa na região do Matopiba, quando se olha para os dados sociais, como índice de desenvolvimento humano (IDH), acesso a água e esgoto, escolas, hospitais, condição do domicílio, expectativa de vida, taxa de natalidade/mortalidade, entre outros indicadores que mostram o quanto uma região é desenvolvida.

A partir dos dados gerais do PIB da região e das microrregiões, cabe neste momento analisar a composição do PIB ou valor adicionado bruto pelos setores da economia: agropecuária, indústria e serviços, incluindo, neste último, administração, saúde e educação públicas, e seguridade social.

O conjunto de mapas a seguir (mapas 6, 7 e 8) apresenta os valores adicionados por cada setor para os anos 2000 e 2013.

MAPA 6
Valor adicionado bruto da agropecuária
(Em R$ 1 mil – a preços correntes)

6A – 2000 6B – 2013



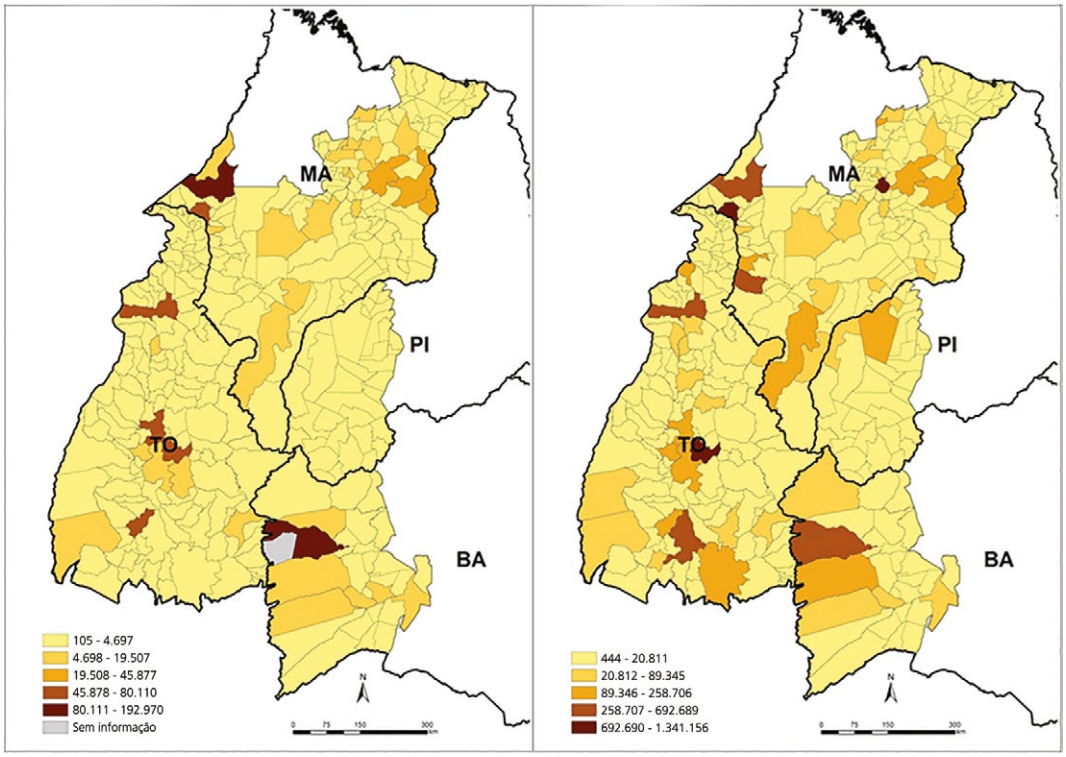
Fonte: IBGE.

MAPA 7

Valor adicionado bruto da indústria

(Em R$ 1 mil – a preços correntes)

7A – 2000 7B – 2013



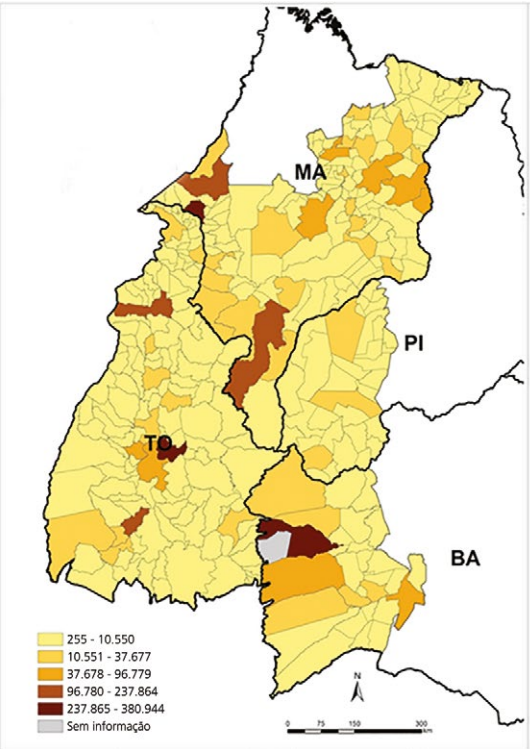
Fonte: IBGE.

MAPA 8

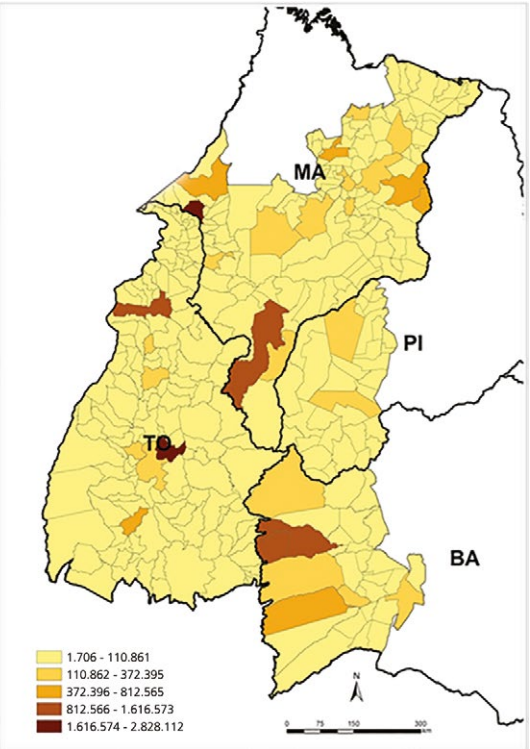
Valor adicionado bruto de serviços, exclusive administração, saúde e educação públicas, e seguridade social

(Em R$ 1 mil – a preços correntes)

8A – 2000



8B – 2013



Fonte: IBGE.

TABELA 4
PIB setorial – Matopiba
(Em %)

Microrregiões – MA	2000			2006			2013		
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agropecuária	Indústria	Serviços
Alto Mearim e Grajaú	31,0	7,8	61,2	39,2	7,7	53,1	23,9	6,2	69,8
Baixo Parnaíba Maranhense	30,1	9,4	60,4	26,9	9,3	63,8	23,2	4,7	72,0
Caxias	10,8	17,2	72,0	7,5	27,0	65,4	3,7	14,8	81,8
Chapadas das Mangabeiras	54,4	7,5	38,0	47,3	16,2	36,6	48,6	9,7	41,7
Chapadas do Alto Itapecuru	27,6	8,8	63,6	28,2	9,5	62,3	18,2	7,3	75,0
Chapadinha	32,6	7,7	59,7	40,0	7,1	52,8	17,7	5,9	76,4
Codó	17,3	17,8	64,9	15,5	26,0	58,5	8,1	11,1	80,9
Coelho Neto	15,9	26,2	57,9	22,4	18,5	59,1	8,4	9,5	82,1
Gerais das Balsas	30,2	5,1	64,7	21,0	7,2	71,8	41,3	10,3	48,4
Imperatriz	10,5	20,1	69,4	17,0	24,2	58,8	7,0	20,8	72,2
Itapecuru Mirim	24,0	10,8	65,2	35,5	8,9	55,6	10,2	17,9	71,9
Lençóis Maranhenses	34,4	8,4	57,2	28,1	9,3	62,7	17,7	4,6	77,7
Médio Mearim	24,8	10,8	64,4	28,8	9,4	61,8	9,7	36,3	53,9
Porto Franco	38,6	8,3	53,1	27,5	12,5	60,0	14,2	45,4	40,4
Presidente Dutra	26,0	9,4	64,6	24,2	9,7	66,1	15,8	6,2	78,0
Total	**22,6**	**13,2**	**64,3**	**23,6**	**16,4**	**59,9**	**15,9**	**18,0**	**66,1**
Microrregiões – TO									
Bico do Papagaio	19,7	7,7	72,6	18,6	14,7	66,7	10,3	7,1	82,6
Araguaína	17,0	14,5	68,5	14,3	23,8	62,0	6,9	17,3	75,8
Miracema do Tocantins	28,3	20,9	50,8	27,7	26,7	45,5	19,4	14,5	66,1
Rio Formoso	41,0	7,8	51,2	33,3	16,9	49,8	24,8	12,8	62,4
Gurupi	17,8	13,6	68,6	14,1	35,2	50,7	10,7	26,2	63,2
Porto Nacional	9,6	12,7	77,7	7,8	27,0	65,2	6,3	17,6	76,1
Jalapão	37,5	4,8	57,7	41,5	9,8	48,8	35,3	6,8	57,8
Dianópolis	32,3	9,2	58,5	30,1	15,5	54,3	24,6	16,5	58,8
Total	**21,6**	**12,7**	**65,8**	**18,5**	**24,0**	**57,4**	**12,6**	**16,7**	**70,8**
Microrregiões – PI									
Alto Médio Gurguéia	28,0	5,4	66,6	24,9	6,7	68,3	23,0	4,2	72,8
Bertolínia	28,2	6,9	64,9	37,1	8,1	54,8	26,4	12,5	61,1
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	28,2	5,5	66,3	18,1	8,2	73,7	17,1	4,6	78,3
Alto Parnaíba Piauiense	45,4	6,3	48,2	22,4	4,1	73,5	45,2	17,5	37,3
Total	**32,5**	**5,9**	**61,6**	**24,1**	**6,1**	**69,8**	**31,3**	**10,7**	**57,9**
Microrregiões – BA									
Barreiras	38,5	16,1	45,4	37,1	13,6	49,2	34,6	13,6	51,7
Bom Jesus da Lapa	32,0	8,9	59,1	22,8	10,1	67,1	16,8	3,6	79,5
Cotegipe	40,6	7,2	52,2	21,8	9,4	68,8	26,3	3,4	70,3
Santa Maria da Vitória	37,9	9,1	53,0	35,1	9,6	55,2	38,4	5,6	56,0
Total	**37,8**	**13,3**	**49,0**	**34,1**	**12,2**	**53,7**	**33,4**	**10,9**	**55,8**
Total – Matopiba	**25,6**	**12,8**	**61,6**	**23,7**	**17,9**	**58,4**	**18,9**	**15,9**	**65,3**

Fonte: IBGE.

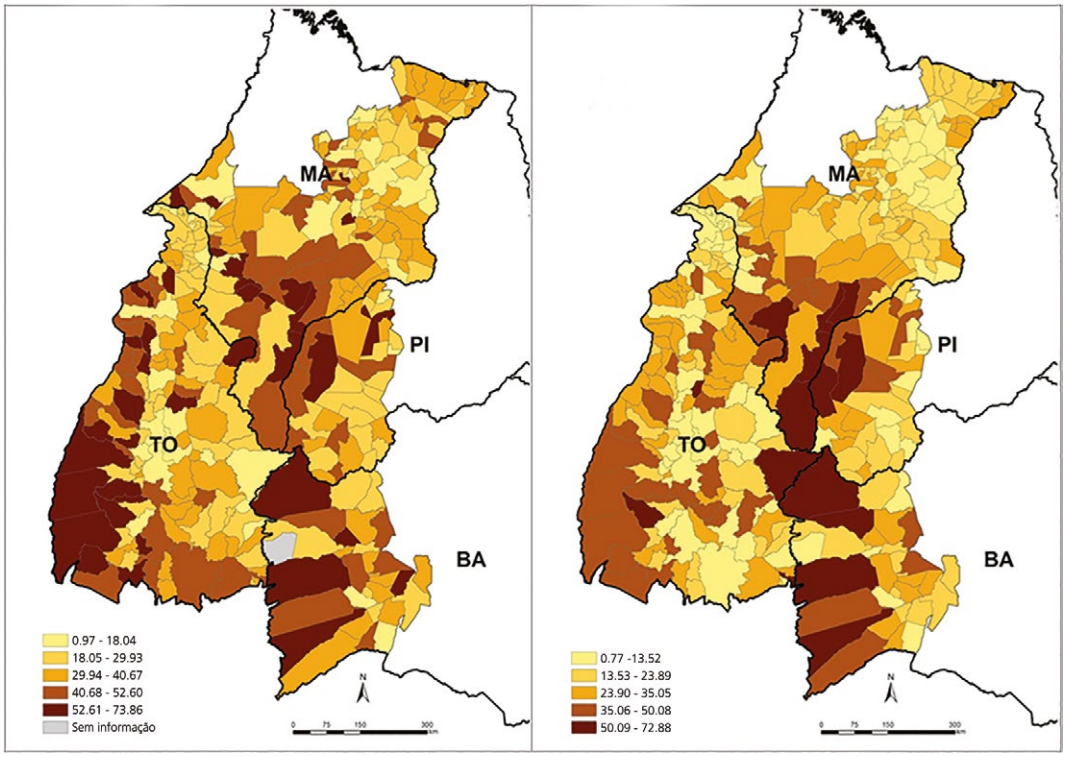
A tabela 4 apresenta os dados do valor adicionado por cada setor da economia para as microrregiões do Matopiba, considerando o valor adicionado pela agropecuária, pela indústria e pelos serviços, para os anos escolhidos de 2000, 2006 e 2013. Os dados apontam que, para o conjunto do Matopiba, o setor agropecuário contribuiu com 18,9% do valor adicionado total em 2013, ao passo que a indústria contribuiu com 15,9% e o setor de serviços com 65,3%. Tais números seguem aproximadamente a média brasileira, na qual o setor industrial vem perdendo espaço e o setor de serviços cresce, passando dos 60% do valor adicionado na economia brasileira.

Muito embora se fale na grandiosidade do setor agropecuário no Matopiba, apesar da participação de apenas 19% do valor adicionado total, é importante considerar que o setor de serviços possui diversas atividades relacionadas à agropecuária, como transporte, armazenamento, logística, comércio, assistência técnica, entre outras, o que justifica o expressivo valor do setor de serviços. Em relação ao ano 2000, a participação relativa do setor agropecuário apresentou diminuição, porém há que se considerar que o PIB total da região do Matopiba aumentou de R$ 11,3 milhões para R$ 72,9 milhões, entre 2000 e 2013.

O setor agropecuário cresceu 365%, passando de R$ 2,7 bilhões para R$ 12,6 bilhões; o setor industrial cresceu 684%, com aumento do PIB de R$ 1,3 bilhão para R$ 4,5 bilhões; e o setor de serviços cresceu 569%, passando de R$ 6,5 bilhões para R$ 43 bilhões. Entre os estados componentes do Matopiba, tem-se que o setor agropecuário apresentou maior crescimento na porção piauiense da região, com 635%, assim como no setor industrial, com 1.282%. Entretanto, as maiores participações no valor adicionado pela agropecuária estão na porção maranhense, com R$ 4,7 bilhões, seguido da Bahia, com R$ 4,4 bilhões. O setor industrial apresentou maior crescimento no período, com o Maranhão contribuindo com R$ 5,3 bilhões, o Tocantins com R$ 3,6 bilhões e a Bahia com R$ 1,4 bilhão, no valor adicionado pelo setor industrial no PIB do Matopiba. Os mapas 9, 10 e 11 apresentam a distribuição em termos percentuais do PIB para cada setor de atividade (agropecuário, industrial e serviços).

MAPA 9
PIB do setor agropecuário
(Em %)

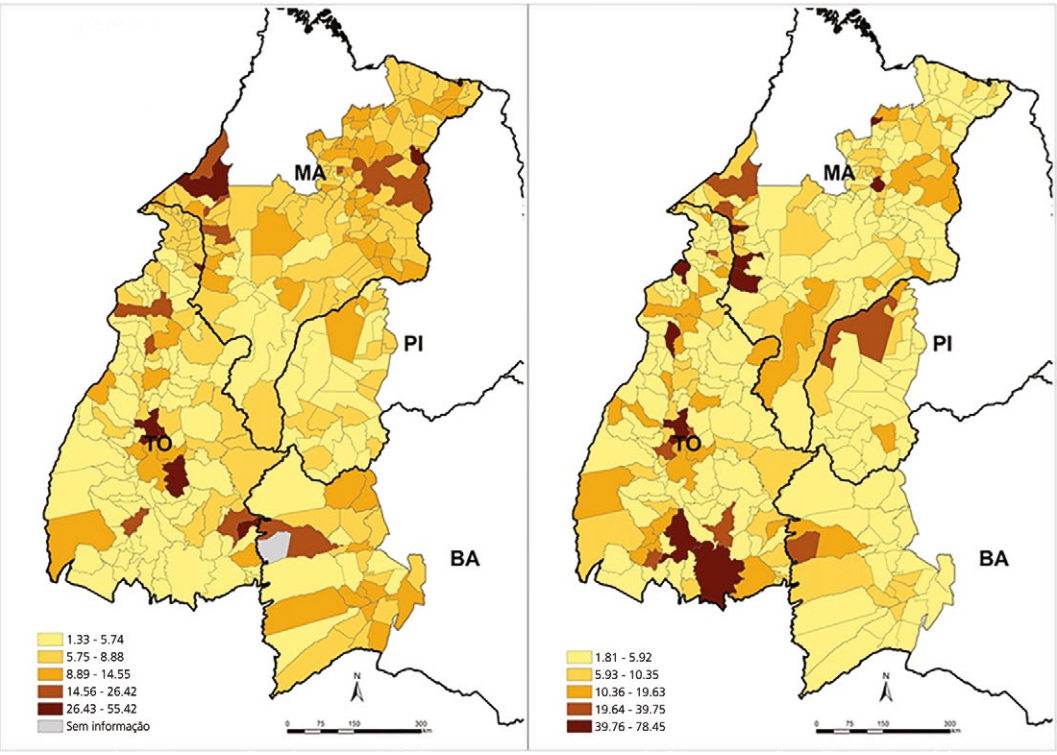
9A – 2000 9B – 2013



Fonte: IBGE.

MAPA 10
PIB do setor industrial
(Em %)

10A – 2000 10B – 2013

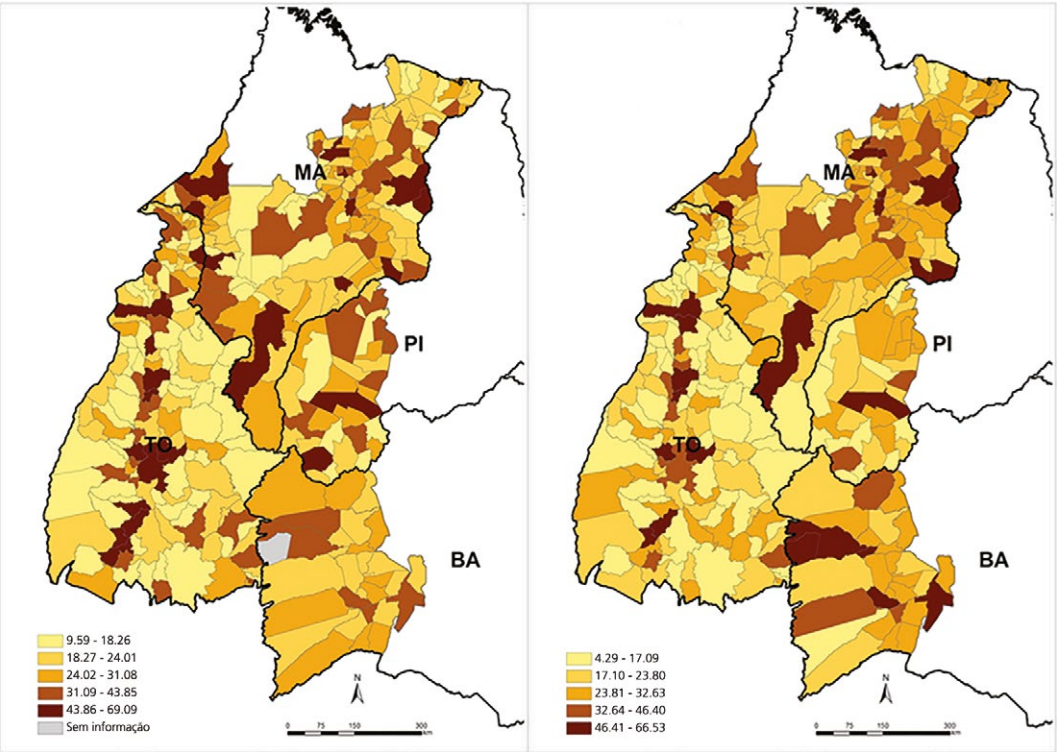


Fonte: IBGE.

Por sua vez, o setor de serviços apresentou maior contribuição pela parte maranhense do Matopiba, com R$ 19,6 bilhões, seguido do Tocantins, com R$ 15,6 bilhões. Entretanto, o maior crescimento ao longo dos anos tem sido observado no Piauí, com 616%, e na Bahia, com 609%.

MAPA 11
PIB do setor serviços
(Em %)

11A – 2000 11B – 2013



Fonte: IBGE.

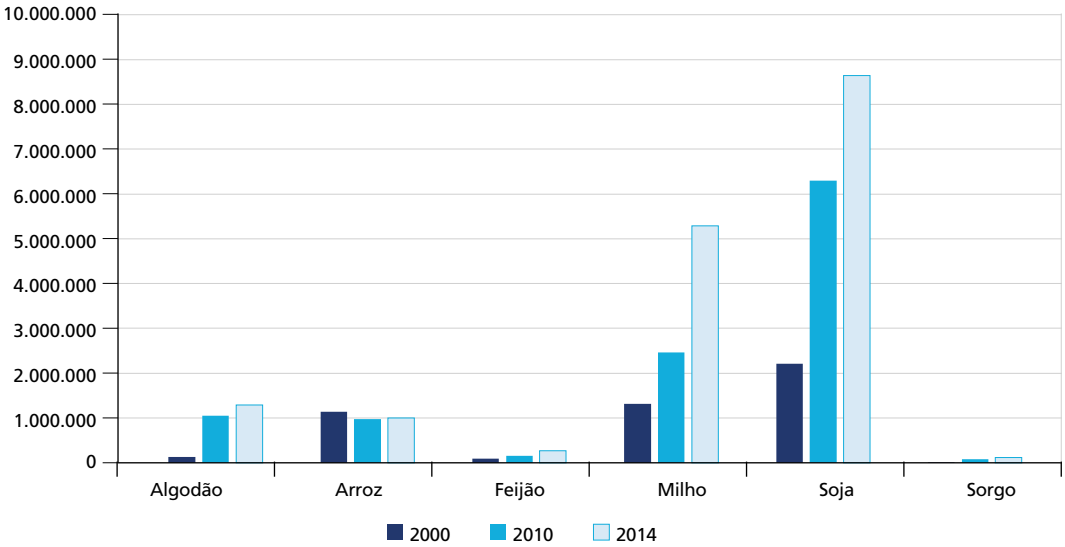
Conforme a tabela 4, a microrregião de maior PIB agropecuário, Barreiras (BA) teve 34,6% do seu PIB adicionado pelo setor agropecuário, 13,6% pelo setor industrial e 51,7% pelo setor de serviços. Considerando o que já foi dito sobre o setor de serviços em áreas agrícolas, no qual grande parte das atividades se relaciona com a produção agrícola, tem-se que Barreiras (BA) gira em torno da agropecuária. Entre as microrregiões onde a agropecuária apresenta participação maior do que 40% na economia local, destacam-se: Alto Parnaíba Piauiense (PI), 45,2%; Chapadas das Mangabeiras (MA), 48,6%; e Gerais das Balsas (MA), 41,3%.

A importância da agropecuária para a economia local vai além dos números de crescimento do PIB. Segundo Bacha (2004), cadeias produtivas de base agrícola possuem quatro funções, além da produção de alimentos e matéria-prima, como: *i)* gerar

excedente de capital para expansão do setor não agrícola; *ii)* liberar mão de obra para crescimento e diversificação de atividades não agrícolas; *iii)* gerar divisas; e *iv)* atuar como mercado consumidor de produtos de outros setores. Assim sendo, é possível afirmar que o Matopiba está assentado direta e indiretamente sobre a agropecuária, em que grande parte do seu setor industrial e de serviços também está relacionada com essa atividade.

A cultura da soja é a principal da região, com 8,6 milhões de toneladas em 2014, apresentando um crescimento de 291% em relação a 2000, quando a produção foi de 2,2 milhões de toneladas (gráfico 1). Esse crescimento é maior do que a expansão da área colhida de soja, que foi de 261%, passando de 904 mil hectares para 3,3 milhões de hectares, entre os anos 2000 e 2014, refletindo ganho de produtividade no período, o qual foi de 2.440 kg/ha, em 2000, e 2.625 kg/ha, em 2014.

GRÁFICO 1
Quantidade produzida de algodão, arroz, feijão, milho, soja e sorgo – Matopiba
(Em toneladas)



Fonte: PAM/IBGE.

O milho é a segunda cultura em volume produzido no Matopiba, com pouco mais de 5 milhões de toneladas em 1.073 mil hectares, em 2014, e crescimento de 301% na quantidade produzida em relação ao ano de 2000, quando foram produzidas 1,3 milhão de toneladas em 486 mil hectares. A expansão de área foi de 121%, ou seja, grande parte do aumento da produção tem como explicação ganhos de produtividade.

Entretanto, como é possível observar, o milho e a soja, assim como o arroz já eram culturas produzidas em grande quantidade na região, porém o arroz tem apresentado leve queda no volume produzido, ao passo que as demais culturas seguem com crescimento vigoroso. A produção de arroz passou de 1,1 milhão de toneladas para 996 mil toneladas, um decréscimo de 12,8%, enquanto a área colhida apresentou queda ainda maior, de 30%, passando de 609 mil hectares para 428 mil hectares. A tabela 5 apresenta detalhadamente que produtos como feijão e arroz perderam volume e, consequentemente, área para a produção de soja, algodão e milho.

TABELA 5
Participação dos grãos em relação ao total produzido – Matopiba
(Em %)

Ano	Arroz	Feijão	Milho	Soja	Sorgo	Algodão herbáceo
1990	52,5	4,9	17,6	24,1	0,0	0,8
2000	23,4	2,0	26,9	45,1	0,1	2,5
2006	12,1	1,3	15,4	58,4	1,2	11,6
2010	8,8	1,4	22,4	57,2	0,7	9,5
2014	6,0	1,6	31,9	52,1	0,7	7,8

Fonte: PAM/IBGE.

Muito embora soja e milho sejam produtos para a ração de animais, representando então produtos de consumo indireto das famílias, estes são grãos com forte demanda do mercado externo. Esse é o cenário que representa o Matopiba nos dias atuais: um grande produtor de algodão, milho e soja voltado para o mercado externo. Para efeito de comparação, este estudo utiliza os seis principais produtos da região para analisar a evolução da área colhida, a quantidade produzida e a produtividade desde os anos 1990 até o ano do último levantamento feito pelo IBGE, em 2014. Os produtos a serem considerados na análise total são: algodão, arroz, feijão, milho, soja e sorgo.[8]

Como citado anteriormente, a produção de arroz e feijão perdeu participação relativa à produção total de grãos no Matopiba, entre os anos 2000 e 2014 (tabela 5). É possível observar que arroz, feijão e milho representavam 75% da produção em 1990, enquanto em 2014 os mesmos produtos apresentaram queda na participação, com 39,5%, mas essa quebra poderia ter sido ainda mais intensa se a produção de milho não tivesse crescido a ponto de ser a segunda cultura mais expressiva do Matopiba.

8. Seguindo como referência a lista tradicional de grãos da Conab.

Na tabela 4, é possível observar para onde se destinou a produção no Matopiba ao longo das últimas duas décadas. A produção de soja, algodão e milho cresceu expressivamente nos últimos anos, saindo de 42,5%, em 2000, para 92,5%, em 2014.

Para o conjunto dos grãos, observa-se um crescimento na quantidade produzida de 256% no Brasil, de 778% no conjunto dos estados da Bahia, do Maranhão, do Piauí e do Tocantins, enquanto o Matopiba aumentou em 1.437% sua produção de grãos. Em valores absolutos, a produção brasileira passou de 52 milhões de toneladas para 188 milhões de toneladas, entre 2000 e 2014. Em relação à participação da produção do Matopiba, comparado aos estados pertencentes e ao Brasil, tem-se que em 1990 a produção de 1,1 milhão de toneladas de grãos do Matopiba representava 2% do total do Brasil e 53,3% do total dos estados da Bahia, do Maranhão, do Piauí e do Tocantins. Já em 2014, o mesmo grupo de grãos alcançou a quantidade de 16,6 milhões de toneladas, representando 8,8% da produção brasileira e 93,3% dos estados mencionados anteriormente.

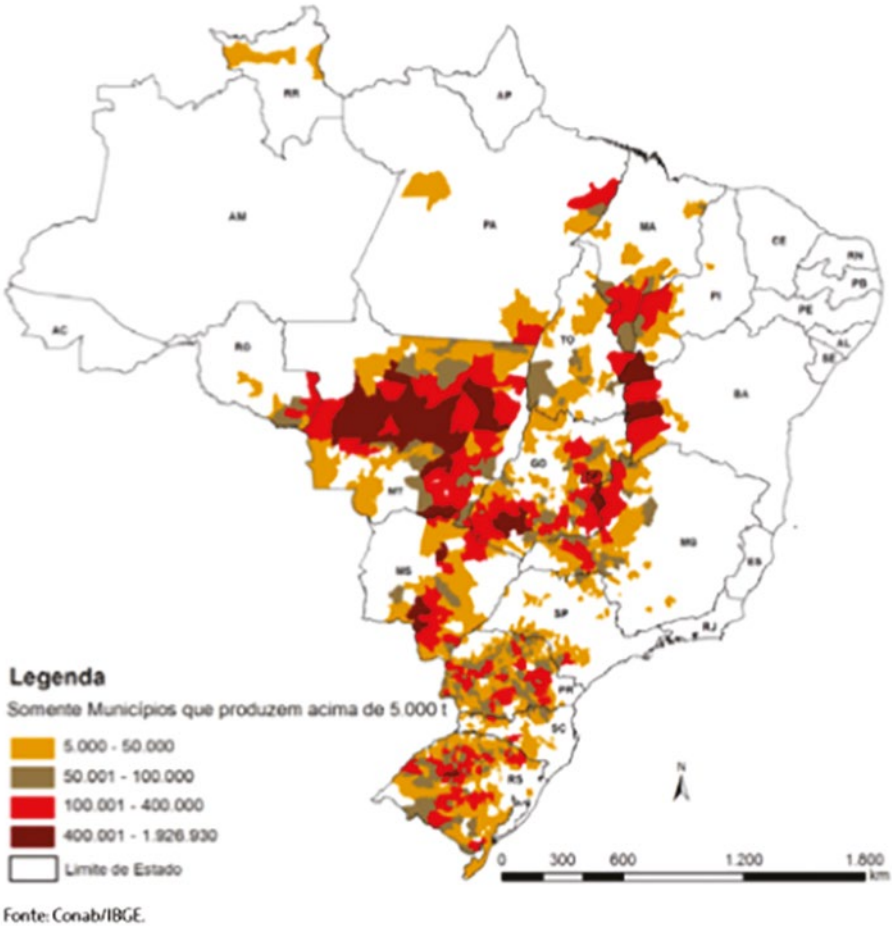
A produtividade no Matopiba, apesar de estar abaixo da média brasileira, tem apresentado forte crescimento e, para algumas culturas, está bem próxima da média nacional. A cultura do algodão, por exemplo, apresentou produtividade de 2.406 kg/ha na safra 2014-2015 para todo o Brasil, porém, no Matopiba, a produtividade foi de 3.609 kg/ha para o mesmo período, o qual encontra na região do Matopiba excelentes condições edafoclimáticas, colocando a região Nordeste como a segunda mais importante produtora de algodão no Brasil. Já a cultura da soja na região tem apresentado produtividade próxima à média nacional, que na safra 2014-2015 foi de 2.998 kg/ha, enquanto no Matopiba foi de 2.625 kg/ha.

A área total cultivada com soja no Matopiba em 2013 foi de 3,3 milhões de hectares, ao passo que a área total no Brasil foi de 33 milhões de hectares. Muito embora a área do Matopiba seja inferior aos outros grandes produtores do Centro-Oeste, a taxa de crescimento foi expressiva, de 263% entre os anos 2000 e 2014. Assim sendo, apesar de ainda representar apenas cerca de 10% da área e da produção nacional, a região do Matopiba cresce a taxas vigorosas, com capacidade de alcançar a produtividade média nacional em breve.

O mapa 12 apresenta a distribuição da produção de soja no Brasil na última safra (2014-2015), dividida por classes de volume produzido. Observa-se que o Centro-Oeste e o Sul do Brasil concentram grande parte da produção, com destaque para o Mato Grosso, com muitos municípios com produção maior que 400 mil toneladas/safra.

A região do Matopiba possui algumas "manchas", com maior presença no extremo oeste baiano, sul do Maranhão e sudoeste do Piauí.

MAPA 12
Produção de soja – Brasil (2014-2015)



Fonte: Conab (2016).
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A tabela 6 apresenta os dados da produção de soja, como área colhida e quantidade produzida, pelas microrregiões do Matopiba para os anos 2000 e 2014. A penúltima coluna se refere à produção relativa de soja de cada microrregião em relação ao total produzido no Matopiba. A última coluna se refere à participação acumulada. Apenas sete microrregiões são responsáveis por 75,8% do total produzido no Matopiba: Barreiras (BA), 31,1%; Gerais das Balsas (MA), 12,6%; Alto Parnaíba Piauiense (PI),

11%; Santa Maria da Vitória (BA), 6%; Jalapão (TO), 5,5%; Gurupi (TO), 4,8%; e Alto Médio Gurguéia (PI), 4,8%. A porção baiana do Matopiba concentra 37,1% da produção, a parte do Piauí concentra 24,2%, a parte do Maranhão agrupa 21,7% e o Tocantins, 17%.

Interessante notar que, entre os anos 2000 e 2014, o crescimento da produção de soja nas microrregiões foi bastante distinto, com as microrregiões Barreiras (BA) e Santa Maria da Vitória (BA) apresentando as menores taxas de crescimento de todas as 31 microrregiões, com 103% e 181%. No extremo oposto, estão microrregiões como Miracema do Tocantins (TO) e Chapadinha (MA), com crescimento de 27.030% e 16.452%, ou seja, áreas onde a produção de soja era quase inexistente, mas atualmente contam com cerca de 200 mil hectares. Outra informação relevante se refere à completa inexistência da produção de soja em doze microrregiões em 2000 e hoje essa ter se reduzido para apenas cinco microrregiões sem produção de soja.

TABELA 6
Produção de soja, por microrregião – Matopiba (2000 e 2014)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Barreiras	BA	551.669	1.060.455	1.324.066	2.683.442	31,1	31,1
Gerais das Balsas	MA	126.370	399.894	319.688	1.091.044	12,6	43,7
Alto Parnaíba Piauiense	PI	32.004	382.803	80.996	952.356	11,0	54,7
Santa Maria da Vitória	BA	76.687	213.914	184.049	516.922	6,0	60,7
Jalapão	TO	7.000	154.732	18.900	471.068	5,5	66,1
Gurupi	TO	3.430	147.419	8.482	418.282	4,8	71,0
Alto Médio Gurguéia	PI	4.980	196.385	12.796	415.628	4,8	75,8
Porto Nacional	TO	26.560	138.316	66.562	404.245	4,7	80,5
Chapadas das Mangabeiras	MA	46.762	141.651	120.327	400.991	4,6	85,1
Dianópolis	TO	7.253	93.645	15.835	278.614	3,2	88,3
Rio Formoso	TO	13.325	91.962	33.768	267.637	3,1	91,4
Miracema do Tocantins	TO	305	70.340	732	198.595	2,3	93,7
Chapadinha	MA	411	58.557	986	163.204	1,9	95,6
Porto Franco	MA	3.238	37.600	8.344	101.904	1,2	96,8
Bertolínia	PI	2.895	29.976	6.921	76.926	0,9	97,7
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	1.325	10.895	3.972	34.254	0,4	98,1
Araguaína	TO	46	14.460	83	32.357	0,4	98,4
Imperatriz	MA	0	10.495	0	31.756	0,4	98,8

(Continua)

(Continuação)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	125	11.231	250	23.913	0,3	99,1
Bico do Papagaio	TO	0	7.500	0	23.302	0,3	99,4
Alto Mearim e Grajaú	MA	610	7.500	1.464	19.500	0,2	99,6
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	0	5.185	0	16.057	0,2	99,8
Caxias	MA	0	3.080	0	8.690	0,1	99,9
Bom Jesus da Lapa	BA	0	2.000	0	6.000	0,1	99,9
Coelho Neto	MA	0	1.470	0	4.410	0,1	100,0
Presidente Dutra	MA	0	313	0	1.102	-	-
Codó	MA	0	0	0	0	-	-
Itapecuru Mirim	MA	0	0	0	0	-	-
Lençóis Maranhenses	MA	0	0	0	0	-	-
Médio Mearim	MA	0	0	0	0	-	-
Cotegipe	BA	0	0	0	0	-	-
Total		**904.995**	**3.291.778**	**2.208.221**	**8.642.199**		

Fonte: PAM/IBGE.

Outra informação que merece destaque é o crescimento das microrregiões Gurupi (TO), Alto Médio Gurguéia (PI) e Jalapão (TO), as quais compõem o grupo das sete microrregiões que produzem 75% da soja do Matopiba. Essas três microrregiões podem ser consideradas as mais dinâmicas na atualidade, pois cresceram mais de 2.300% ao longo dos anos e estão entre os maiores produtores da região.

Em um nível menor, que seria dos municípios, podemos elencar os maiores produtores de soja do Matopiba. Na Bahia, destacam-se Formosa do Rio Preto, São Desidério, Luís Eduardo Magalhães e Barreiras. Apenas Formosa do Rio Preto produziu 11% de toda a produção do Matopiba, seguida de São Desidério, que produziu 8,3%. O município de Barreiras, que no início dos anos 2000 era o maior produtor de soja, atualmente produz 4% do total do Matopiba, com decréscimo de produção (-39%) e área (-37%), a qual se deslocou para as culturas de algodão, feijão e sorgo.

No Maranhão, também há grandes municípios produtores, como Balsas (5,3%), Tasso Fragoso (4,5%), além de outros com produção acima de 100 mil toneladas, como Alto Parnaíba, Riachão e Sambaíba. No Piauí, também há dois grandes municípios produtores, Baixa Grande do Ribeiro (4,5%) e Uruçuí (3%), com suas respectivas participações na produção do Matopiba. Por fim, o Tocantins, que, apesar de contar com

municípios produtores na faixa das 100 mil toneladas, são produtores em crescimento, dado que no início dos anos 2000 eram municípios com quase nenhuma produção de soja.

Outra cultura de destaque na região é o milho, que pode ser encontrado em todos os estados do Matopiba. Essa cultura possui a característica de ser tradicional no Nordeste, pois é a base da alimentação humana, através da farinha, e também serve como ração para a criação de animais. A produção de milho na região em 2000 foi de 1,3 milhão de toneladas, chegando em 5,3 milhões de toneladas, em 2014, com crescimento de 300% no período. A produtividade média nacional foi de 5.396 kg/ha (2014-2015), enquanto no Matopiba foi de 4.928 kg/ha (2014-2015). A alta média nacional deve-se principalmente ao Sul e ao Centro-Oeste, que apresentaram 6.622kg/ha e 6.108 kg/ha, respectivamente.

A tabela 7 mostra as informações sobre a produção de milho por microrregiões. Assim como na produção da soja, a microrregião de Barreiras (BA) também é líder na produção de milho, com 33,7% de participação na quantidade produzida. A produção de milho nessa microrregião cresceu o dobro em relação à expansão de área, em que esta cresceu 102% e a quantidade produzida cresceu 203%, ou seja, a componente produtividade promoveu o aumento na produção. A produção de milho se encontra concentrada em poucas microrregiões, em que apenas cinco são responsáveis por 77,2% do total produzido no Matopiba: Barreiras (BA), 33,7%; Gerais das Balsas (MA), 13,4%; Alto Parnaíba Piauiense (PI), 12,8%; Santa Maria da Vitória (MA), 11,8%; e Chapadas das Mangabeiras (MA), 5,3%. Todas as microrregiões citadas são também grandes produtoras de soja (tabela 6).

O milho é a fonte de energia para muitas pessoas que vivem no Semiárido,[9] pois é possível obter farinha a partir desse grão, o qual, juntamente com o feijão, compõe a refeição base da população rural dessa região. Essa importância é verificada na tabela 7, em que todas as microrregiões são produtoras de milho, mesmo em pequena quantidade, tanto em 2014 como em 2000. Interessante notar que as treze maiores produtoras de milho têm apresentado considerável taxa de crescimento. Chapadas do Alto Itapecuru (MA) e Cotegipe (BA) são microrregiões cuja produção cresceu entre 200% e 424% no período. Por sua vez, acima de Bertolínia (PI), que foi a oitava maior produtora em 2014, o aumento da produção ao longo do período foi superior a 1.000%, com exceção das microrregiões de Santa Maria da Vitória e Barreiras, ambas na Bahia, que cresceram 124% e 203%.

9. Segundo Embrapa Informática Agropecuária – CNPTIA. Disponível em: <https://goo.gl/yvsyQj>. Acesso em: 7 fev. 2018.

TABELA 7
Produção de milho, por microrregião – Matopiba (2000 e 2014)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Barreiras	BA	104.209	210.658	590.094	1.785.985	33,7	33,7
Gerais das Balsas	MA	13.531	155.710	61.054	710.978	13,4	47,2
Alto Parnaíba Piauiense	PI	3.770	99.858	14.491	679.716	12,8	60,0
Santa Maria da Vitória	BA	55.240	86.868	279.153	625.477	11,8	71,8
Chapadas das Mangabeiras	MA	6.625	60.402	16.756	282.041	5,3	77,2
Jalapão	TO	4.090	52.925	5.442	247.262	4,7	81,8
Alto Médio Gurguéia	PI	6.682	30.502	8.730	169.793	3,2	85,0
Bertolínia	PI	5.954	17.877	7.3669	4.628	1,8	86,8
Cotegipe	BA	13.900	34.632	24.060	72.309	1,4	88,2
Alto Mearim e Grajaú	MA	29.171	38.112	23.346	68.803	1,3	89,5
Porto Franco	MA	9.705	17.740	22.090	67.955	1,3	90,8
Porto Nacional	TO	3.560	20.894	11.815	59.731	1,1	91,9
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	14.347	23.066	10.253	53.750	1,0	92,9
Dianópolis	TO	8.240	13.215	23.844	51.646	1,0	93,9
Imperatriz	MA	11.167	13.225	20.491	51.427	1,0	94,9
Bom Jesus da Lapa	BA	17.460	23.885	32.848	49.71	60,9	95,8
Presidente Dutra	MA	24.656	26.897	20.791	43.09	20,8	96,6
Médio Mearim	MA	28.202	23.915	16.356	33.153	0,6	97,3
Miracema do Tocantins	TO	8.090	11.659	13.177	26.756	0,5	97,8
Bico do Papagaio	TO	7.250	5.459	8.926	21.576	0,4	98,2
Araguaína	TO	10.520	8.400	14.020	16.175	0,3	98,5
Gurupi	TO	7.475	4.021	15.782	14.683	0,3	98,7
Rio Formoso	TO	9.350	4.440	28.381	10.397	0,2	98,9
Itapecuru Mirim	MA	9.469	15.371	4.255	9.327	0,2	99,1
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	5.564	10.160	2.900	8.976	0,2	99,3
Codó	MA	15.403	11.680	8.989	8.746	0,2	99,5
Chapadinha	MA	12.735	14.455	8.761	8.500	0,2	99,6
Caxias	MA	19.723	14.365	9.879	8.153	0,2	99,8
Lençóis Maranhenses	MA	5.361	8.947	2.621	6.415	0,1	99,9
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	11.364	11.445	10.086	3.917	0,1	100,0
Coelho Neto	MA	3.926	3.070	2.355	1.842	-	-
Total		**486.739**	**1.073.853**	**1.319.112**	**5.292.925**		

Fonte: PAM/IBGE.

Com relação aos municípios, destacam-se São Desidério (12,4%), Barreiras (7,2%), Formosa do Rio Preto (7,1%) e Jaborandi (6,8%), na Bahia. No Piauí, os maiores produtores são Uruçuí (5,9%) e Baixa Grande do Ribeiro (3,6%). No Maranhão, os maiores são Balsas (6,2%) e Tasso Fragoso (4,1%). No Tocantins, não há nenhum município com produção expressiva de milho, para a safra de 2014.

A produção de algodão foi a que mais se expandiu no Matopiba entre os anos 2000 e 2014, com aumento de 937% da quantidade produzida, enquanto a área teve expansão de 761%. A produtividade passou de 2.988 kg/ha para 3.601 kg/ha no mesmo período. A produção de algodão não é tradicional no Matopiba, pois, no ano 2000, apenas a microrregião de Barreiras e Santa Maria da Vitória, ambas na Bahia, possuíam áreas cultivadas. Bom Jesus da Lapa (BA), Alto Mearim e Grajaú (MA), Codó (MA), Porto Franco (MA) e Bertolínia (PI) também tinham pequenas áreas com o cultivo, porém inexpressivas.

Já em 2014, havia somente oito microrregiões produtoras de algodão. Destas, Barreiras (BA) respondeu por 64,6% da produção do Matopiba; Santa Maria da Vitória (BA), por 24,2%; Gerais das Balsas (MA), por 5,9%; Alto Parnaíba Piauiense (PI), por 3,3%; Jalapão (TO), por 0,8%; Dianópolis (TO), por 0,7%; Cotegipe (BA), por 0,3%; e Alto Médio Gurguéia (PI), por 0,2%. De modo geral, é possível afirmar que essas microrregiões também são grandes produtoras de soja e/ou milho.

O aumento de área plantada também foi expressivo na cultura do algodão nas microrregiões produtoras. Barreiras (BA) apresentou aumento de área de 595% e Santa Maria da Vitória (BA), de 1.217%. As informações apresentadas na tabela 8 refletem o fato de que a cultura do algodão encontrou no Matopiba um espaço muito favorável para sua expansão, com destaque para o extremo oeste baiano. As demais microrregiões vêm mostrando interesse nesse cultivo, com destaque para Gerais das Balsas (MA) e Alto Parnaíba Piauiense (PI), que estão crescendo e podem se tornar grandes produtores.

TABELA 8
Produção de algodão, por microrregião – Matopiba (2000 e 2014)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Barreiras	BA	33.991	236.252	100.085	832.682	64,6	64,6
Santa Maria da Vitória	BA	6.500	85.600	21.750	311.697	24,2	88,8
Gerais das Balsas	MA	0	18.588	0	76.249	5,9	94,7
Alto Parnaíba Piauiense	PI	0	10.237	0	42.057	3,3	98,0
Jalapão	TO	0	2.500	0	10.000	0,8	98,8
Dianópolis	TO	0	2.260	0	8.556	0,7	99,4
Cotegipe	BA	0	1.342	0	4.368	0,3	99,8
Alto Médio Gurguéia	PI	0	869	0	2.837	0,2	100,0
Bom Jesus da Lapa	BA	565	150	1.672	90	-	-
Alto Mearim e Grajaú	MA	56	-	36	-	-	-
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	0	-	0	-	-	-
Caxias	MA	0	-	0	-	-	-
Chapadas das Mangabeiras	MA	0	-	0	-	-	-
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	0	-	0	-	-	-
Chapadinha	MA	0	-	0	-	-	-
Codó	MA	270	-	243	-	-	-
Coelho Neto	MA	0	-	0	-	-	-
Imperatriz	MA	0	-	0	-	-	-
Itapecuru Mirim	MA	0	-	0	-	-	-
Lençóis Maranhenses	MA	0	-	0	-	-	-
Médio Mearim	MA	0	-	0	-	-	-
Porto Franco	MA	140	-	420	-	-	-
Presidente Dutra	MA	0	-	0	-	-	
Bico do Papagaio	TO	0	-	0	-	-	-
Araguaína	TO	0	-	0	-	-	-
Miracema do Tocantins	TO	0	-	0	-	-	-
Rio Formoso	TO	0	-	0	-	-	-
Gurupi	TO	0	-	0	-	-	-
Porto Nacional	TO	0	-	0	-	-	-
Bertolínia	PI	50	-	54	-	-	-
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	2	-	2	-	-	-
Total		**41.574**	**357.798**	**124.262**	**1.288.536**		

Fonte: PAM/IBGE.

Entre os municípios produtores de algodão, os destaques são: São Desidério, Correntina e Formosa do Rio Preto, todos na Bahia. Somente São Desidério produziu 36% do total do Matopiba. No Maranhão, o maior produtor é o município de Balsas, com 39,9 milhões de toneladas em 2014. No Piauí, o município de Uruçuí é o maior produtor, com 27,9 milhões de toneladas.

Arroz e feijão foram os grãos que sofreram diminuição na participação da quantidade total produzida no Matopiba, entre os anos 2000 e 2014. A diminuição, no caso da cultura do arroz, deve-se à redução da área e da produção; já a produção de feijão perdeu participação relativa em relação ao grupo de grãos.

A produção de arroz reduziu 30% de sua área, entre os anos 2000 e 2014, resultando em volume produzido 13% menor para o mesmo período. No ano 2000, todas as microrregiões colheram arroz, o que resultou em produção de 1,1 milhão de toneladas. Entre essas, sete microrregiões respondem por 76,9% da produção total do Matopiba, com destaque para Rio Formoso (TO), na qual se concentraram 45,8% da produção total do Matopiba em 2014. Outras microrregiões que merecem destaque são Alto Mearim e Grajaú (MA), 8,7%; Chapadas do Alto Itapecuru (MA), 5,8%; Médio Mearim (MA), 5,1%; Alto Parnaíba Piauiense (PI), 4,3%; Presidente Dutra (MA), 3,8%; e Chapadinha (MA), 3,4%. Das 31 microrregiões, houve redução de área em 25 delas, sendo que quatro estão nesse grupo supracitado (tabela 9).

TABELA 9
Produção de arroz, por microrregião – Matopiba (2000 e 2014)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Rio Formoso	TO	61.340	80.582	237.596	456.343	45,8	45,8
Alto Mearim e Grajaú	MA	47.531	53.439	83.296	86.509	8,7	54,5
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	31.292	39.305	50.382	57.834	5,8	60,3
Médio Mearim	MA	37.972	34.567	53.823	51.291	5,1	65,4
Alto Parnaíba Piauiense	PI	33.532	23.394	62.399	43.199	4,3	69,8
Presidente Dutra	MA	26.171	23.611	41.587	37.880	3,8	73,6
Chapadinha	MA	26.725	24.830	38.720	33.706	3,4	76,9

(Continua)

(Continuação)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Itapecuru Mirim	MA	13.907	22.363	13.749	29.523	3,0	79,9
Caxias	MA	26.190	19.130	34.694	25.030	2,5	82,4
Codó	MA	22.340	16.411	27.149	19.985	2,0	84,4
Alto Médio Gurguéia	PI	27.283	13.226	47.034	18.988	1,9	86,3
Chapadas das Mangabeiras	MA	25.345	9.5514	5.6201	6.702	1,7	88,0
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	3.692	7.470	7.8111	4.331	1,4	89,4
Dianópolis	TO	12.657	7.150	25.160	12.230	1,2	90,7
Gerais das Balsas	MA	33.372	6.058	72.177	11.935	1,2	91,9
Jalapão	TO	7.700	5.940	12.010	10.830	1,1	93,0
Gurupi	TO	16.896	2.612	39.928	9.642	1,0	93,9
Lençóis Maranhenses	MA	1.555	3.036	1.599	8.780	0,9	94,8
Imperatriz	MA	23.141	5.166	41.978	8.550	0,9	95,7
Araguaína	TO	6.430	3.770	7.979	6.953	0,7	96,4
Porto Nacional	TO	14.980	3.450	30.039	6.309	0,6	97,0
Miracema do Tocantins	TO	17.990	3.300	25.860	5.688	0,6	97,6
Coelho Neto	MA	5.695	4.340	6.834	5.208	0,5	98,1
Santa Maria da Vitória	BA	4.390	2.795	5.982	5.031	0,5	98,6
Porto Franco	MA	11.521	2.314	19.294	4.060	0,4	99,0
Barreiras	BA	45.620	5.611	79.613	3.481	0,3	99,4
Bico do Papagaio	TO	10.550	1.936	13.255	3.040	0,3	99,7
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	4.879	2.008	4.734	2.134	0,2	99,9
Bertolínia	PI	7.417	1.173	10.903	1.087	0,1	100,0
Cotegipe	BA	860	389	835	216	-	-
Bom Jesus da Lapa	BA	640	0	1.220	-	-	-

Fonte: PAM/IBGE.

Um fato curioso é que, embora grande parte das microrregiões tenham diminuído área e produção, a maior microrregião produtora de arroz, Rio Formoso (TO), praticamente dobrou a produção (92%) em uma área 31% maior, ou seja, produziu 237 mil toneladas em 61,3 mil hectares, em 2000, chegando a 456 mil toneladas em 80 mil hectares, em 2014, com produtividade equivalente a 5.663 kg/ha. A produtividade alcançada pela microrregião de Rio Formoso é uma exceção, pois a segunda maior microrregião produtora fez 86 mil toneladas em 53 mil hectares, ou seja, 1.619 kg/ha.

Entre os municípios, os com a maior participação na produção total são: Lagoa da Confusão (24,2%), Formoso do Araguaia (13,2%), Dueré (3,9%) e Pium (3,2%), localizados no Tocantins; Baixa Grande do Ribeiro (1,7%) e Uruçuí (1,1%), no Piauí; e Barra do Corda (2,9%), no Maranhão. O município de Lagoa da Confusão vem

apresentando o maior dinamismo para a produção de arroz no Matopiba, pois entre os maiores produtores houve estabilidade ou até mesmo redução de área, como Formosa do Araguaia, que apresentou redução na área colhida de 25,6 mil hectares para 22,3 mil hectares. Entretanto, Lagoa da Confusão passou de 16,7 mil hectares para 40,4 mil hectares, entre os anos 2000 e 2014.

TABELA 10
Produção de feijão, por microrregião – Matopiba (2000 e 2014)

Microrregião	UF	Área colhida (hectares)		Quantidade produzida (toneladas)		Quantidade produzida (2014)	
		2000	2014	2000	2014	Relativa (%)	Acumulada (%)
Barreiras	BA	20.240	82.781	32.138	162.877	61,7	61,7
Alto Médio Gurguéia	PI	6.183	22.337	3.068	14.247	5,4	67,0
Bom Jesus da Lapa	BA	18.393	19.870	11.320	13.774	5,2	72,3
Alto Parnaíba Piauiense	PI	2.490	10.559	1.679	8.546	3,2	75,5
Rio Formoso	TO	25	5.890	22	6.897	2,6	78,1
Gerais das Balsas	MA	1.615	8.244	739	6.264	2,4	80,5
Santa Maria da Vitória	BA	14.520	6.450	17.898	6.144	2,3	82,8
Médio Mearim	MA	4.695	9.325	1.642	6.022	2,3	85,1
Cotegipe	BA	3.895	11.387	2.306	4.464	1,7	86,8
Baixo Parnaíba Maranhense	MA	5.463	9.670	2.210	3.953	1,5	88,3
Alto Mearim e Grajaú	MA	8.205	8.040	4.341	3.829	1,4	89,7
Chapadinha	MA	4.685	5.910	2.709	3.208	1,2	90,9
Chapadas das Mangabeiras	MA	825	5.046	394	3.048	1,2	2,1
Presidente Dutra	MA	7.936	5.332	4.989	2.374	0,9	93,0
Jalapão	TO	590	1.995	167	2.297	0,9	93,9
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	PI	4.863	7.330	1.691	2.205	0,8	94,7
Chapadas do Alto Itapecuru	MA	3.907	4.906	2.108	2.178	0,8	95,5
Itapecuru Mirim	MA	2.449	4.506	454	1.960	0,7	96,3
Lençóis Maranhenses	MA	3.401	4.289	1.243	1.946	0,7	97,0
Caxias	MA	5.269	4.922	1.613	1.794	0,7	97,7
Gurupi	TO	638	391	281	1.385	0,5	98,2
Araguaína	TO	984	1.620	301	1.019	0,4	98,6
Bertolínia	PI	2.066	2.425	820	922	0,3	98,9
Imperatriz	MA	4.008	1.345	1.978	741	0,3	99,2
Codó	MA	2.379	1.869	728	739	0,3	99,5
Bico do Papagaio	TO	1.700	692	751	433	0,2	99,7
Porto Franco	MA	766	647	360	349	0,1	99,8
Porto Nacional	TO	230	801	381	92	0,1	99,9
Coelho Neto	MA	761	570	230	172	0,1	99,9
Miracema do Tocantins	TO	880	275	227	157	0,1	100,0
Dianópolis	TO	0	59	0	38	-	-
Total		**133.486**	**249.210**	**98.392**	**264.174**		

Fonte: PAM/IBGE.

Por sua vez, a produção de feijão apresentou ganho de 87% na área colhida, com produção 168% maior em 2014 em relação a 2000. As maiores microrregiões produtoras, que perfizeram 75,5% do total produzido no Matopiba, foram Barreiras (BA), 61,7%; Alto Médio Gurguéia (PI), 5,4%; Bom Jesus da Lapa (BA), 5,2%; e Alto Parnaíba Piauiense (PI), 3,2% (tabela 10).

Como já mencionado, o feijão, assim como o milho, é uma cultura que é a base alimentar do povo nordestino. Assim sendo, todas as microrregiões produzem feijão em menor ou maior quantidade. Porém, é importante notar o crescimento do cultivo nos últimos anos em diversas microrregiões. A produção em Barreiras (BA) cresceu 407%, em Alto Médio Gurguéia (MA) cresceu 364%, em Alto Parnaíba Piauiense (PI) cresceu 409% e na microrregião de Rio Formoso (TO), a mesma que é a maior produtora de arroz, houve um crescimento de 31.250%. Entretanto, em Santa Maria da Vitória (BA) houve redução de 66% na quantidade produzida.

Entre os municípios produtores, destacam-se São Desidério (25,6%), Barreiras (20,6%) e Luís Eduardo Magalhães (13,3%), localizados na Bahia; e Bom Jesus (2,4%), Baixa Grande do Ribeiro (1,8%) e Currais (1,8%), localizados no Tocantins.

Por fim, a produção de sorgo é ainda incipiente na região, com apenas 64 mil hectares, concentrados na região de Barreiras, no extremo oeste baiano, na qual encontra condições favoráveis para crescimento, pois se trata de uma cultura de fácil adaptação a ambientes secos. Além disso, é uma cultura de sucessão, ou seja, é plantada após a safra de soja/milho, o que otimiza a utilização dos recursos pelos produtores e também pode ser utilizada para a produção de ração animal, pois oferece boa qualidade a baixo custo (Embrapa, 2009).

A cultura do sorgo chegou a 114 mil toneladas no Matopiba em 2014, sendo que 73 mil toneladas foram cultivadas na porção baiana do Matopiba. Outras 24 mil toneladas foram cultivas na parte piauiense e 17 mil toneladas no Tocantins. Entre os municípios com maior capacidade de cultivo, destacam-se Barreiras, com 13,6 mil toneladas; Luís Eduardo Magalhães, com 20,2 mil toneladas; e São Desidério, com 20,2 mil toneladas, localizados na Bahia. No Piauí, destacam-se Ribeiro Gonçalves, com 9,6 mil toneladas; Alto Parnaíba Piauiense, com 7,4 mil toneladas; e Uruçuí, com 6,4 mil toneladas. No Maranhão, os maiores produtores em 2014 foram Pedro Afonso, com 3,2 mil toneladas, e Pium, com 2,4 mil toneladas.

Em suma, sabe-se que a microrregião de Barreiras, na Bahia, é a maior produtora de grãos do Matopiba, com 5,5 milhões de toneladas, ou seja, 33%. A segunda maior produtora é Gerais das Balsas (11,4%), no Maranhão, seguida de Alto Parnaíba Piauiense (10,5%), no Piauí, e Santa Maria da Vitória (8,9%), na Bahia. A microrregião de Barreiras é a maior produtora de algodão, feijão, milho, soja e sorgo do Matopiba, liderada principalmente pelo município de São Desidério, que é líder na produção de algodão e milho, seguida de Formosa do Rio Preto, o principal produtor de soja.

O que faz da região de Barreiras tão produtiva é a presença do aquífero Urucuia, o qual favorece a agricultura irrigada. Segundo Landau, Guimarães e Sousa (2016), na região do Matopiba como um todo, houve expansão significativa da área irrigada por pivôs centrais entre 1985 e 2015, passando de treze para 1.548 pivôs, gerando um aumento na área irrigada de 1.418 ha para 160.172 ha. Ainda no mesmo estudo, evidenciou-se que mais da metade dos pivôs está localizada no oeste do estado da Bahia, abrangendo os municípios que apresentam a maior tendência de aumento de área irrigada por pivôs centrais.

Para além das vantagens naturais, também há muito investimento sendo realizado na atividade agropecuária no oeste baiano. Segundo a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba),[10] está sendo instalada uma indústria no município de São Desidério para transformar o caroço do algodão em óleo e farelo, pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa).[11]

O extremo oeste da Bahia também tem apresentado força na pecuária leiteira, com a existência de indústria de laticínios e com investimentos para abrigar novas empresas, como o maior empreendimento para a produção de leite no Brasil, por um grupo holandês que pretende fazer da região a maior bacia leiteira do mundo (Neozelandeses..., 2013). Segundo investidores, a região possui vantagens naturais, como a boa qualidade do pasto, que apresenta rendimento superior à Nova Zelândia, o maior exportador mundial, além de produtividade leite/hectare maior que os Estados Unidos, maior produtor mundial.

10. Disponível em: <http://aiba.org.br/>. Acesso em: 9 jan. 2017.
11. Disponível em: <http://abapa.com.br/>. Acesso em: 9 jan. 2017.

3 CARACTERIZAÇÃO DOS SETORES INDUSTRIAL E DE SERVIÇOS

De forma geral, os quatro estados que constituem o Matopiba possuem diversificadas áreas de atuação. No estado da Bahia, segundo informações da Secretária de Desenvolvimento Econômico (SDE), entre os setores que se destacam estão: automotivo, agroindústria, bebidas, calçados e couro, construção civil, cosméticos, energias renováveis, mineração, papel e celulose, petróleo e gás, química e petroquímica, têxtil e confecções, e comércio e serviços. A construção civil possui participação significativa na composição do PIB, sendo o segundo setor mais importante da Bahia, fomentado principalmente pelas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 1 e 2. Essa indústria possui mais força e presença na Região Metropolitana de Salvador (RM de Salvador), segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).[12]

A indústria automotiva também possui grande importância na economia baiana, com destaque para o polo de Camaçari, com o Complexo Ford Nordeste. O setor de bebidas baiano está concentrado no município de Alagoinhas, onde se localizam grandes cervejarias, devido ao clima e à qualidade da água. A Bahia também conta com polo calçadista localizado nas regiões sudoeste, extremo sul, litoral sul, recôncavo sul, Paraguaçu, metropolitana de salvador, Piemonte Diamantina, litoral norte e nordeste.

Um setor que segundo a SEI vem crescendo muito no estado se refere à indústria de cosméticos, triplicando o número de fábricas em atividade em onze anos. O polo desta indústria está localizado na RM de Salvador, em Feira de Santana e no município de Teixeira de Freitas, com a localização de centros de distribuição da Avon e da Natura em Simões Filho, além da fábrica e do centro de distribuição do Boticário em Camaçari. Também merece destaque o polo de eletroeletrônicos de Ilhéus, com o desenvolvimento do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico em Informática e Eletroeletrônica de Ilhéus (Cepedi), que desenvolve projetos, sistemas e produtos e oferece treinamento e consultoria em tecnologia da informação. O setor de energias renováveis merece destaque, principalmente o parque eólico e de energia solar, localizado no município de Bom Jesus da Lapa (BA), que recebe investimentos de projetos na área de energia solar. Além disso, há investimentos em biodiesel e etanol no estado.

No setor de mineração, o qual impacta a agricultura, pois alguns minérios são utilizados para a produção de fertilizantes, cabe destacar o polo de mineração de calcário

12. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/>. Acesso em: 14 set. 2016.

localizado no município de São Desidério, o maior PIB agrícola brasileiro, e também no município de Coribe. O setor de papel e celulose também é forte no estado, pois a Bahia possui um dos maiores parques industriais do mundo, localizado na região sul do estado. O setor petroquímico também tem presença marcante, estando ali localizado o maior complexo petroquímico integrado do Hemisfério Sul, o polo industrial de Camaçari. Ademais, há que se pontuar a importância do setor de comércio e serviços, responsável por aproximadamente 70% do PIB baiano, 77% do estoque de empregos e 79% dos estabelecimentos empresariais no estado.[13]

No Piauí, segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico do Piauí (Sedet),[14] a indústria vem aumentando sua participação na economia do estado, principalmente a partir de 1996, quando se implantou a política de atração de investimentos por meio da isenção do recolhimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS). Tal medida conseguiu atrair diversas indústrias para o estado, como indústrias de transformação, têxteis, bebidas, cimento, açúcar e álcool, beneficiamento de soja e extração vegetal, levando ao crescimento de diversos distritos industriais. Porém, merece destaque o município de Uruçuí, que recebeu uma unidade da Bunge.

Entre as características do estado do Piauí que favorecem o desenvolvimento, merecem destaque: o porto Luís Correia, no litoral do Piauí (próximo à região maranhense do Matopiba); a ferrovia Transnordestina; e a rodovia Transcerrados, localizada no polo de Uruçuí-Gurguéia, que se apresenta como uma das áreas de grande potencial de desenvolvimento do complexo agroindustrial das áreas do Cerrado nordestino. Começa no município de Sebastião Leal, no entroncamento com a PI-247, e termina no município de Monte Alegre, no entroncamento com a PI-254.

Por sua vez, o Tocantins, segundo informações do governo do estado, possui onze distritos industriais, localizados em Palmas (capital), Colinas do Tocantins (região centro-norte), Porto Nacional (região central), Gurupi (região sul), Araguaína (região norte) e Paraíso (região central). Entre os principais setores ativos no estado, destacam-se pré-moldados, material plástico, fabricação de peças em gesso, atacadista de alimentos, curtume, frigorífico, bebidas e alimentos, fertilizantes, ração, processamento de milho, suplemento mineral, proteico (uso animal), cerâmicas, biodiesel, nutrição animal,

13. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/>. Acesso em: 14 set. 2016.
14. Disponível em: <http://www.sedet.pi.gov.br/index.php>. Acesso em: 7 fev. 2018.

beneficiamento de arroz, construção civil, móveis e cerâmicas, distribuidoras de bebidas e alimentos, marmoraria, produtos siderúrgicos e veículos.

Por fim, o estado do Maranhão, segundo a Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Energia (Seinc), conta com muitas áreas de atuação, como açúcar e álcool, atacado, avicultura, bebidas, carne e couro, comércio e serviços, construção civil, energia renovável, grãos, indústria naval, mineração, papel e celulose, petróleo e gás, têxtil e confecções, e turismo. Alguns setores merecem destaque pela capacidade atual ou pela potencialidade, como a avicultura, que possui grande margem de crescimento, uma vez que o estado produz apenas 25% dos frangos que consome e é o segundo maior produtor de grãos do Nordeste. A indústria naval foi favorecida, nos últimos anos, pela descoberta de reservas de petróleo e gás em alto mar, o que impulsiona a construção de plataformas de petróleo, navios, embarcações de apoio e equipamentos etc. No setor de energia renovável, o Maranhão é considerado a nova fronteira da produção de energia por meio do gás natural.

A partir de algumas informações gerais sobre os estados componentes do Matopiba, o estudo agora se debruçará sobre as atividades econômicas do setor industrial e de serviços realizadas no Matopiba, entretanto, não foi possível obter muitos dados por meio do IBGE, pois a maior parte dos dados fornecidos pelo instituto estão agregados em nível regional ou federal, o que dificulta a compilação para os grupos de municípios pertencentes ao Matopiba. Assim sendo, utilizaram-se as informações disponíveis em nível municipal do Cadastro Central de Empresa (CCE)/IBGE,[15] que fornece informações mais acessíveis da economia da região,[16] para que fosse possível agregar ao conjunto do Matopiba, o que limitou a análise do setor industrial e de serviços.

As informações apresentadas a seguir foram levantadas no CCE/IBGE. As tabelas 11, 12 e 13 apresentam dados sobre número de unidades, número de empresas atuantes, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado e salários totais e outras remunerações. Nas tabelas 11 e 12, apresentam-se informações para o Brasil e para as cinco macrorregiões, além do Matopiba. Já a tabela 13, apresenta os mesmos dados desagregados pelos estados (dada a participação de cada um) que compõem o Matopiba.

15. Disponível em: <https://goo.gl/jNCGSd>. Acesso em: ago. 2016.
16. Foi solicitada diretamente ao IBGE a compilação de dados para o Matopiba para algumas variáveis, porém não foi possível obter todo o material solicitado.

TABELA 11
Número de unidades e de empresas atuantes

Brasil e regiões	Unidades locais			Empresas atuantes		
	2007	2010	2013	2007	2010	2013
Brasil	**4.768.784**	**5.551.915**	**5.874.465**	**-**	**5.338.630**	**5.629.118**
Norte	161.274	198.811	219.192	-	190.757	209.147
Nordeste	749.310	875.559	922.484	-	842.869	884.104
Sudeste	2.442.843	2.854.568	3.012.623	-	2.739.396	2.879.319
Sul	1.073.364	1.210.689	1.266.757	-	1.169.725	1.222.029
Centro-Oeste	341.993	412.288	453.409	-	395.883	434.519
Matopiba	65.503	78.892	86.110	-	42.991	46.478

Fonte: CCE/IBGE.

Havia 46.478 empresas atuantes no Matopiba em 2013, diante de 42.991 em 2010. Já em termos de unidades locais, havia 86.110 em 2013, ante 78.892 em 2010. A tabela 12 apresenta o número total de pessoas ocupadas para os anos 2007, 2010 e 2013, que no Matopiba passou de 497.852, em 2007, para 700.939, em 2013. Já o pessoal ocupado assalariado passou de 432.458, em 2007, para 611.220, em 2013.

O total de salários e remunerações consta na última coluna, observando um crescimento de 168%, entre os anos 2007 e 2013, passando de R$ 4.550 milhões para R$ 12.225 milhões. O crescimento no total de remunerações no Matopiba foi mais elevado do que o ganho observado para todo o território brasileiro, que foi de 120%, para o mesmo período de abrangência. Esse aumento de salários e remunerações no Matopiba mostra o forte crescimento da região, uma vez que nesse período o Brasil apresentou considerável incremento na renda média nacional, fruto da combinação de crescimento econômico com políticas públicas que aumentaram o padrão de vida do brasileiro, colocando grande parte da população dentro da classe média brasileira. Assim, nota-se que, mesmo com todo o vigor apresentado no Brasil, a região do Matopiba conseguiu ter maior incremento nos salários e nas remunerações.

TABELA 12
Pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações

Brasil e regiões	Pessoal ocupado total			Pessoal ocupado assalariado			Salários e outras remunerações (R$ 1 mil)		
	2007	2010	2013	2007	2010	2013	2007	2010	2013
Brasil	**42.641.175**	**49.733.384**	**55.166.521**	**36.658.326**	**43.000.578**	**47.890.419**	**602.812.132**	**908.823.997**	**1.325.448.799**
Norte	2.098.801	2.585.479	2.923.739	1.917.689	2.369.536	2.679.181	28.303.966	45.577.318	68.799.629
Nordeste	7.314.278	8.870.981	9.836.362	6.457.848	7.899.809	8.776.3287	8.052.5601	28.461.474	188.272.449
Sudeste	22.292.117	25.580.023	28.051.057	19.083.644	21.994.265	24.193.533	342.967.914	504.846.506	727.548.882
Sul	7.658.915	8.789.217	9.793.544	6.327.177	7.293.551	8.206.111	95.783.553	140.102.344	211.992.619
Centro-Oeste	3.277.064	3.907.684	4.561.819	2.871.968	3.443.417	4.035.266	57.704.138	89.836.354	128.835.219
Matopiba	497.852	611.580	700.939	432.458	534.758	611.220	4.550.302	8.071.191	12.225.621

Fonte: CCE/IBGE.

Observando as informações para apenas as partes dos estados componentes do Matopiba, tem-se que, das 86.110 unidades existentes no Matopiba, 45% estão localizadas no Maranhão, 33% no Tocantins, 17% na Bahia e 5% no Piauí. Já em termos de pessoal ocupado, 43% estão localizados no Maranhão e apenas 4% no Piauí. Na distribuição do total de remunerações e salários, tem-se que 49% foram provenientes do Tocantins, 36% do Maranhão, 13% da Bahia e 3% do Piauí. Os números mais expressivos do Tocantins se devem ao fato de que sua participação no Matopiba é considerável, com todo o território inserido na região, explicação que se estende para o Maranhão, que também participa com grande parte do seu território na composição do Matopiba.

O salário médio mensal cresceu de 1,53 salário mínimo, em 2007, para 1,60 salário mínimo, em 2010, chegando a 1,72 salário mínimo, em 2013. Enquanto em 2007 o Tocantins apresentava o melhor salário médio mensal, de 1,68 salário mínimo; em 2010, este feito foi da Bahia, com 1,65 salário mínimo. Em 2013, o Piauí apresentou o melhor resultado, com 1,82 salário mínimo, ante os 1,75 da Bahia, 1,69 do Maranhão e 1,63 do Tocantins (tabela 13).

TABELA 13
Unidades locais, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações, salário médio mensal e empresas atuantes

	2007					
	Número de unidades locais	Pessoal ocupado total	Pessoal ocupado assalariado	Salários e outras remunerações (R$ 1 mil)	Salário médio mensal (salário mínimo)	Número de empresas atuantes
Tocantins	21.656	211.456	188.728	2.599.499	1,68	-
Bahia	11.481	63.935	52.543	477.870	1,56	-
Maranhão	29.673	209.807	181.310	1.401.236	1,45	-
Piauí	2.693	12.654	9.877	71.697	1,42	-
Total	**65.503**	**497.852**	**432.458**	**4.550.302**	**1,53**	**0**
	2010					
	Número de unidades locais	Pessoal ocupado total	Pessoal ocupado assalariado	Salários e outras remunerações (R$ 1 mil)	Salário médio mensal (salário mínimo)	Número de empresas atuantes
Tocantins	26.126	251.144	225.963	4.301.873	1,60	25.568
Bahia	14.144	85.147	70.968	939.942	1,65	13.768
Maranhão	34.877	256.894	223.279	2.668.429	1,51	-
Piauí	3.745	18.395	14.548	160.947	1,64	3.655
Total	**78.892**	**611.580**	**534.758**	**8.071.191**	**1,60**	**42991**
	2013					
	Número de unidades locais	Pessoal ocupado total	Pessoal ocupado assalariado	Salários e outras remunerações (R$ 1 mil)	Salário médio mensal (salário mínimo)	Número de empresas atuantes
Tocantins	28.823	272.661	242.925	6.005.071	1,63	2.8071
Bahia	14.819	100.678	84.520	1.537.292	1,75	14.410
Maranhão	38.368	302.606	263.233	4.356.979	1,69	-
Piauí	4.100	24.994	20.542	326.279	1,82	3.997
Total	**86.110**	**700.939**	**611.220**	**12.225.621**	**1,72**	**4.6478**

Fonte: CCE/IBGE.

As informações sobre os tipos de atividade, baseados na descrição Classificação Nacional de Atividades Econômicas (Cnae) 2.0,[17] existentes na região do Matopiba, serão apresentadas a seguir, considerando tanto atividades do setor de comércio e serviços como as atividades industriais. O quadro 1 apresenta a descrição da Cnae.

17. Disponível em: <http://www.cnae.ibge.gov.br/>. Acesso em: set. 2016.

QUADRO 1
Descrição de atividades – Cnae 2.0

Seção	Divisões	Descrição Cnae
A	01...03	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura
B	05...09	Indústrias extrativas
C	10...33	Indústrias de transformação
D	35...35	Eletricidade e gás
E	36...39	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação
F	41...43	Construção
G	45...47	Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas
H	49...53	Transporte, armazenagem e correio
I	55...56	Alojamento e alimentação
J	58...63	Informação e comunicação
K	64...66	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados
L	68...68	Atividades imobiliárias
M	69...75	Atividades profissionais, científicas e técnicas
N	77...82	Atividades administrativas e serviços complementares
O	84...84	Administração pública, defesa e seguridade social
P	85...85	Educação
Q	86...88	Saúde humana e serviços sociais
R	90...93	Artes, cultura, esporte e recreação
S	94...96	Outras atividades de serviços
T	97...97	Serviços domésticos
U	99...99	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais

Fonte: Cnae/IBGE.

De acordo com dados do Sistema IBGE de Recuperação Automática (Sidra/IBGE),[18] o Matopiba possuía 78.404 estabelecimentos em 2013, segundo a classificação da Cnae. A tabela 14 apresenta a distribuição dos estabelecimentos; de acordo com as seções da Cnae 2.0, 56% dos estabelecimentos da região pertencem ao comércio e à reparação de veículos automotores e motocicletas, seguido de outras atividades de serviço, com 9,6%, e indústrias de transformação, com 5,2%. Ainda na tabela 14, é possível observar o tamanho dos estabelecimentos de acordo com o número de pessoas ocupadas nestes, nota-se que os estabelecimentos com até quatro funcionários representavam 79% do total de estabelecimentos.

18. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>.

TABELA 14
Número de estabelecimentos segundo classificação Cnae, por faixa de pessoal ocupado – Matopiba (2013)

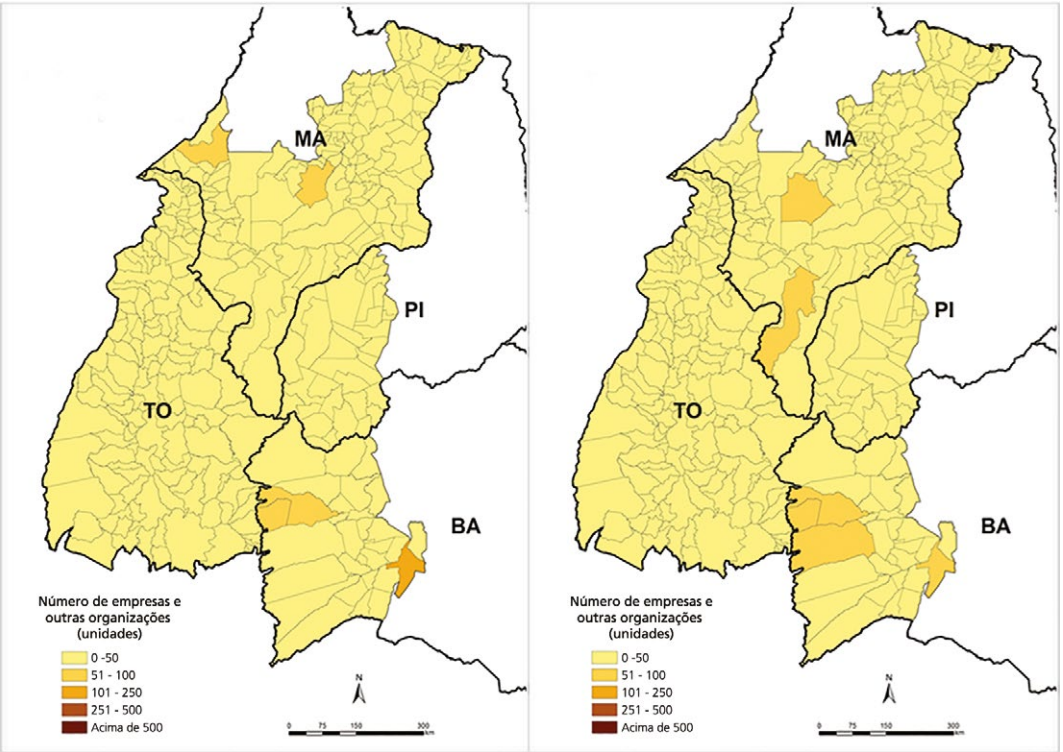
Seção	Descrição CNAE	De 0 a 4	De 5 a 9	De 10 a 19	De 20 a 29	De 30 a 49	De 50 a 99	De 100 a 249	De 250 a 499	500 ou mais	**Total**
A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	997	210	159	57	43	41	19	11	5	**1.542**
B	Indústrias extrativas	146	31	29	12	13	5	3	1	0	**240**
C	Indústrias de transformação	2.651	642	430	154	102	70	38	9	12	**4.108**
D	Eletricidade e gás	27	3	6	1	1	2	0	0	1	**41**
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	117	25	21	7	7	4	2	0	1	**184**
F	Construção	2.304	385	219	76	80	61	27	8	5	**3.165**
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	35.733	5.043	1.955	433	269	144	69	11	9	**43.666**
H	Transporte, armazenagem e correio	1.777	260	135	46	38	19	9	3	1	**2.288**
I	Alojamento e alimentação	2.051	592	320	93	55	13	4	0	0	**3.128**
J	Informação e comunicação	603	92	62	19	8	7	3	0	0	**794**
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	285	38	8	4	5	2	2	1	0	**345**
L	Atividades imobiliárias	495	58	25	5	3	6	1	0	0	**593**
M	Atividades profissionais, científicas e técnicas	1.928	321	132	20	16	5	1	0	0	**2.423**
N	Atividades administrativas e serviços complementares	2.135	394	132	30	27	28	16	3	3	**2.768**
O	Administração pública, defesa e seguridade social	232	77	38	25	34	53	149	111	117	**836**
P	Educação	1.539	272	171	54	45	24	13	97	2.134	**2.134**
Q	Saúde humana e serviços sociais	1.441	291	117	36	24	21	10	3	5	**1.948**
R	Artes, cultura, esporte e recreação	530	68	25	2	1	1	0	0	0	**627**
S	Outras atividades de serviços	6.972	254	264	28	25	20	8	1	2	**7.574**
T	Serviços domésticos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**0**
U	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	**0**
	Total	**61.963**	**9.056**	**4.248**	**1.102**	**796**	**526**	**374**	**171**	**168**	**78.404**

Fonte: CCE/IBGE.

Observando cada atividade da classificação Cnae, entre os anos 2007 e 2013, é possível notar que em algumas atividades praticamente não houve alteração no número de estabelecimentos, ao passo que em outras houve uma leve melhora. O mapa 13 apresenta dados da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura. Observa-se que apenas nos estados da Bahia e do Maranhão havia, em 2007 e 2013, municípios com mais de cinquenta estabelecimentos; em 2013, o número de municípios com mais de cinquenta estabelecimentos cresceu, como exemplo tem-se São Desidério, na Bahia, e Balsas

e Grajaú, no Maranhão, estado este que viu os municípios de Açailândia e Barra do Corda diminuírem seu número de estabelecimentos para menos de cinquenta nas áreas de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura.

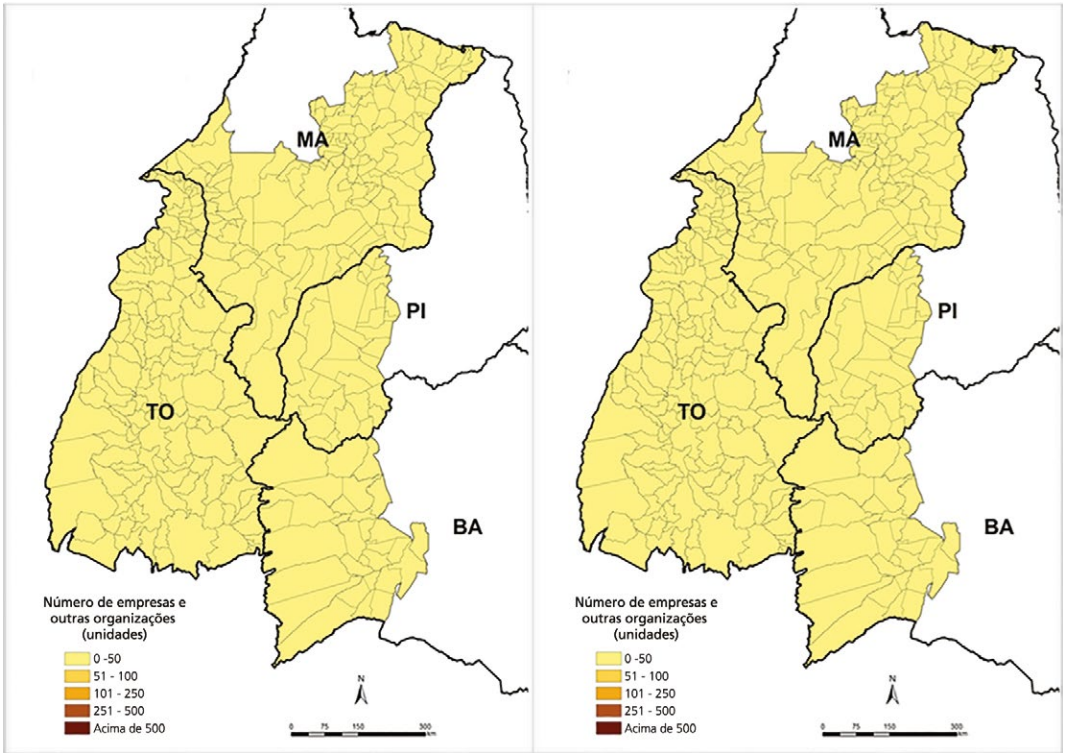
MAPA 13
Empresas de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura – Matopiba
13A – 2007 13B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

Sobre a atividade extrativista, nenhum município do Matopiba apresentou mais de cinquenta estabelecimentos por município, tanto em 2007 como em 2013 (mapa 14).

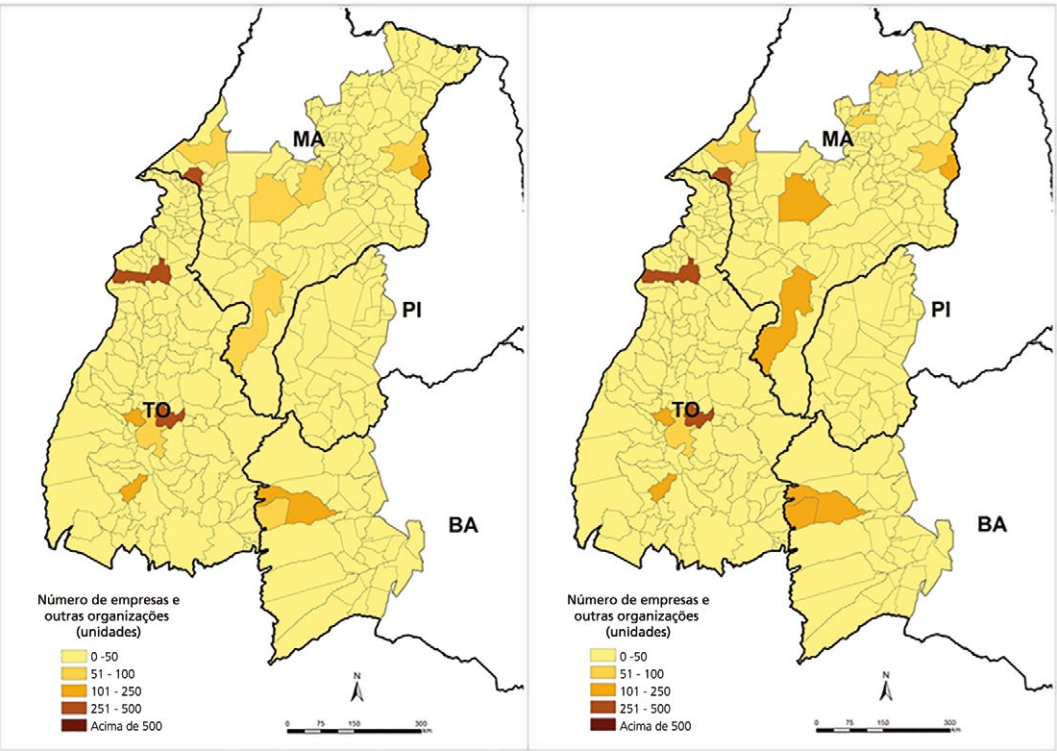
MAPA 14
Empresas da atividade extrativista – Matopiba
14A – 2007 14B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

A indústria de transformação do Matopiba apresentou aumento no número de municípios com mais de cinquenta estabelecimentos, como Grajaú, que em 2007 estava na faixa de 51 a 100 estabelecimentos, e em 2013 já se localizava na faixa entre 101 e 250 estabelecimentos. O município de Balsas deixou a faixa de 51 a 100 estabelecimentos para a faixa de 101 a 250. O município de Luís Eduardo Magalhães também deixou a faixa de 51 a 100 estabelecimentos para a faixa de 101 a 250.

MAPA 15
Empresas da indústria de transformação – Matopiba
15A – 2007 15B – 2013



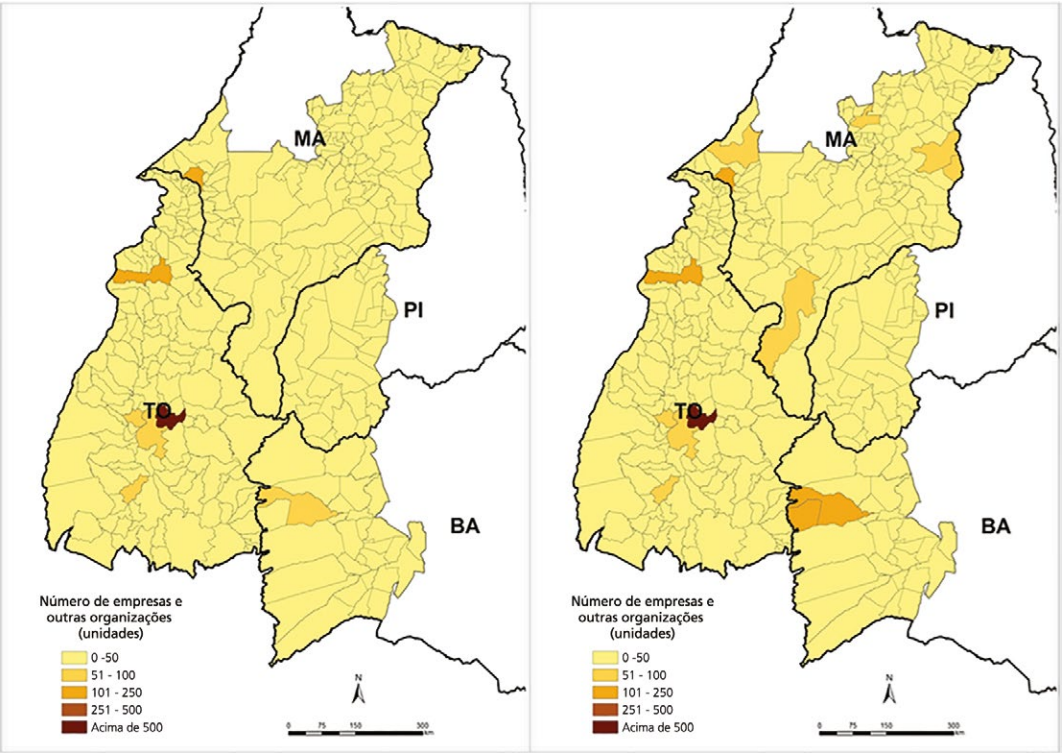
Fonte: CCE/IBGE.

A atividade de construção apresentou aumento de municípios com mais de cinquenta estabelecimentos, principalmente no estado do Maranhão, como os municípios de Balsas, Caxias, Timon, Açailândia e Bacabal. No Tocantins, não houve alteração nas faixas de número de estabelecimentos entre os municípios. Já na Bahia, houve o aumento de estabelecimentos em Luís Eduardo Magalhães e Barreiras, sendo que neste último município o aumento de estabelecimentos foi para a faixa de 101 a 250 estabelecimentos ante a faixa anterior de 51 a 100 (mapa 16).

A indústria de construção civil apresentou forte crescimento em todo o país durante o período de análise (2007-2013), tanto para o setor habitacional como para o provimento de infraestrutura em várias regiões brasileiras, o que colaborou para o surgimento e fortalecimento de empresas no setor. Segundo dados da Pesquisa Anual da

Indústria da Construção 2014 (Paic/IBGE),[19] o setor apresentou crescimento de 170% na receita bruta total no período para todo o Brasil e o número de pessoal ocupado apresentou crescimento de 86%, no mesmo período. O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV)[20] fomentou a construção civil, por subsidiar a aquisição da casa própria para famílias de baixa renda e facilitar o acesso a linhas de financiamento para famílias com renda até R$ 5 mil, o que provocou o crescimento de diversas empresas e construtoras do ramo. Também em função do dinamismo econômico, muitas obras foram realizadas, como portos, estradas, transposição do rio São Francisco, entre outras, que demandaram a localização de empresas em regiões como a Nordeste e, no caso específico, o Matopiba.

MAPA 16
Empresas de construção – Matopiba
16A – 2007 16B – 2013

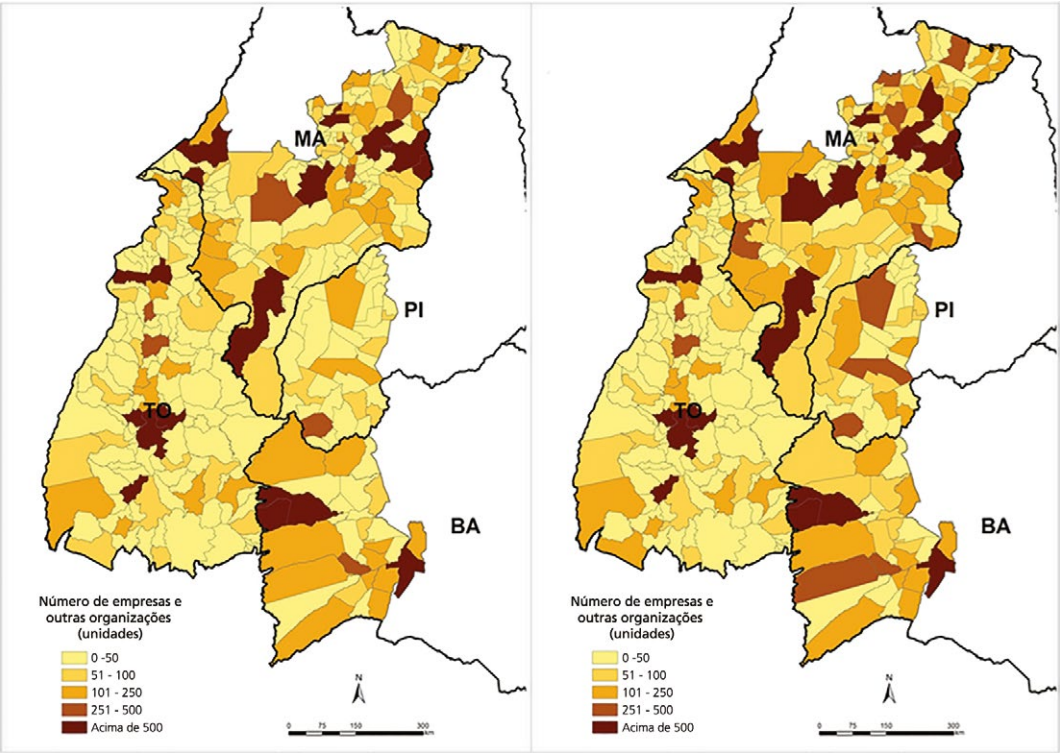


Fonte: CCE/IBGE.

19. Disponível em: <https://goo.gl/aVqREK>. Acesso em: 23 maio 2017.
20. Programa habitacional apresentado no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2009, que concedia financiamento baseado em três faixas de renda. Faixa I: famílias com renda mensal bruta de até R$ 1.600,00. Faixa II: famílias com renda mensal bruta de até R$ 3.275,00. Faixa III: famílias com renda mensal bruta de R$ 3.275,00 até R$ 5 mil.

O setor do comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas apresentou sensível aumento no número de municípios com mais de cinquenta estabelecimentos em diante. A parte piauiense do Matopiba, em 2013, possuía municípios com mais de 251 estabelecimentos, ao contrário de 2007. No extremo oeste baiano, observa-se o predomínio de municípios com mais de 51 estabelecimentos (mapa 17). Essa informação também se relaciona com o aumento da renda média nacional do Brasil no mesmo período, quando políticas de incentivos, como redução de impostos, por exemplo, o Imposto sobre Produtos Industriais (IPI), promoveram a inserção de grande parcela da população brasileira no mercado consumidor,[21] favorecendo a indústria automobilística e promovendo o acesso de famílias ao meio de transporte próprio.

MAPA 17
Empresas de comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas – Matopiba
17A – 2007 17B – 2013



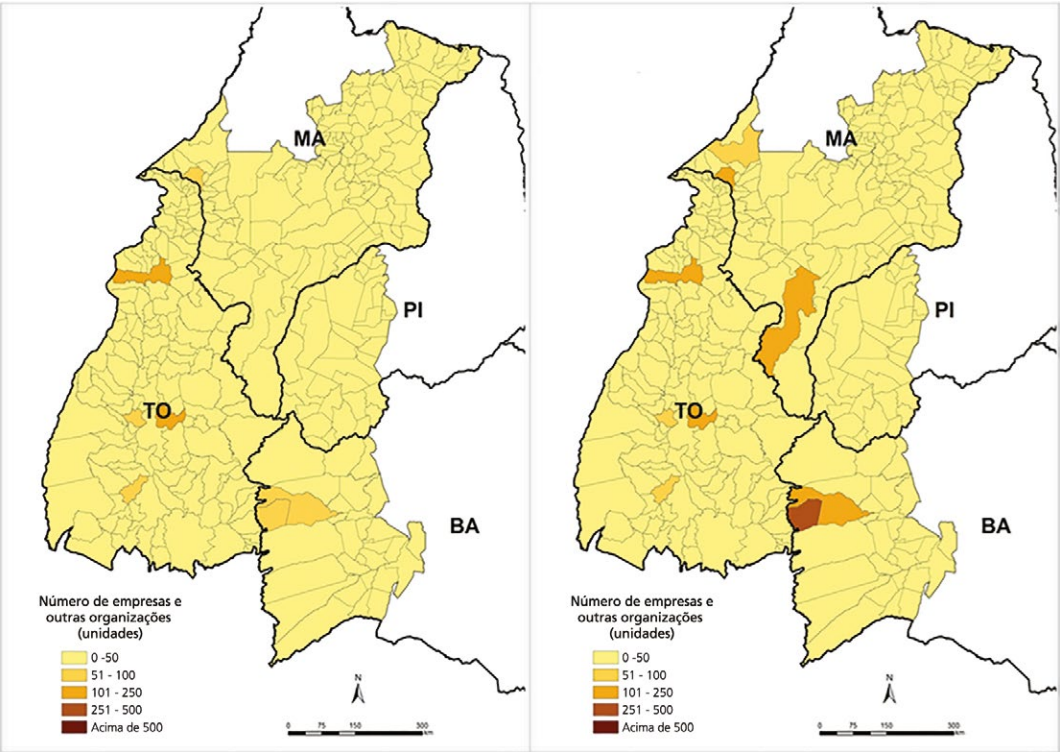
Fonte: CCE/IBGE.

21. Para mais informações, ver Teixeira e Pinto (2012), Cagnin *et al*. (2013) e Cano e Silva (2010).

A atividade de armazenagem, transporte e correios apresentou crescimento no número de estabelecimentos nos estados do Matopiba, com destaque para o Maranhão e a Bahia. No primeiro, o município de Açailândia passou da faixa de até cinquenta estabelecimentos para a faixa de 51 a 100 estabelecimentos. O município de Balsas também apresentou mudança de faixa, saindo de menos de cinquenta estabelecimentos para a faixa de 101 a 250 estabelecimentos. Na Bahia, observa-se que os municípios de Luís Eduardo Magalhães e Barreiras subiram da faixa de 51 a 100 estabelecimentos para a faixa de 101 a 250 (Barreiras) e 251 e 500 (Luís Eduardo Magalhães) (mapa 18).

Tais atividades crescem a reboque do aumento da produção agrícola, pois os grãos precisam ser armazenados, estocados e transportados, o que atrai empresas especializadas na construção de armazéns, silos, entre outras estruturas de armazenagem, assim como empresas que realizam frete de cargas agrícolas. Considerando também que, ainda incipiente, o Matopiba possui empresas produtoras de carne, frango etc., além de uma indústria de laticínios, que demanda um tipo específico de transporte refrigerado para o produto.

MAPA 18
Empresas do setor de armazenagem, transporte e correios – Matopiba
18A – 2007 18B – 2013

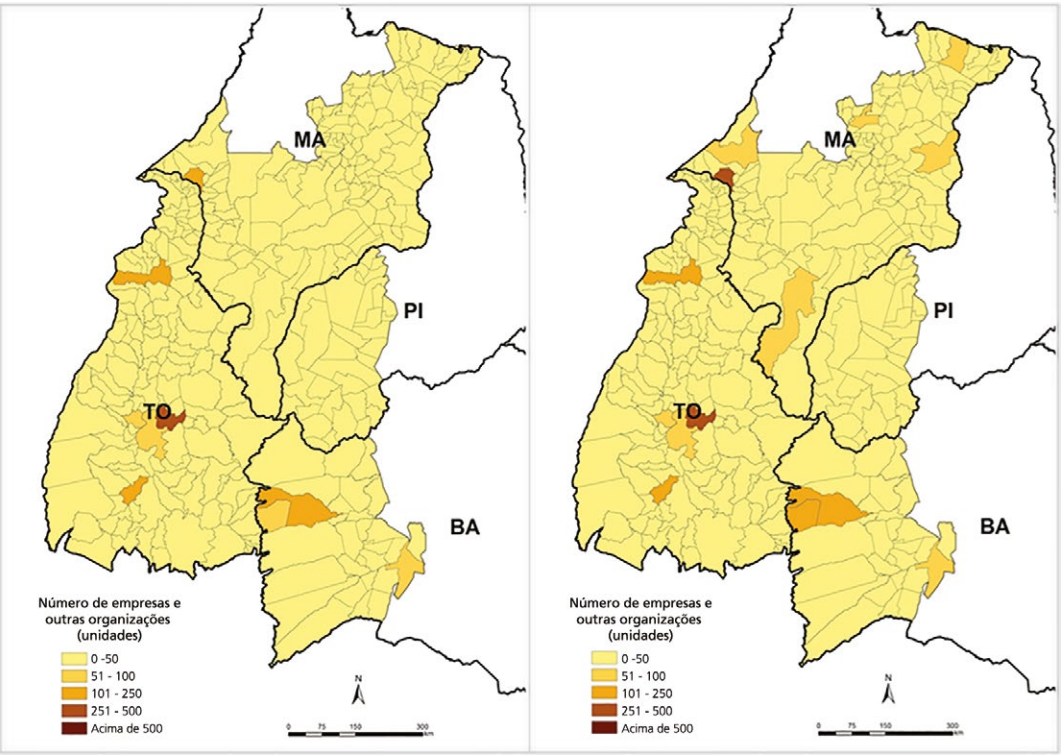


Fonte: CCE/IBGE.

As empresas da área de alojamento e alimentação também ganharam mais estabelecimentos, principalmente no Maranhão, em Açailândia, Balsas, Caxias, Bacabal e Barreirinhas. Ademais, o município de Imperatriz saiu da faixa de 101 a 250 estabelecimentos para a faixa de 251 a 500 estabelecimentos. Por sua vez, na Bahia, houve aumento em Luís Eduardo Magalhães, que saiu da faixa de 51 a 100 para a faixa de 101 a 250 estabelecimentos. O Piauí não apresentou nenhum município com mais de cinquenta estabelecimentos, tanto em 2007 como em 2013. O Tocantins também permaneceu nas mesmas faixas de número de estabelecimentos por município (mapa 19).

A atividade de alojamento e alimentação é uma das primeiras a sentir o efeito decorrente do maior dinamismo na economia, pois novas atividades em área de fronteira, ou seja, com taxa de exploração ainda incipiente, exigem a contratação de novos profissionais, os quais vêm de outros estados e municípios. Além de ser uma agricultura intensiva em capital, exigindo profissionais tecnicamente qualificados, também há o *spillover* para outras atividades, como compra de insumos, defensivos, máquinas, entre outros, atraindo representantes de vendas e outros profissionais da área.

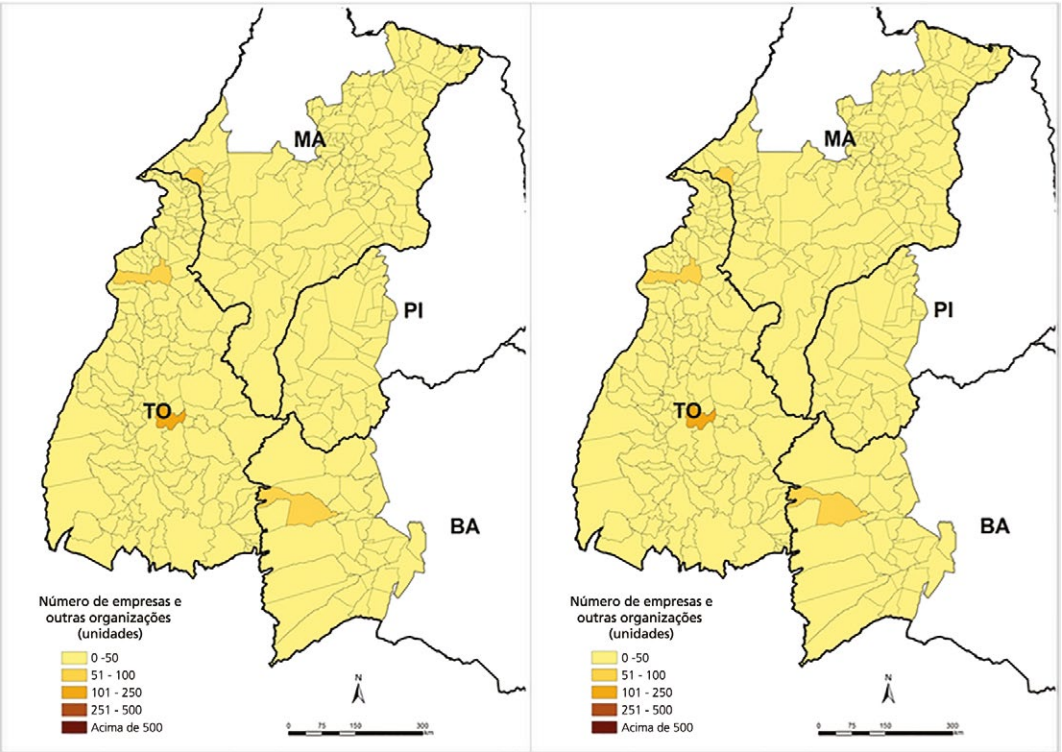
MAPA 19
Empresas de alojamento e alimentação – Matopiba
19A – 2007 19B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

A atividade de informação e comunicação também permaneceu em 2013 nas mesmas faixas de número de estabelecimentos que em 2007. Na Bahia, apenas o município de Barreiras possui mais de cinquenta estabelecimentos nessa atividade, assim como em Açailândia, no Maranhão (mapa 20).

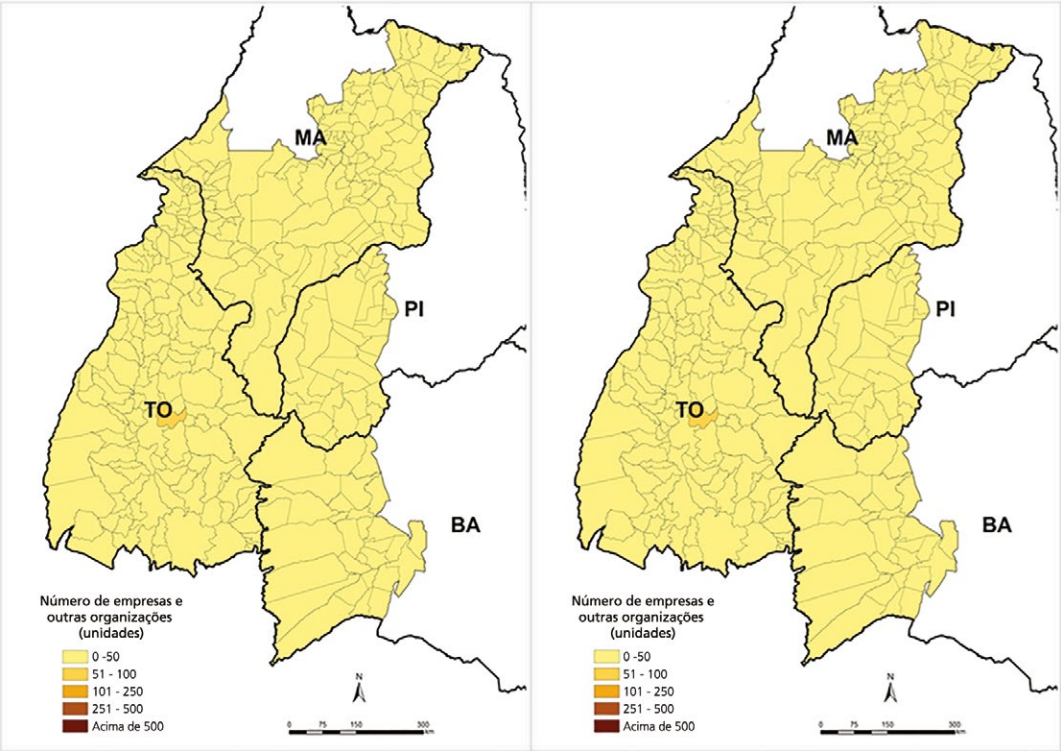
MAPA 20
Empresas de informação e comunicação – Matopiba
20A – 2007 20B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

As atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados aparecem apenas em Palmas, no Tocantins, em 2007 e 2013, com mais de cinquenta estabelecimentos (mapa 21).

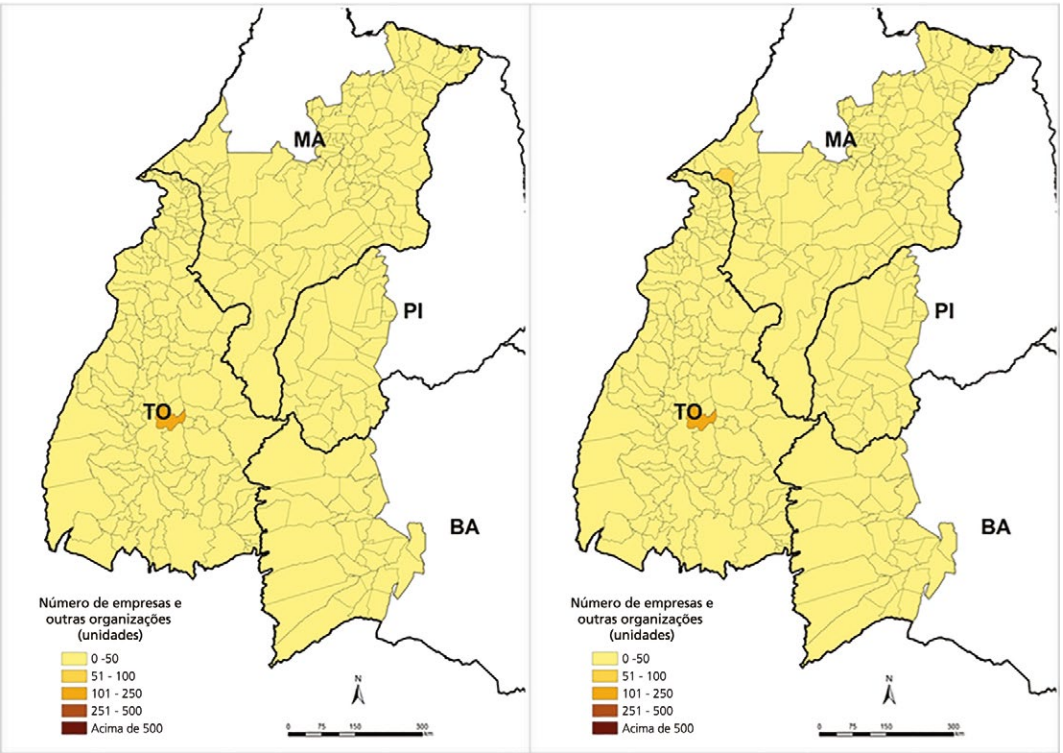
MAPA 21
Empresas de atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados – Matopiba
21A – 2007 21B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

Apenas em Palmas, no Tocantins, as atividades imobiliárias apresentam mais do que 101 estabelecimentos na área, ao passo que todos os outros municípios do Matopiba possuem até cinquenta estabelecimentos por município (mapa 22).

MAPA 22
Empresas de atividades imobiliárias – Matopiba
22A – 2007 22B – 2013



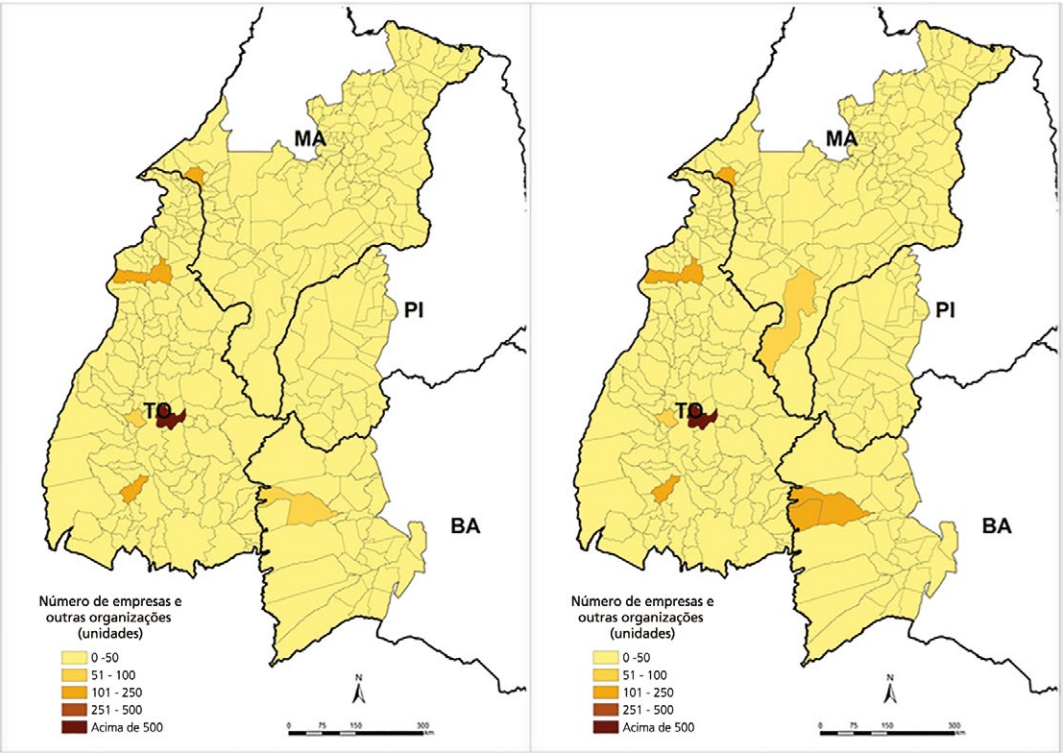
Fonte: CCE/IBGE.

As atividades profissionais, científicas e técnicas foram encontradas em maior quantidade, dado o número de estabelecimentos, nos municípios de Paraíso do Tocantins (51 a 100), Gurupi e Araguaína (101 a 250) e Palmas (mais de 500 estabelecimentos), tanto em 2007 como em 2013. Na Bahia, houve a mudança de faixa de Luís Eduardo Magalhães, que passou de até 50 estabelecimentos, em 2007, para 51 a 100, em 2013. Em Barreiras, houve mudança da faixa de 51 a 100 estabelecimentos, para a faixa de 101 a 250 estabelecimentos. No Maranhão, o município de Balsas deixou a faixa de até 50 estabelecimentos, em 2007, para a faixa 51 a 100 estabelecimentos, e Imperatriz apresentou, tanto em 2007 como em 2013, de 51 a 100 estabelecimentos nesse ramo de atividade (mapa 23).

Essa informação tem grande relação com o tipo de agricultura realizada na região e a força dessa, dado se tratar de uma agricultura capital intensiva, conforme já

mencionado, ou seja, uma agricultura com forte uso de máquinas e implementos agrícolas, insumos, defensivos, entre outros, atraindo, assim, grande número de empresas do setor para prestar consultoria e também vender produtos para os agricultores. Em alguns casos, essas empresas funcionam como *tradings* do agronegócio, ao fornecer os insumos a um determinado preço fechado da safra, o que, por um lado, evita a exposição do agricultor às flutuações do mercado de *commodities*, mas, por outro, concede às empresas agrícolas um *status* de financiadoras do setor. De todo modo, nas regiões onde o agronegócio apresenta crescimento, há uma atração imediata de empresas para atender as demandas decorrentes da atividade.

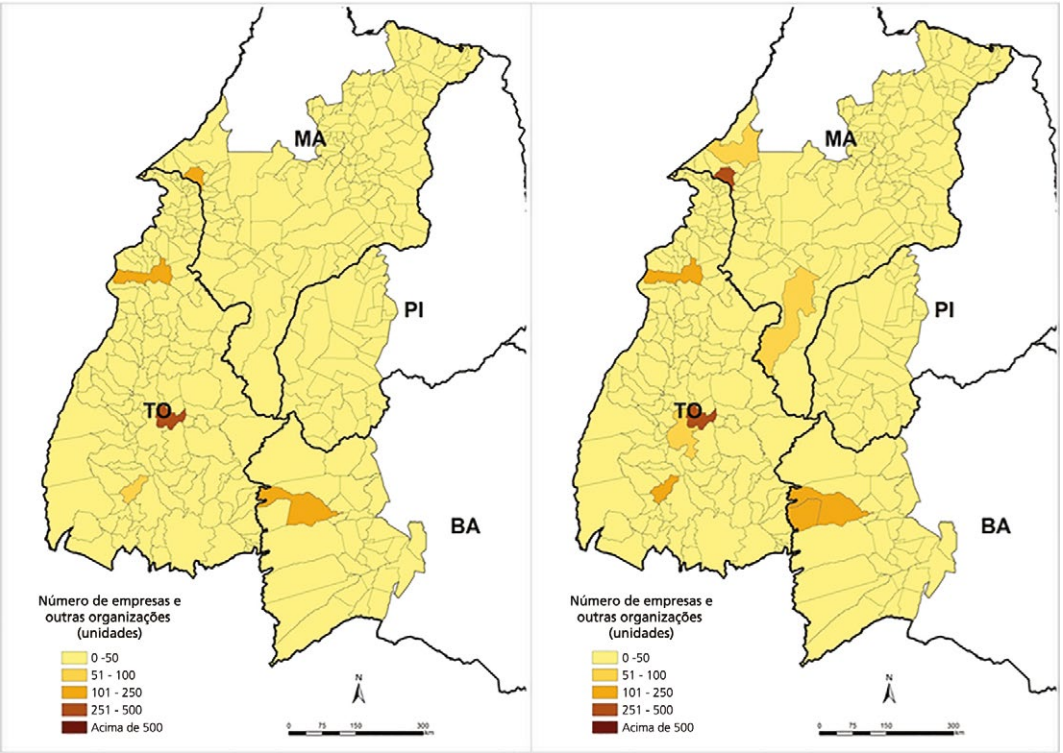
MAPA 23
Empresas de atividades profissionais, científicas e técnicas – Matopiba
23A – 2007 23B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

Atividades administrativas e serviços complementares apresentaram crescimento no número de estabelecimentos nos municípios de Açailândia e Balsas, no Maranhão, saindo de até 50 estabelecimentos para a faixa seguinte, de 51 a 100 estabelecimentos. O município de Imperatriz também apresentou aumento de estabelecimentos, estando em 2007 entre 51 a 100 estabelecimentos e, em 2013, na faixa de 101 a 250 estabelecimentos. Na Bahia, o município de Barreiras continuou na faixa de 51 a 100 estabelecimentos, ao passo que Luís Eduardo Magalhães saiu da faixa de até 50 estabelecimentos para a faixa de 51 a 100 estabelecimentos. No Piauí, nenhum município apresentou mais do que 50 estabelecimentos, tanto em 2007 como em 2013 (mapa 24).

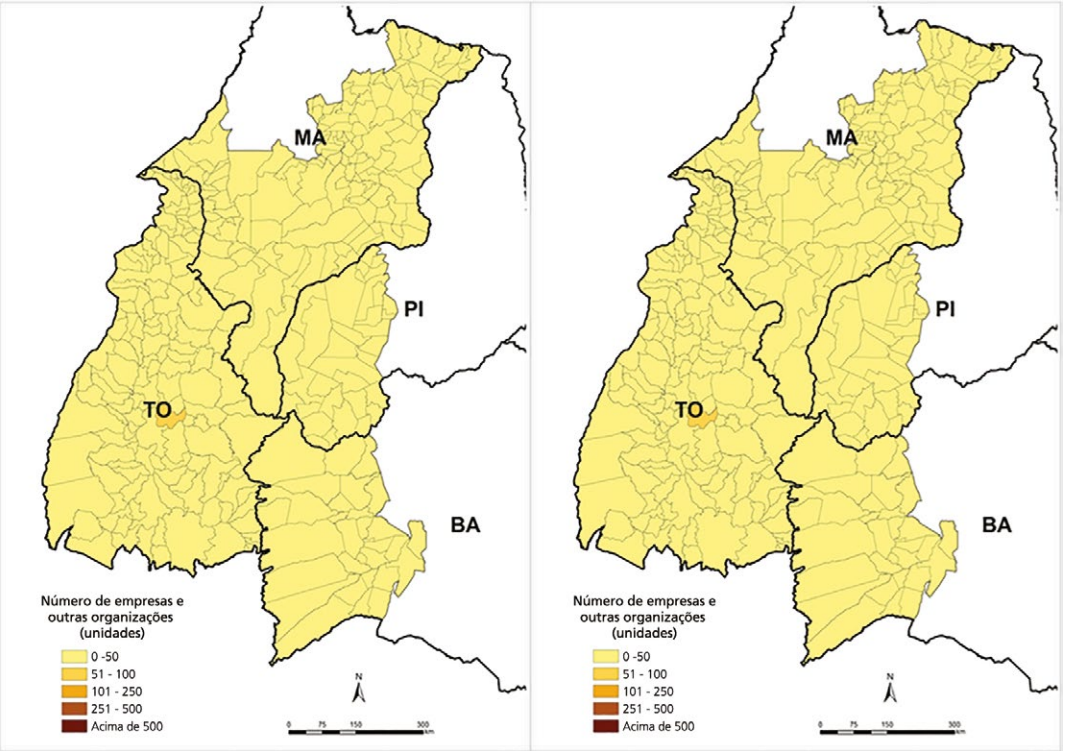
MAPA 24
Empresas de atividades administrativas e serviços complementares – Matopiba
24A – 2007 24B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

A área de administração pública, defesa e seguridade social também não apresentou nenhum município com mais de 50 estabelecimentos, com exceção de Palmas, no Tocantins, que em 2007 e 2013 apresentou entre 51 e 100 estabelecimentos (mapa 25).

MAPA 25
Empresas de administração pública, defesa e seguridade social – Matopiba
25A – 2007 25B – 2013



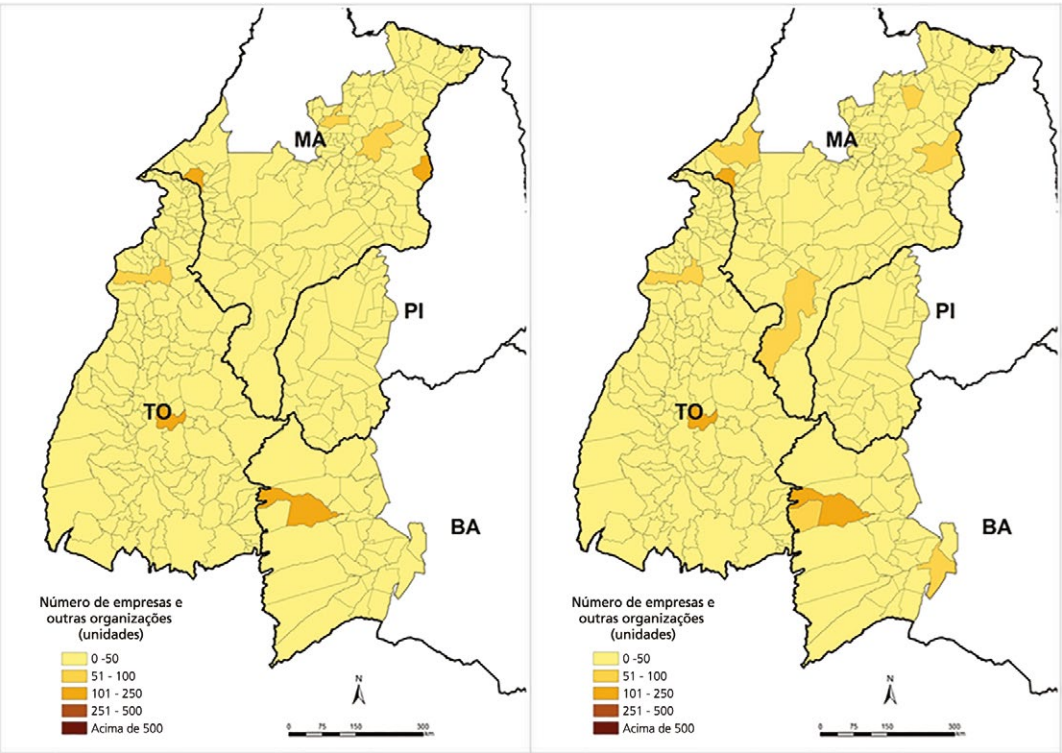
Fonte: CCE/IBGE.

Na área de educação, os municípios não apresentaram mais do que 250 estabelecimentos, como em Barreiras, na Bahia. Ainda neste estado, o município de Luís Eduardo Magalhães possuía até 50 estabelecimentos em 2007, apresentando entre 51 e 100 estabelecimentos em 2013, assim como Bom Jesus da Lapa. No Tocantins, o município de Palmas apresentou de 101 a 250 estabelecimentos, enquanto Araguaína apresentou de 51 a 100 estabelecimentos, em 2007 e 2013. No Maranhão, o município de Imperatriz permaneceu na faixa de 101 a 250 estabelecimentos, ao passo que Balsas, Vargem Grande e Caxias saíram da faixa de até 50 estabelecimentos e subiram para a faixa de 51 a 100 estabelecimentos. Por sua vez, Codó, Bacabal e Timon viram seus estabelecimentos fecharem, entre os anos 2007 e 2013 (mapa 26).

Assim como as demais atividades econômicas, o setor de educação também sentiu os reflexos do dinamismo econômico no Brasil como um todo. Nesse período, programas como o Programa Universidade para Todos (Prouni), que concede bolsa de estudos de até 100% para estudantes com bom desempenho acadêmico e vulnerabilidade social em universidades particulares, apresentaram incremento de 87% no número de bolsas concedidas, entre os anos 2007 e 2014,[22] o que, além de favorecer estudantes de baixa renda que não conseguem uma vaga em universidade pública, também provocou a multiplicação de universidades particulares em todo o país. Outro programa que também promoveu a melhoria e contribuiu para o crescimento do número de universidades foi o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).[23] Assim sendo, o crescimento econômico do período, somado às políticas públicas, promoveu o maior acesso da população à educação. Em uma região com dinamismo superior à média nacional, com a agricultura impulsionando a economia local, uma gama de atividades relacionadas também experimenta desse crescimento, como a educação, pois o crescimento atrai empresas, que por sua vez atrai novos profissionais e cria-se um ciclo de maior profissionalização e investimentos em educação em busca de postos de trabalho e maiores salários.

22. Para mais informações acerca do Prouni, conferir: <https://goo.gl/1NGCzL>. Acesso em: 14 mar. 2017.
23. Programa do Ministério da Educação (MEC) que financia cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

MAPA 26
Empresas da atividade de educação – Matopiba
26A – 2007 26B – 2013



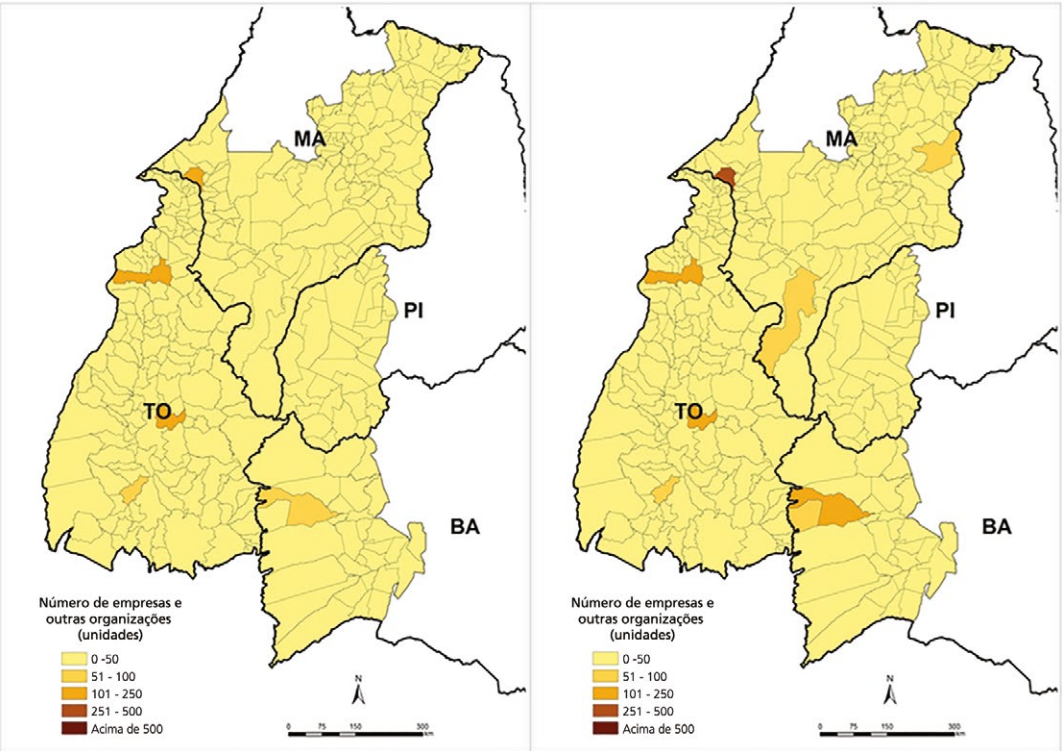
Fonte: CCE/IBGE.

As empresas do ramo de saúde humana e serviços sociais apresentaram crescimento no Maranhão, nos municípios de Balsas, Caxias e Imperatriz, sendo neste último na faixa de 101 a 250 estabelecimentos em 2013. Na Bahia, Barreiras e Luís Eduardo Magalhães apresentaram crescimento, com o primeiro saindo da faixa 51 a 100 para a faixa 101 a 250, e o segundo da faixa até 50 estabelecimentos para a faixa 51 a 100 estabelecimentos. No Piauí, não houve mudança, sendo todos os municípios com até 50 estabelecimentos. No Tocantins, os municípios de Araguaína, Palmas e Gurupi possuíam tanto em 2007 como em 2013 mais que 50 estabelecimentos nessa área (mapa 27).

Essas atividades também refletem melhoria no padrão de vida dos municípios e da população, dado que o maior dinamismo provoca maior arrecadação de impostos pelas prefeituras e promove melhoria nos serviços de saúde, o que dinamiza todo o setor, pois outras empresas relacionadas, como laboratórios e hospitais, se instalam na região

para atender essa população que possui melhor nível de renda e tem acesso a convênios médicos e serviços diversos.

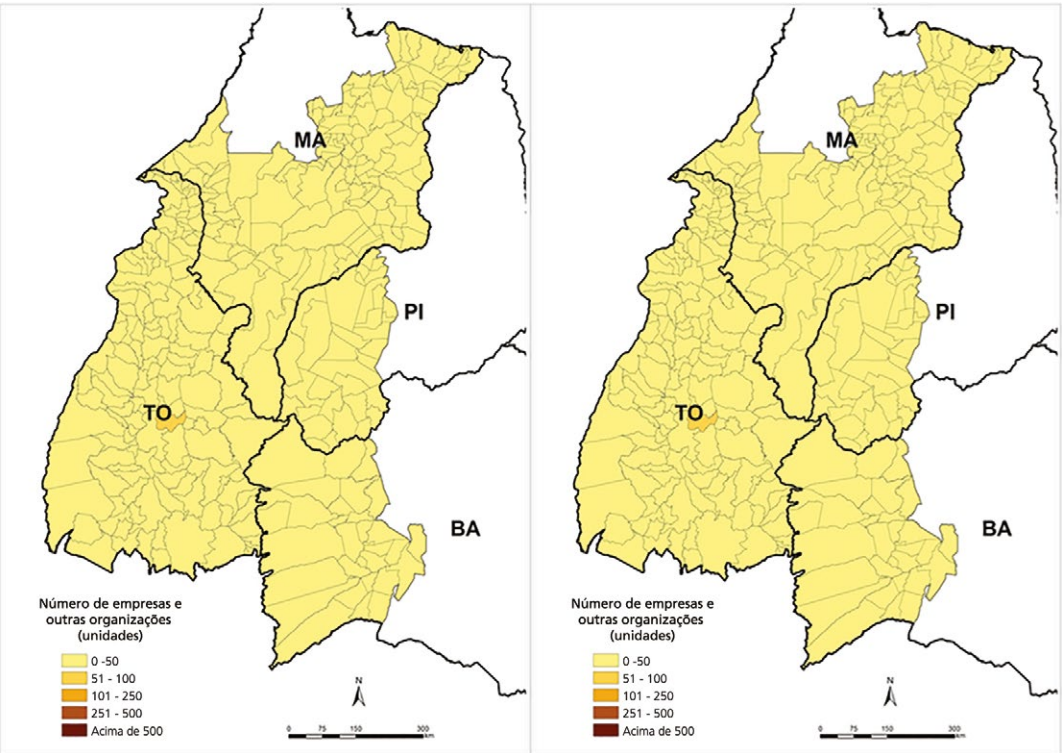
MAPA 27
Empresas da atividade de saúde humana e serviços sociais – Matopiba
27A – 2007 27B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

A área de artes, cultura, esportes e recreação também não apresentou nenhum município com mais de 50 estabelecimentos, com exceção de Palmas, no Tocantins, o qual, em 2007 e 2013, apresentou entre 51 e 100 estabelecimentos (mapa 28).

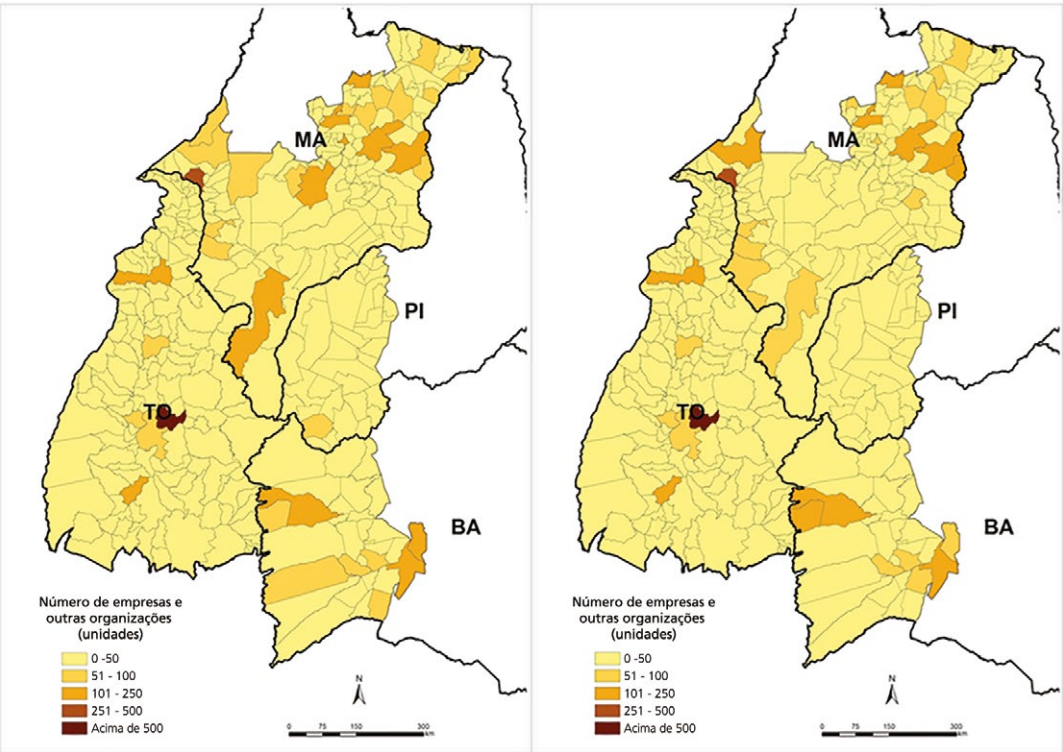
MAPA 28
Empresas de artes, cultura, esportes e recreação – Matopiba
28A – 2007 28B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

Por fim, empresas de outros ramos de atividades são apresentadas no mapa 29, em que se observa certa constância entre os anos 2007 e 2013. No nordeste do Maranhão, a redução do número de estabelecimentos se fez presente nos municípios de Carolina, Itinga do Maranhão, Amarante do Maranhão, Jenipapo dos Vieiras, Barra do Corda, Balsas etc. Na Bahia, o município de Barreiras seguiu na mesma faixa de estabelecimentos, assim como Santana, Santa Maria da Vitória e Bom Jesus da Lapa. Por sua vez, Correntina, Cariranha e Paratinga apresentaram mudança para a faixa inferior, de até 50 estabelecimentos. No Piauí, o município de Corrente também deixou a faixa de 51 a 100 estabelecimentos, em 2007, para a faixa de até 50 estabelecimentos, em 2013. No Tocantins, os municípios permaneceram dentro da mesma faixa tanto em 2007 como em 2013 (mapa 29).

MAPA 29
Empresas de outras atividades de serviços – Matopiba
29A – 2007 29B – 2013



Fonte: CCE/IBGE.

4 INFRAESTRUTURA

A infraestrutura adequada para o desenvolvimento agrícola também pode trazer impactos positivos para diminuir a desigualdade social local. A partir de eletrificação rural, aumento da capacidade de armazenamento de grãos, melhoria de estradas e de terminais portuários, entre outros, é possível aumentar a produção de grãos destinada tanto à alimentação de frangos e suínos da região como à exportação, ou seja, com essas medidas pode-se facilitar a atração de granjas e abatedouros para a região.

4.1 Armazenamento de grãos

A tabela 15 apresenta dados de armazenamento de grãos no Matopiba, por microrregião, segundo os tipos de unidade de instalação; os dados são da Conab. A capacidade total

de armazenamento está em 8.149.048 toneladas. O estado da Bahia possui 50,7% da capacidade total, com 504 instalações, com 85,8% da capacidade baiana na microrregião de Barreiras. O Tocantins possui 21,4% do total da capacidade e 148 unidades, sendo 27% localizada no Jalapão, 22,7% no Rio Formoso e 16,6% no Porto Nacional. O Maranhão possui 16,4% da capacidade total e 126 unidades, com 71,5% do seu total localizado em Gerais das Balsas. Por fim, o Piauí participa com 11,5% do total da capacidade, com 99 instalações armazenadoras, com 60,6% da capacidade localizada na microrregião do Alto Parnaíba Piauiense.

TABELA 15
Capacidade total e número de instalações de grãos – Matopiba (2016)

UF	Microrregiões	Capacidade total	%	Número total de instalações	%
MA	Imperatriz	54.060	4,0	6	4,8
	Gerais das Balsas	957.286	71,5	64	50,8
	Chapadinha	94.930	7,1	22	17,5
	Alto Mearim e Grajaú	16.388	1,2	9	7,1
	Porto Franco	138.416	10,3	12	9,5
	Chapadas do Alto Itapecuru	11.440	0,9	4	3,2
	Chapadas das Mangabeiras	48.220	3,6	6	4,8
	Itapecuru Mirim	16.000	1,2	1	0,8
	Baixo Parnaíba Maranhense	1.811	0,1	2	1,6
		1.338.551	**16,4**	**126**	**14,4**
TO	Bico do Papagaio	14.682	0,8	3	2,0
	Araguaína	74.341	4,3	10	6,8
	Miracema do Tocantins	141.570	8,1	13	8,8
	Rio Formoso	394.178	22,7	362	4,3
	Gurupi	246.637	14,2	23	15,5
	Porto Nacional	288.632	16,6	201	3,5
	Jalapão	470.095	27,0	36	24,3
	Dianópolis	109.933	6,3	7	4,7
		1.740.068	**21,4**	**148**	**16,9**
PI	Alto Médio Gurguéia	309.619	33,0	45	45,5
	Alto Parnaíba Piauiense	568.407	60,6	46	46,5
	Chapadas do Extremo Sul Piauiense	2.157	0,2	2	2,0
	Bertolínia	57.539	6,1	6	6,1
		937.722	**11,5**	**99**	**11,3**
BA	Barreiras	3.545.724	85,8	418	82,9
	Bom Jesus da Lapa	4.676	0,1	3	0,6
	Santa Maria da Vitória	582.307	14,1	83	16,5
		4.132.707	**50,7**	**504**	**57,5**
Total		**8.149.048**		**877**	

Fonte: Conab (2016).

O box 1 apresenta os principais tipos de unidade e sua descrição. A unidade mais comum em capacidade instalada em todo o Matopiba são os graneleiros, responsáveis por 44% da capacidade total de armazenagem, seguido da bateria de silos, com 34%, e do armazém convencional, ou celeiro, com 12%. Conforme se lê no box 1, os silos são unidades armazenadoras com mais tecnologia e, portanto, com custo superior aos graneleiros e estes, por sua vez, superiores aos armazéns. Na Bahia, no Tocantins e no Piauí, há preponderância de graneleiros em relação aos demais tipos, ao passo que no Maranhão há predominância de bateria de silos.

BOX 1
Tipos de armazenamentos de grãos

Convencional: o armazém convencional, também chamado de celeiro, é uma unidade para estocagem de produtos embalados em sacos, fardos, caixas, *pallets* e *bags*. Podem ser construídas em concreto, alvenaria, estruturas metálicas ou mistas, com boa condição ambiente como ventilação e cobertura.
Graneleiro: unidade armazenadora com estocagem a granel no sentido horizontal, podendo haver um ou mais níveis de compartimentos. Podem ser automatizados ou semiautomatizados.
Silos: unidades armazenadoras de grãos caracterizadas por células ou compartimentos estanques e herméticos, ou semi-herméticos. Possuem custo de instalação por tonelada de grão superior ao graneleiro. Entretanto, alcançam maior período de estocagem do produto e maior controle das características físico-químicas e biológicas dos grãos.
Bateria de silos: conjunto de silos individuais ou agrupados ao lado de uma central de processamento. Possui a vantagem de estocar grãos por períodos longos de tempo.
Chapéu chinês: utilizado para proteger a armazenagem de espigas com palha de roedores.

Fonte: Lacerda Filho, Silva e Rezende (2008).

TABELA 16
Capacidade total e número de instalações de grãos – Matopiba (2016)

Microrregião	Convencional	Graneleiro	Bateria de silos	Silo	Estrutural	Depósito	Chapéu chinês	**Total por microrregião**
Araguaína	7.495	0	66.326	520	0	0	0	**74.341**
Bico do Papagaio	1.296	0	13.386	0	0	0	0	**14.682**
Dianópolis	1.727	35.112	65.365	7.729	0	0	0	**109.933**
Gurupi	88.821	63.160	94.656	0	0	0	0	**246.637**
Jalapão	79.240	54.164	335.101	1.590	0	0	0	**470.095**
Miracema do Tocantins	71.550	16.284	34.535	19.201	0	0	0	**141.570**
Porto Nacional	117.340	10.164	121.344	39.784	0	0	0	**288.632**
Rio Formoso	0	116.698	252.099	7.561	0	17.820	0	**394.178**
Total por tipo	**367.469**	**295.582**	**982.812**	**76.385**	**0**	**17.820**	**0**	**1.740.068**
Imperatriz	0	0	13.060	0	0	0	0	**13.060**
Gerais das Balsas	65.808	488.517	286.288	86.419	0	0	30.254	**957.286**
Chapadinha	12.185	41.331	27.301	14.113	0	0	0	**94.930**
Alto Mearim e Grajaú	14.777	1.611	0	0	0	0	0	**16.388**
Porto Franco	0	85.997	27.078	25.341	0	0	0	**138.416**
Chapadas do Alto Itapecuru	7.480	0	3.960	0	0	0	0	**11.440**
Chapadas das Mangabeiras	12.795	22.996	12.429	0	0	0	0	**48.220**

(Continua)

(Continuação)

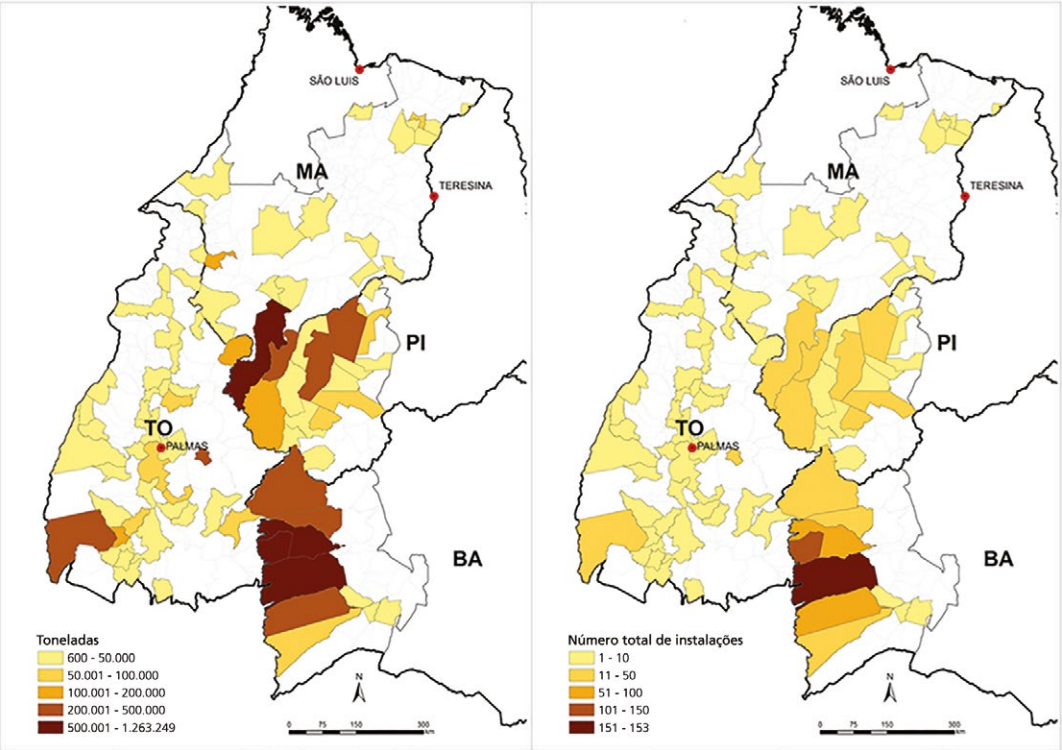
Microrregião	Convencional	Graneleiro	Bateria de silos	Silo	Estrutural	Depósito	Chapéu chinês	**Total por microrregião**
Imperatriz	7.000	34.000	0	0	0	0	0	**41.000**
Itapecuru Mirim	0	0	16.000	0	0	0	0	**16.000**
Baixo Parnaíba Maranhense	1.219	0	0	592	0	0	0	**1.811**
Total por tipo	**121.264**	**674.452**	**386.116**	**126.465**	**0**	**0**	**30.254**	**1.338.551**
Alto Médio Gurguéia	6.917	254.488	25.708	22.506	0	0	0	**309.619**
Alto Parnaíba Piauiense	10.350	316.322	150.485	69.503	0	0	21.747	**568.407**
Bertolínia	0	14.600	34.931	0	8.00 8	0	0	**57.539**
Chapadas do Extremo Sul Piauiense	2.157	0	0	0	0	0	0	**2.157**
Total por tipo	**19.424**	**585.410**	**211.124**	**92.009**	**8.008**	**0**	**21.747**	**937.722**
Barreiras	359.644	1.859.945	973.573	223.601	93.300	4.167	31.494	**3.545.724**
Bom Jesus da Lapa	3.366	0	0	1.310	0	0	0	**4.676**
Santa Maria da Vitória	101.613	202.765	246.953	30.976	0	0	0	**582.307**
Total por tipo	464.623	2.062.710	1.220.526	255.887	93.300	4.167	31.494	**4.132.707**

Fonte: Conab (2016).

MAPA 30

Capacidade total de armazenamento de grãos e número total de instalações – Matopiba (2016)

30A – 2007 30B – 2013



Fonte: Conab (2016).

As unidades armazenadoras são de suma importância para o desenvolvimento do agronegócio, pois uma unidade armazenadora técnica e bem instalada pode tornar o sistema produtivo mais econômico, já que favorece a comercialização da produção em períodos financeiramente mais vantajosos para o produtor, evitando a pressão natural do mercado na época da colheita (D'Arce, [s.d.]). Porém, há um *deficit* de armazenagem de grãos no Brasil como um todo e no Matopiba não seria diferente. Com produção de 16,6 milhões de toneladas em 2014 e capacidade verificada de 8,1 milhões de toneladas pela Conab, constata-se que há um *deficit* de 51,2% na capacidade de armazenamento no Matopiba, ao passo que no Brasil há *deficit* de 27% (D'Arce, [s.d.]).

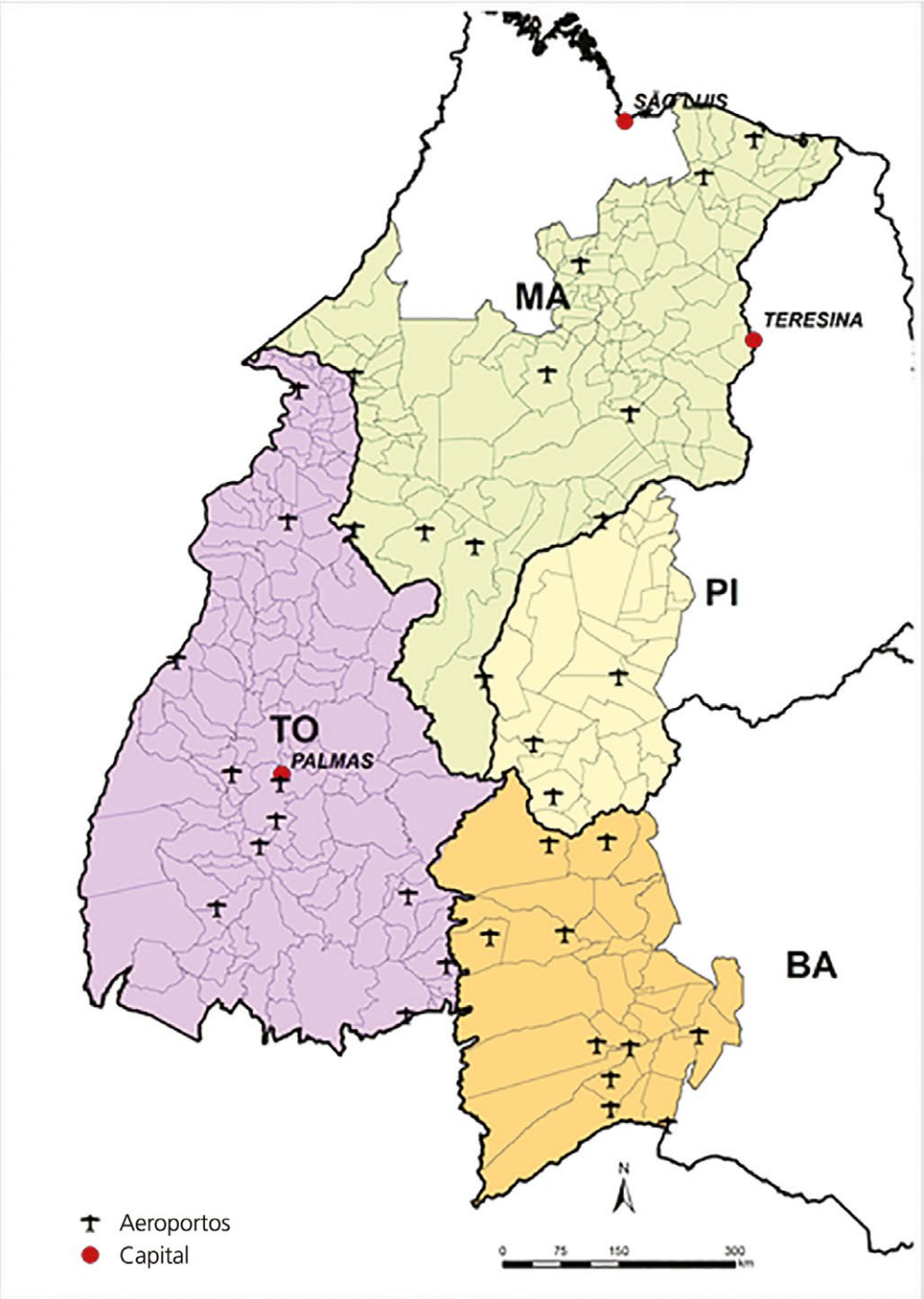
Trata-se, pois, de um gargalo que mostra que, apesar da existência do Moderinfra[24] e da liberação de R$ 500 milhões em 2015, há a necessidade de ampliação da capacidade de armazenamento no Matopiba. Além disso, é importante considerar que, muitas vezes, os armazéns possuem em seus estoques (armazenamento) grãos de safras passadas, resultando em uma capacidade real de armazenamento menor do que a capacidade total declarada no *site* da Conab.

4.2 Infraestrutura aeroportuária

Há 35 aeroportos públicos na região do Matopiba (mapa 31), sendo onze no estado do Maranhão, onze no Tocantins, dez na Bahia, além de mais três no Piauí. Entre as microrregiões, destaca-se a existência de três aeroportos em Gerais das Balsas (MA), três em Barreiras (BA) e quatro em Santa Maria da Vitória (BA). Além dos aeroportos públicos, há também 160 aeroportos privados distribuídos pela região do Matopiba, porém a distribuição destes não é tão uniforme, sendo 72 aeroportos privados na Bahia, 40 no Tocantins, 33 no Maranhão e 15 no Piauí. Considerando apenas o estado da Bahia, é interessante notar que o município de São Desidério, o maior PIB do Matopiba e uma das maiores cidades do agronegócio brasileiro, possui 25 aeroportos privados.

24. Programa de Incentivo à Irrigação e à Produção em Ambiente Protegido (Moderinfra) com objetivo de: *i)* apoiar o desenvolvimento da agropecuária irrigada sustentável, econômica e ambientalmente, de forma a minimizar o risco na produção e aumentar a oferta de produtos agropecuários; *ii)* fomentar o uso de estruturas para a produção em ambiente protegido, com o objetivo de aumentar a produtividade e qualidade das culturas; e *iii)* proteger a fruticultura em regiões de clima temperado contra a incidência de granizo. Informação disponível em: <http://www.bndes.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2016.

MAPA 31
Aeroportos públicos – Matopiba (2016)



Fonte: Agência Nacional da Aviação Civil (Anac). Disponível em: <http://www.anac.gov.br/>. Acesso em: 3 ago. 2016.

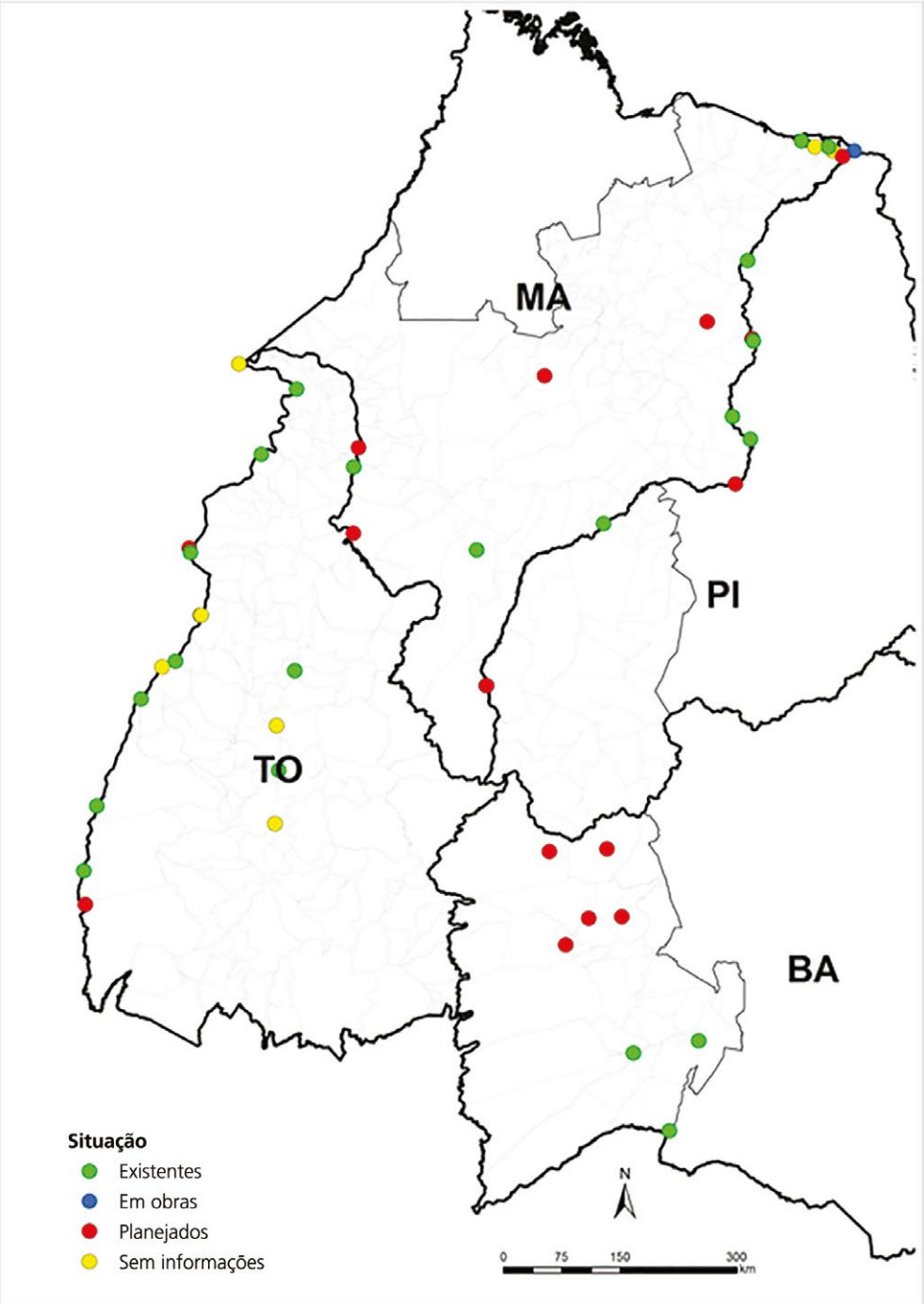
Segundo Vasconcelos (2007), a existência de aeroportos em muitas regiões, e até mesmo regiões tão diversas, representa a capacidade de desenvolvimento regional, pois tais obras de infraestrutura não apenas servem para a mobilidade de pessoas, mas também colaboram para aumentar a produtividade das empresas, gerar empregos, conectar redes de transporte urbano e regional e fomentar os negócios locais.

4.3 Infraestrutura portuária

A região do Matopiba possui 41 portos fluviais, sendo oito na Bahia, treze no Maranhão, oito no Piauí e dez no Tocantins. O mapa 32 aponta a localização dos portos existentes – incluindo aqueles em obras e planejados –, referentes ao ano de 2013, os quais já podem ter sido finalizados até o presente momento. Além disso, há o porto de Itaqui (MA), que dá acesso ao mar, favorecendo as exportações, pois grande parte da produção de soja é exportada para a China e a Europa.

Os portos apresentados no mapa 32 estão principalmente localizados no rio Araguaia, que margeia a divisa entre os estados do Pará e do Tocantins, e no rio Parnaíba, que margeia a divisa entre os estados do Maranhão e Piauí. Como é possível observar no mapa 32, também há a localização de portos ao centro do Tocantins, nos municípios de Palmas, Porto Nacional e Miracema do Tocantins, sobre o rio Tocantins, o qual também abriga os portos de Carolina, Imperatriz e Porto Franco, no Maranhão. Já os portos localizados na porção sudeste baiana estão localizados no rio São Francisco.

MAPA 32
Portos – Matopiba (2016)



Fonte: Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq). Disponível em: <http://www.antaq.gov.br/Portal/default.asp>. Acesso em: 3 ago. 2016.

Quanto aos portos marítimos, os quais permitem o escoamento da produção para os mercados externos, a região do Matopiba conta com o porto de Itaqui (MA) e futuramente poderá usufruir do porto de Ilhéus (BA). Conforme será visto no próximo tópico sobre ferrovias, o corredor logístico para acessar o porto de Itaqui já está concluído, com a construção de terminais intermodais para que seja possível escoar a produção de grãos. No porto de Itaqui (MA), foi construído o Terminal de Grãos do Maranhão (Tegram), que possui capacidade estática de armazenamento de 500 mil toneladas (base soja), com quatro armazéns com capacidade de 125 mil toneladas/cada.

TABELA 17
Movimentação de cargas – porto de Itaqui

	2001	2005	2010	2014
Carga geral	262.213	166.766	330.936	1.162.753
Granéis sólidos	8.995.222	5.946.989	5.273.827	8.875.635
Fertilizantes	208.561	361.634	669.134	1.497.442
Soja	621.703	1.699.790	2.063.178	3.017.834
Farelo de soja	-69.377	9.317	36.250	
Milho	-	-	-	624.424
Trigo	74.286	101.370	97.652	105.110
Arroz	-	-	154.853	100.199
Minério de ferro	5.495.333	71.340	-	-
Outros	2.595.339	3.643.478	2.279.693	3.494.376
Granéis líquidos	5.891.568	5.452.241	7.068.432	7.990.756
Total	**15.149.003**	**11.565.996**	**12.673.195**	**18.029.144**

Fonte: Porto do Itaqui. Disponível em: <https://goo.gl/6tMDaH>. Acesso em: 6 fev. 2018.

A tabela 17 apresenta informações sobre a movimentação das cargas no porto de Itaqui, com crescimento de 19%, entre 2001 e 2014, ao passo que a movimentação somente de grãos cresceu 438%. Por sua vez, o escoamento do minério de ferro via o porto de Itaqui foi reduzido até 2009, e em 2010 não houve mais movimentação via este porto.

O porto Sul, em Ilhéus, no sul da Bahia, foi anunciado pelo governo da Bahia em maio de 2016. A princípio, este porto seria construído com recursos do governo federal, porém, devido à crise econômica, foi fechado acordo com o Fundo Chinês para Investimento na América Latina (Clai-Fund) e com a China Railway Engineering Group para a construção e operação do porto Sul e da Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), em associação com o governo do estado e com a Bahia Mineração (Bamin). A parceria

Brasil-China prevê, além da construção do porto Sul, também a construção de quatro trechos da Ferrovia de Integração Oeste Leste, entre Ilhéus e Caetité, já em fase final de obras (Estado da Bahia, 2016).

4.4 Infraestrutura ferroviária

A principal obra hoje no Matopiba é a ferrovia que liga Figueirópolis (TO) a Ilhéus (BA), a Fiol, com 1.500 km. Segundo o Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil, o trecho entre Barreiras e Ilhéus está em construção, com pequeno trecho próximo a Contendas do Sincorá já construído. O trecho entre Barreiras (BA) e Figueirópolis (TO) está em fase de planejamento (mapa 33).

MAPA 33
Ferrovias I – Matopiba (2016)

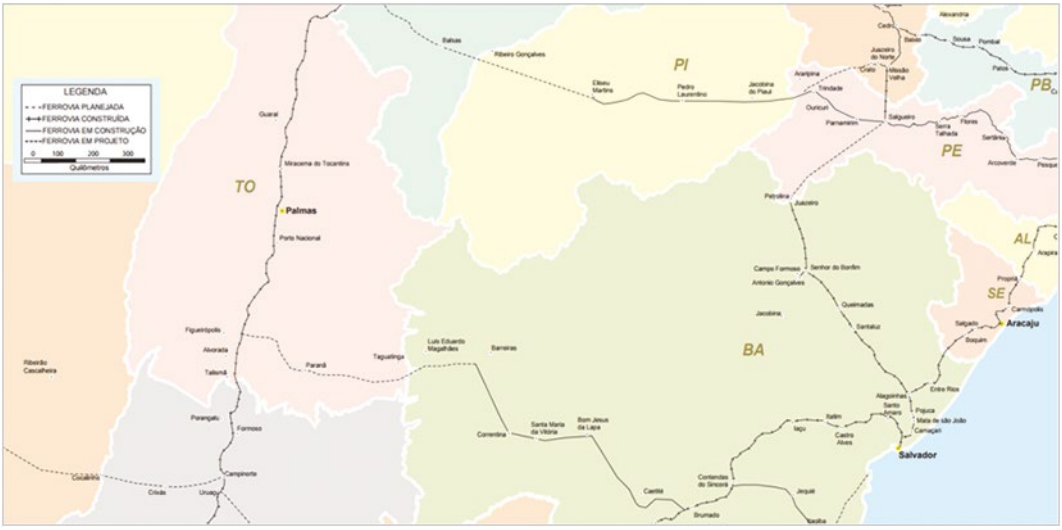
Fonte: Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. Disponível em: <https://goo.gl/HzW8vt>. Acesso em: 1º ago. 2016.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Já a ferrovia Norte-Sul está totalmente construída e passa pelos estados do Tocantins e do Maranhão (mapas 33 e 34). Ela vem recebendo investimento da iniciativa privada via concessões, para a construção de terminais intermodais, com o objetivo de transformá-la em um corredor logístico centro-norte de exportação. O objetivo é fomentar a exportação de grãos da região, incluindo a produção originada no Centro-Oeste e que pode ser exportada pelo porto de Itaqui para os mercados europeu e asiático. A ferrovia Norte-Sul irá ligar também, longitudinalmente, outros trechos de

ferrovias planejados, como a Transnordestina, a Ferrovia de Integração do Centro-Oeste (Fico) e a Fiol à malha existente.

O modal ferroviário possui grandes vantagens frente ao modal rodoviário, como a economia de quatro vezes no consumo de combustível, sendo mais vantajoso no escoamento de cargas volumosas a longas distâncias. Entretanto, esse modal, por questões históricas, nunca recebeu o investimento necessário para cobrir vastas áreas, estando mais concentrado na região centro-sul do país. Para que esse se estabeleça como um modal unificado, um dos entraves seria uniformizar a bitola adotada nas linhas férreas, que apresenta variação pela ausência de planejamento do setor no Brasil. Ademais, faz-se necessário promover o ganho de eficiência do modal, através do aumento da velocidade média dos trens, o que demandaria investimentos em projetos de infraestrutura para desviar algumas linhas das áreas de ocupação urbana (Castro, 2017).

MAPA 34
Ferrovias II – Matopiba (2016)



Fonte: Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. Disponível em: <https://goo.gl/HzW8vt>. Acesso em: 1ª ago. 2016.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

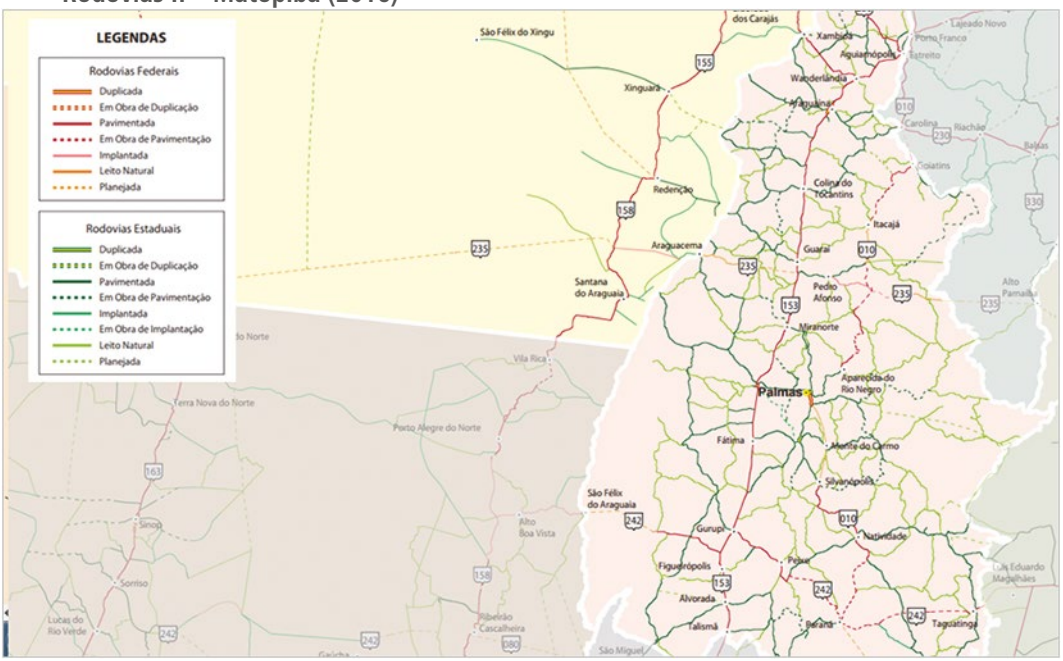
4.5 Infraestrutura rodoviária

Os mapas 35 e 36 apresentam a malha rodoviária na região do Matopiba, com as rodovias estaduais e federais existentes e em obras, tanto de duplicação como de pavimentação. É possível observar que a região central do Matopiba possui mais estradas em obras do que as demais partes da região, com destaque para o extremo oeste baiano, o Tocantins e o Piauí. Muito embora a existência de rodovias seja sinal de desenvolvimento regional, elas não são a melhor opção para o transporte de cargas, principalmente agrícolas, pelo alto custo do frete em relação aos outros modais de transporte, como hidroviário e ferroviário. Ademais, é considerado pouco adequado para o transporte de grãos de baixo valor agregado em distâncias superiores a 150 km, sendo mesmo assim o modal mais utilizado resultando em custos maiores e congestionamentos de caminhões nas regiões portuárias nos períodos de safra (Castro, 2017).

MAPA 35
Rodovias I – Matopiba (2016)

Fonte: Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. Disponível em: <https://goo.gl/HzW8vt>. Acesso em: 1º ago. 2016.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

MAPA 36
Rodovias II – Matopiba (2016)



Fonte: Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil. Disponível em: <https://goo.gl/HzW8vt>. Acesso em: 1ª ago. 2016.
Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A ineficiência no setor de transportes no geral no Brasil acarreta custos para toda a sociedade, pois geram uma baixa competitividade dos produtos brasileiros no mercado externo e, consequentemente, menor geração de divisas. Fato ocasionado pelo baixo investimento em infraestrutura, o que leva a alguns problemas, como malha insuficiente para atender a todas as regiões produtoras, somada à baixa manutenção desta malha, resultante da opção pelo modal rodoviário de transporte e pouca utilização da intermodalidade de transporte, além da baixa eficiência dos portos brasileiros.

Esse é um gargalo de difícil resolução no Brasil, pois a taxa de investimento em infraestrutura no país é menor que a considerada ideal para promover o desenvolvimento, levando a perdas econômicas para o país devido ao aumento do custo de transporte. A tabela 18 apresenta uma comparação dos modais de transporte hidroviário, ferroviário e rodoviário, evidenciando a diferença de custo entre o modal rodoviário, que chega a R$ 0,056/km para transportar 1 tonelada, ante os R$ 0,016/km do transporte ferroviário e R$ 0,009/km do transporte hidroviário.

TABELA 18
Comparativo de características dos modais de transporte hidroviário, ferroviário e rodoviário

Atributos	Hidroviário	Ferroviário	Rodoviário
Peso morto por tonelada transportada (kg)	350	800	700
Força de tração (kg arrastados por cavalo-vapor)	4000	500	150
Investimentos para transportar 1 mil toneladas (US$ milhões)	0,46	1,55	1,86
Distância percorrida (km) com 1 litro de combustível e carga de 1 tonelada	219	86	25
Vida útil (anos de uso)	50	30	10
Custo médio (R$/km) para transportar 1 tonelada	0,009	0,016	0,056

Fonte: Afonso (2006)[25] *apud* Castro (2017).

4.6 Estações meteorológicas

Há um projeto de desenvolvimento regional, e o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), vinculado ao Mapa, está instalando estações meteorológicas na região. Esse tipo de investimento é importante para a agricultura, pois auxilia na previsão e na análise climática para evitar perdas na lavoura, o que facilitaria o planejamento das safras e reduziria os riscos naturais inerentes ao agronegócio. Estava prevista a instalação de nove estações automáticas no ano de 2016, que se somariam às 23 estações convencionais e 33 estações automáticas existentes. Segundo o *site* do Mapa, as estações automáticas coletam e disseminam, em tempo real, dados sobre chuva, temperatura, umidade do ar, radiação solar, pressão atmosférica, direção e velocidade dos ventos e demais fenômenos meteorológicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Matopiba se destaca por seu tamanho e sua importância crescentes, sendo considerada a segunda maior área agrícola brasileira, depois do Centro-Oeste, o que resultou na tentativa de criação de uma superintendência própria, que foi extinta antes de sua implantação. Entre os anos 2000 e 2013, os números da região foram expressivos, ultrapassando em muitas vezes os dados para os estados do Matopiba e até mesmo do Brasil, como o crescimento populacional de 20,6%, resultando atualmente em 6,2 milhões de pessoas no território.

25. Afonso, H. *Análise dos custos de transporte da soja brasileira*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto Militar de Engenharia, Rio de Janeiro, 2006.

O PIB total cresceu 542% para o mesmo período, baseado preponderantemente na agricultura. Muito embora a participação dos setores no PIB seja de 18,9% na agricultura, 15,9% na indústria e 65,3% nos serviços, é importante considerar que as atividades relacionadas ao setor de serviços possuem forte relação com o setor agrícola. Este, voltado em grande medida para a produção de grãos, cresceu 1,437% no período analisado, resultado de investimentos em tecnologia e ganhos de produtividade, enquanto no Brasil o crescimento foi de 236%.

Também não se deve ignorar as vantagens da região para a produção de grãos, como as condições edafoclimáticas e a existência do aquífero Urucuia, além da proximidade dos mercados americano e europeu, através do porto de Itaqui (MA). Para além das vantagens naturais, também há muito investimento sendo realizado na atividade agropecuária no oeste baiano, considerado o berço do desenvolvimento do Matopiba e a região mais próspera e rica da região. O extremo oeste da Bahia também tem recebido investimentos em outras áreas, como na pecuária leiteira e na implantação de empresas de insumos.

Como se trata de uma agricultura moderna com capital intensivo, o fator trabalho é pouco utilizado. Com isso, o PIB aumentou muito, entretanto, a distribuição de renda não seguiu a mesma trajetória, o que trouxe crescimento, porém não trouxe desenvolvimento necessário. Assim, é possível afirmar que se trata de uma região de enclave, sob domínio de dois agentes econômicos: grupos multinacionais e grandes proprietários fundiários. Além disso, é uma região de difícil coalisão, devido às diferentes forças existentes na região, como a agricultura empresarial, áreas de preservação, agricultura familiar, quilombolas e indígenas.

A distribuição de renda medida pelo PIB *per capita* mostra que, apesar do crescimento no período, seu ritmo foi mais modesto, dada a abundância de riqueza criada na região. Dados que se confirmam quando se observa os dados sociais, como IDH, acesso a água e esgoto, escolas, hospitais, condição do domicílio, expectativa de vida, taxa de natalidade/mortalidade, entre outros indicadores, mostram o quanto uma região é desenvolvida.

Os dados sobre remunerações e salários no Matopiba mostram que na região estes foram mais elevados que o observado para todo o território brasileiro. Tal crescimento é fruto da atração de empresas, negócios e outras diversas atividades para a região, mas, também, resultado do aumento generalizado da renda média nacional no período, consequência da combinação de crescimento econômico com políticas públicas que aumentaram o padrão de vida do brasileiro, o que colocou grande parte da população dentro da classe média

brasileira. Assim, nota-se que, mesmo com todo o vigor apresentado no Brasil, a região do Matopiba conseguiu ter maior incremento nos salários e remunerações no período.

A infraestrutura adequada para o desenvolvimento agrícola também pode trazer impactos positivos para diminuir a desigualdade social local. A partir de eletrificação rural, aumento da capacidade de armazenamento de grãos, melhoria de estradas e terminais portuários, entre outros, é possível aumentar a competitividade dos grãos para exportação e produzir ração para a criação de frangos e suínos, a fim de promover a atração de granjas e abatedouros para a região. Entretanto, trata-se de um gargalo de difícil resolução no Brasil, pois a taxa de investimento em infraestrutura no país é menor do que a considerada ideal para promover o desenvolvimento, levando a perdas econômicas para o país. De todo modo, a região vem atraindo investimentos públicos e privados para melhoria da infraestrutura, porém são investimentos voltados para a agricultura e o escoamento dos grãos, o que não necessariamente traz melhorias para a qualidade de vida das pessoas que ali vivem, mas sim para os negócios executados na região.

Este trabalho procurou contribuir para fomentar a produção de mais estudos sobre o Matopiba, pois, apesar da importância da região, esta ainda carece de mais dados e análises sobre sua dinâmica e seu processo de desenvolvimento. Dessa maneira, como já mencionado, cabe a afirmação de Evaristo Miranda, da Embrapa, de que a região do matopiba é um "arquipélago de ilhas de prosperidade num mar de pobreza e miséria rural" (Miranda, 2015), ou seja, apesar da riqueza observada na região, a concentração de renda é um problema que deve ser estudado e atenuado através de políticas públicas voltadas à população mais vulnerável, e adequado por meio de um planejamento econômico que corrija as distorções de renda.

REFERÊNCIAS

BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2004.

BRASIL. Decreto nº 8.447, de 6 de maio de 2015. Dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba e a criação de seu comitê gestor. **Diário Oficial**, Brasília, n. 85, p. 2, 7 maio 2015. Seção 1. Disponível em: <https://goo.gl/dw49K6>. Acesso em: 5 fev. 2018.

CAGNIN, R. F. *et al*. A gestão macroeconômica do governo Dilma (2011 e 2012). **Novos Estudos Ceprab**, n. 97, p. 169-185, nov. 2013.

CANO, W.; SILVA, A. L. G. **Política industrial do governo Lula**. Curitiba: IE/Unicamp, jul. 2010. (Texto para Discussão, n. 181).

CASTRO, C. N. O agronegócio e os desafios da infraestrutura de transporte na região Centro-Oeste. *In*: NETO, A. M.; CASTRO, C. N.; BRANDÃO, C. A. **Desenvolvimento regional no Brasil**: políticas, estratégias e perspectivas. Brasília: Ipea, 2017. 482p.

CONAB – COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**. Safra 2015/2016, v. 3, n. 8, maio 2016. Disponível em: <https://goo.gl/wKnxTZ>. Acesso em: 5 fev. 2018.

D'ARCE, M. A. B. R. **Pós-colheita e armazenamento de grãos**. Texto compilado para a disciplina LAN 2444 Tecnologia de Produtos Agropecuários. Depto. Agroindústria, Alimentos e Nutrição da Esalq/USP, [s. d.]. Disponível em: <https://goo.gl/4rckmc>. Acesso em: 5 fev. 2018.

EMBRAPA – EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Sorgo: opção rentável para a safrinha. **Jornal eletrônico da Embrapa Milho e Sorgo**, Sete Lagoas, MG, ano 2, 12. ed., mar. 2009. Disponível em: <https://goo.gl/FRU6hk>. Acesso em: 5 jan. 2018.

ESQUERDO, J. C. D. M. *et al*. Dinâmica da agricultura anual na região do Matopiba. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO (SBSR), 17., 2015, João Pessoa, Paraíba. **Anais**... João Pessoa: Inpe, 2015.

ESTADO DA BAHIA. Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado da Bahia (Secom-BA). Grupo chinês vai investir na construção e operação do porto Sul e Fiol. **Secom.ba.gov.br**, 8 mar. 2016. Disponível em: ≤https://goo.gl/Tku21b>. Acesso em: 6 fev. 2018.

FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Modalidades de terras indígenas**. Funai, [s.d.]. Disponível em: <https://goo.gl/SSzc5Y>. Acesso em: 29 ago. 2016.

LACERDA FILHO, A. F.; SILVA, J. S.; REZENDE, R. C. Estruturas para armazenagem de grãos. *In*: SILVA, J. S. **Secagem e armazenagem de produtos agrícolas**. 2. ed. Viçosa, MG: Editora Aprenda Fácil. 2008.

LANDAU, E. C.; GUIMARÃES, D. P.; SOUSA, D. L. **Expansão geográfica da agricultura irrigada por pivôs centrais na região do Matopiba entre 1985 e 2015**. Sete Lagoas, MG: Embrapa Milho e Sorgo, 2016. (Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, n. 135).

MANGABEIRA, J. A. C.; MAGALHÃES, L. A.; DALTIO, J. **Matopiba**: quadro socioeconômico. Campinas: Gite/Embrapa, 2015. (Nota Técnica, n. 8).

MATOPIBA se consolida como nova fronteira agrícola do País. **Portal Brasil**, 13 out. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/GmdBo4>.

MIRANDA, E. Matopiba: desenvolver a agricultura ou os agricultores? **Evaristodemiranda.com.br**, 6 maio 2015. Disponível em: <www.evaristodemiranda.com.br>.

NEOZELANDESES anunciam expansão da Letíssimo em Jaborandi. Seagri.ba.gov.br, 3 dez.

2013. Disponível em: <https://goo.gl/xt1A67>.

SÁ, H. A.; MORAIS, L.; CAMPOS, C. S. S. Que desenvolvimento é esse? Análise da expansão do agronegócio da soja na área do Matopiba a partir de uma perspectiva furtadiana. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE ECONOMIA, 21., 2015, Curitiba, Paraná. **Anais**... Curitiba, 2015.

TEIXEIRA, R. A.; PINTO, E. C. A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, número especial, p. 909-941, dez. 2012.

VASCONCELOS, L. F. S. **O aeroporto como integrante de um projeto de desenvolvimento regional**: a experiência brasileira. 2007. Dissertação (Mestrado). UnB, Brasília, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MIRANDA, E. Agricultura e preservação ambiental no Mapitoba. **Evaristodemiranda.com.br**, 1º out. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/A51xDF>.

ANEXO A

QUADRO A.1
Classificação Nacional de Atividades Econômicas – classes e subclasses

A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura
01	Agricultura, pecuária e serviços relacionados
02	Produção florestal
03	Pesca e aquicultura
B	Indústrias extrativas
05	Extração de carvão mineral
06	Extração de petróleo e gás natural
07	Extração de minerais metálicos
08	Extração de minerais não metálicos
09	Atividades de apoio à extração de minerais
C	Indústrias de transformação
10	Fabricação de produtos alimentícios
11	Fabricação de bebidas
12	Fabricação de produtos do fumo
13	Fabricação de produtos têxteis
14	Confecção de artigos do vestuário e acessórios
15	Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados
16	Fabricação de produtos de madeira
17	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel
18	Impressão e reprodução de gravações
19	Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis
20	Fabricação de produtos químicos
21	Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos
22	Fabricação de produtos de borracha e de material plástico
23	Fabricação de produtos de minerais não metálicos
24	Metalurgia
25	Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos
26	Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos
27	Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos
28	Fabricação de máquinas e equipamentos
29	Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias
30	Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores
31	Fabricação de móveis
32	Fabricação de produtos diversos
33	Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos

(Continuação)

(Continuação)

D	Eletricidade e gás
35	Eletricidade, gás e outras utilidades
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação
36	Captação, tratamento e distribuição de água
37	Esgoto e atividades relacionadas
38	Coleta, tratamento e disposição de resíduos; recuperação de materiais
39	Descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos
F	Construção
41	Construção de edifícios
42	Obras de infraestrutura
43	Serviços especializados para construção
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas
45	Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas
46	Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas
47	Comércio varejista
H	Transporte, armazenagem e correio
49	Transporte terrestre
50	Transporte aquaviário
51	Transporte aéreo
52	Armazenamento e atividades auxiliares dos transportes
53	Correio e outras atividades de entrega
I	Alojamento e alimentação
55	Alojamento
56	Alimentação
J	Informação e comunicação
58	Edição e edição integrada à impressão
59	Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão; gravação de som e edição de música
60	Atividades de rádio e de televisão
61	Telecomunicações
62	Atividades dos serviços de tecnologia da informação
63	Atividades de prestação de serviços de informação
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados
64	Atividades de serviços financeiros
65	Seguros, resseguros, previdência complementar e planos de saúde
66	Atividades auxiliares dos serviços financeiros, seguros, previdência complementar e planos de saúde
L	Atividades imobiliárias
68	Atividades imobiliárias

(Continuação)

(Continuação)

M	Atividades profissionais, científicas e técnicas
69	Atividades jurídicas, de contabilidade e de auditoria
70	Atividades de sedes de empresas e de consultoria em gestão empresarial
71	Serviços de arquitetura e engenharia; testes e análises técnicas
72	Pesquisa e desenvolvimento científico
73	Publicidade e pesquisa de mercado
74	Outras atividades profissionais, científicas e técnicas
75	Atividades veterinárias
N	Atividades administrativas e serviços complementares
77	Aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros
78	Seleção, agenciamento e locação de mão de obra
79	Agências de viagens, operadores turísticos e serviços de reservas
80	Atividades de vigilância, segurança e investigação
81	Serviços para edifícios e atividades paisagísticas
82	Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados principalmente às empresas
O	Administração pública, defesa e seguridade social
84	Administração pública, defesa e seguridade social
P	Educação
85	Educação
Q	Saúde humana e serviços sociais
86	Atividades de atenção à saúde humana
87	Atividades de atenção à saúde humana integradas com assistência social, prestadas em residências coletivas e particulares
88	Serviços de assistência social sem alojamento
R	Artes, cultura, esporte e recreação
90	Atividades artísticas, criativas e de espetáculos
91	Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental
92	Atividades de exploração de jogos de azar e apostas
93	Atividades esportivas e de recreação e lazer
S	Outras atividades de serviços
94	Atividades de organizações associativas
95	Reparação e manutenção de equipamentos de informática e comunicação e de objetos pessoais e domésticos
96	Outras atividades de serviços pessoais
T	Serviços domésticos
97	Serviços domésticos
U	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais
99	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Assessoria de Imprensa e Comunicação

EDITORIAL

Coordenação
Cláudio Passos de Oliveira

Supervisão
Everson da Silva Moura
Leonardo Moreira Vallejo

Revisão
Ana Clara Escórcio Xavier
Camilla de Miranda Mariath Gomes
Clícia Silveira Rodrigues
Idalina Barbara de Castro
Olavo Mesquita de Carvalho
Regina Marta de Aguiar
Reginaldo da Silva Domingos
Hislla Suellen Moreira Ramalho (estagiária)
Lilian de Lima Gonçalves (estagiária)
Lynda Luanne Almeida Duarte (estagiária)
Luiz Gustavo Campos de Araújo Souza (estagiário)

Editoração
Aeromilson Trajano de Mesquita
Bernar José Vieira
Cristiano Ferreira de Araújo
Danilo Leite de Macedo Tavares
Herllyson da Silva Souza
Jeovah Herculano Szervinsk Junior
Leonardo Hideki Higa

Capa
Danielle de Oliveira Ayres
Flaviane Dias de Sant'ana

Projeto Gráfico
Renato Rodrigues Bueno

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria Ipea
SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo
70076-900 – Brasília – DF
Tel.: (61) 2026-5336
Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Composto em adobe garamond pro 12/16 (texto)
Frutiger 67 bold condensed (títulos, gráficos e tabelas)
Impresso em offset 90g/m² (miolo)
Cartão supremo 250g/m² (capa)
Brasília-DF

Missão do Ipea
Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

ORDEM E PROGRESSO
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ISSN 1415-4765